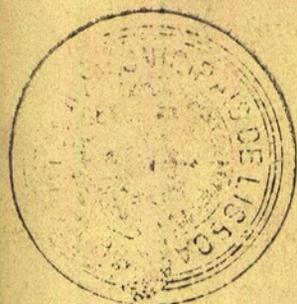


COMPRAR
7 - ABRIL 1940

SERÕES



REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA

SUMMARIO

ROSARIO. — UNIÃO PELA VIDA. —
UMA TOURADA DE CORDA. — DE
LISBOA A MOÇAMBIQUE. — DISFAR-
CE INUTIL. — RACHEL. — NOVO MO-
TOR SOLAR. — SANTA ADOZINDA. —
O COLLAR DA RAINHA. — NOVO SIGNAL
SUBMARINO. — EM QUINTA FEIRA DA
ASCENÇÃO. — MODAS. — VARIÉDADES.

VOL. I

MAIO & JUNHO — 1901

NUM. 3

SUMMARIO

	Pag.
ROSARIO. — <i>Com 4 gravuras, cópias de quadros e illustrações.</i>	130
UNIÃO PELA VIDA. — <i>Com 11 gravuras, copias de photographias e illustrações</i>	133
UMA TOURADA DE CORDA. — COSTUMES DOS AÇORES. — <i>Por FAUSTINO DA FONSECA.</i> — <i>Com 5 gravuras, copia de photographias.</i>	140
DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — <i>Por ANTONIO ENNES.</i> — <i>Capitulo III — MOÇAMBIQUE, O PORTO, A ILHA, A CIDADE, O CONTINENTE, AS CABACEIRAS, O MOSSURIL.</i> — <i>Com 11 gravuras, reproducções de photographias, e assignatura autographa</i>	145
DISFARCE INUTIL. — SCENAS DA VIDA INGLEZA. — <i>Com 5 gravuras de illustração</i>	159
RACHEL. — <i>Valsa por LAURA ESCRICH.</i> — <i>Com o retrato da auctora.</i>	164
NOVO MOTOR SOLAR. — <i>Com 1 illustração</i>	168
SANTA ADOZINDA. — <i>Novella rustica por ABEL BOTELHO.</i> — <i>Capitulo III — UMA NOITE DECISIVA.</i> — <i>Com 3 gravuras, desenhos de A. Benarus</i>	169
O COLLAR DA RAINHA. — MYSTERIOS DA HISTORIA. — <i>Com 8 gravuras, copia de photographias e illustrações</i>	177
NOVO SIGNAL SUBMARINO. — <i>Com 1 illustração</i>	186
EM QUINTA FEIRA DA ASCENÇÃO. — <i>Com 3 illustrações</i>	187
MODAS. — <i>Com 5 illustrações.</i>	189
VARIEDADES. — O EXPRESSO RELAMPAGO, MEMENTO ENCYCLOPEDICO, PHOTOGRAPHIA PRATICA, PROBLEMAS. — <i>Com 6 gravuras</i>	XVII

62 GRAVURAS

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes em qualquer outra terra do paiz poderão inscrever-se por:

Series de }	3 numeros	600
	6 numeros	1\$200
	12 numeros	2\$200

remettendo á administração dos **SERÕES**, em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente* ou por intermedio dos correspondentes da empresa.

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio.

M. GOMES LIVREIRO-EDITOR

LIVREIRO DE SUAS Magestades e Altezas

Lisboa — 61, Rua Garrett (Chiado), 61 — Lisboa

EXTRACTO DO CATALOGO GERAL

OS POETAS

CONDE DE MONSARAZ

(Macedo Papança)

POESIAS — <i>O ultimo romantico</i> — <i>Paginas soltas</i> , 1 vol.	1\$000 rs.
CATHARINA D'ATHAIDE — <i>Telas historicas</i> , 1 vol.	1\$000 rs.
GRISÉLIA (<i>Mysterio</i>), traducção li- vre, 1 vol.	500 rs.

CESARIO VERDE

O LIVRO DE CESARIO VERDE

1 volume com retrato por <i>Co- lumbano</i> , reimpressão textual da 1. ^a edição feita por <i>Silva Pinto</i>	500 rs.
---	---------

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

POEMAS — <i>Mysticos</i> — <i>Antigos</i> — <i>Modernos</i> , 1 vol.	600 rs.	SONETOS — 1 volume impresso a 2 côres	800 rs.
O AUTO DOS ESQUECIDOS — Dra- ma (premiado) 1 vol.	500 rs.	O CAVALLEIRO FALSTAFF — Co- media	500 rs.

NO PRÉLO, DO MESMO AUCTOR :

FIGULINAS

1 volume de *Scenas e Contos*, illustrado

OS AMORES DE JULIA

2.^a edição, revista e illustrada

GORREIA GARÇÃO

OBRAS POETICAS E ORATORIAS — *Com introdução e notas de AZEVEDO CASTRO*
1 volume em magnifico papel, de 625 pag. com *encadrements* diversos a côres... 1\$500 rs

ANTONIO FEIJÓ

ILHA DOS AMORES — 1 vol.	700 rs.	ESPIRITO GENTIL — 1 vol.	600 rs.
-------------------------------	---------	-------------------------------	---------

LUIZ OSORIO

ANTHERO DE QUENTAL

RAIOS DE EXTINGTA LUZ — <i>Poesias inéditas, publicadas por TH. BRAGA</i> — 1 vol.	500 rs.
--	---------

EUGENIO DE CASTRO

SYLVA — 1 bello vol. com retrato.	800 rs.	PARAISO PERDIDO — 1 vol.	700 rs.
-----------------------------------	---------	-------------------------------	---------

A. D'OLIVEIRA SOARES

JOSÉ BENOLIEL

ECHOS DA SOLIDÃO — 1 vol.	600 rs.	RHYTMAS E RHYTMOS — 1 vol. .	600 rs.
--------------------------------	---------	------------------------------	---------

RAMIRO DOS SANTOS

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

A MORTA — Drama em 5 actos..	600 rs.	CARTA A UM POETA — 1 vol. ...	1\$00 rs
------------------------------	---------	-------------------------------	----------

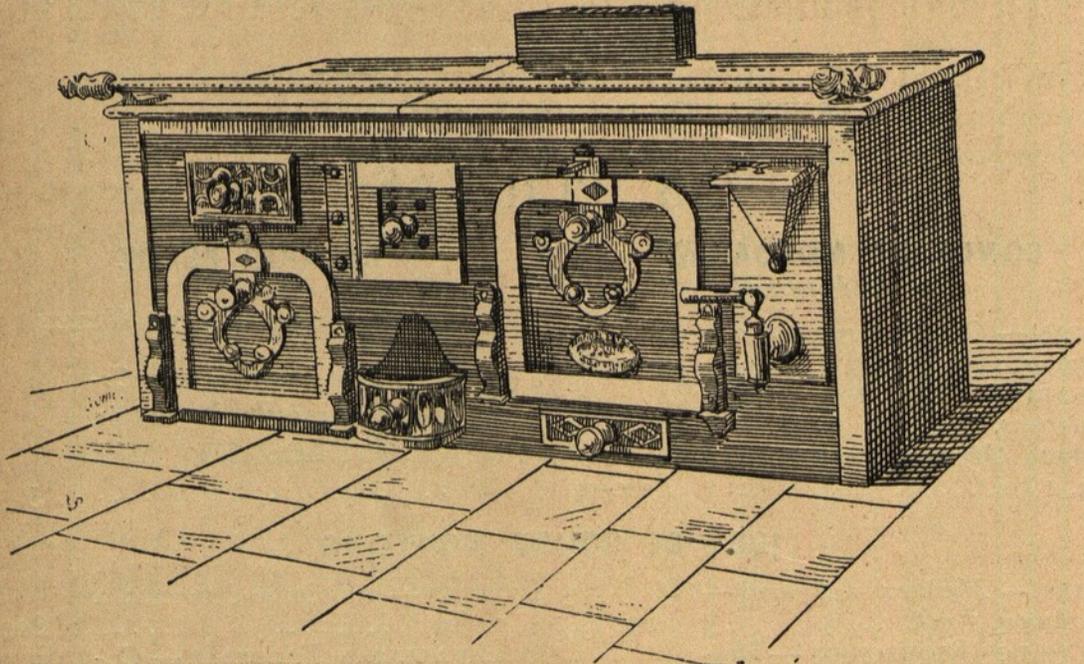
GUEDES TEIXEIRA

LIVRARIA DE M. GOMES — CHIADO 61, LISBOA

MANUFACTURAS DE FERRO, COBRE E BRONZE MANUEL PATRONE

*Executam-se todos os trabalhos de serralheria civil e mechanica, montagem de aparelhos
para gaz acetylene e outros e de electricidade*

ESPECIALIDADE EM FOGÕES CIRCULARES E FOGAREIROS ECONOMICOS



Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

RUA DE S. PAULO, 109

ESTABELECIMENTO FUNDADO EM 1874

ESPECIALIDADE

EM

TECIDOS ESTRANGEIROS

Lopes de Sequeira

Sempre ultimos modelos

VESTIDOS, CONFECCOES E CHAPEUS

Rua do Ouro, 285 a 293

LISBOA

SASSETTI & C.^A

EDITORES DE MUSICA

LISBOA — 56, Rua do Carmo, 56 — LISBOA

ESTABELECIMENTO FUNDADO EM 1 DE JANEIRO DE 1848

UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DOS EDITORES

G. RICORDI & C.^{IE} DE MILÃO

HEUGEL & C.^{IE} DE PARIS

E

SCHIEDMAYER & SOHNE, DE STUTTGART — FABRICA DE PIANOS FUNDADA EM 1781

—

GRANDE SORTIMENTO DE PIANOS

DOS

PRINCIPAES FABRICANTES FRANCEZES E ALLEMÃES

Orgãos francezes e americanos

ALUGAM-SE, AFINAM-SE E CONCERTAM-SE PIANOS

Enorme sortimento de musica nacional e estrangeira das principaes casas editoras da Allemanha, Belgica, França, Hespanha, Inglaterra, Italia, Russia, etc., etc.

Metronomos, chaves de afinar, alamirés, isoladores para pianos, rolos para musica e muitos outros artigos proprios d'este ramo de commercio

Encarregam-se de mandar copiar ou transportar qualquer musica

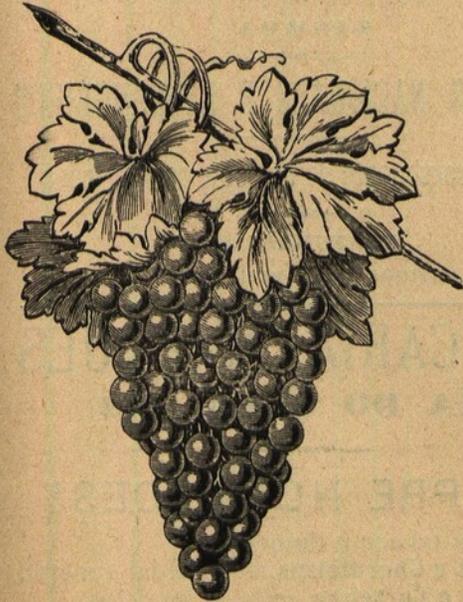
VENDAS A PRESTAÇÕES

CEPAS AMERICANAS

Enxertos

Barbados

Estacas



SELECCÕES PERFEITAS

MALLEU, BARNEDA & LLONCH

Figueras (Gerona) — HESPANHA

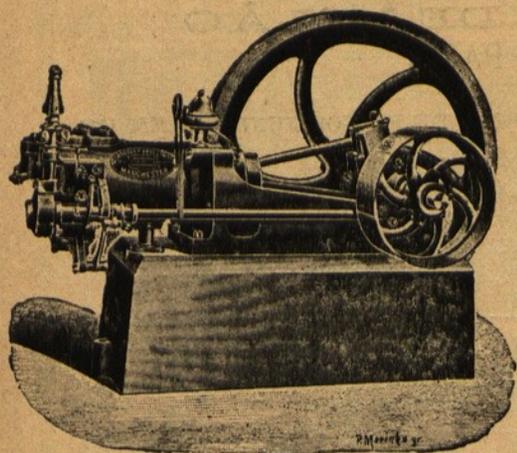
Representação para Portugal: — COMPANHIA CENTRO AGRICOLA INDUSTRIAL — LISBOA

21 A 31, RUA DO ARCO DO BANDEIRA

Carlos Corrêa da Silva

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES



MOTORES A GAZ

CROSSLEY

MACHINAS A VAPOR

MATERIAES

PARA

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA

Tintas de imprensa de CH. LORILLEUX & C.^{ie}

PITTA, CAMISEIRO

ENXOVAES COMPLETOS

Artigos de novidade
para homem

195, RUA AUGUSTA, 197
LISBOA

PINHEIRO & SOBRINHO

ALFAYATERIA

Rua de S. Julião, 83 a 87

GRANDE SORTIDO

DE

FAZENDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

CONFECCOES PARA HOMENS E CREAÇAS

*Encarregam-se de todos os trabalhos do seu genero
garantindo a sua perfeição*

Rua de S. Julião, 83 a 87
LISBOA

A PHENIX

RUA DO PRINCIPE

Edificio do Avenida Palace

LISBOA

TABACOS NACIONAES E ESTRANGEIROS

Variado sortimento de objectos para brindes

PERFUMARIAS

ARTIGOS PARA FUMADORES

TABACARIA MARQUES

RUA DO OURO, 152

SEMPRE NOVIDADES!

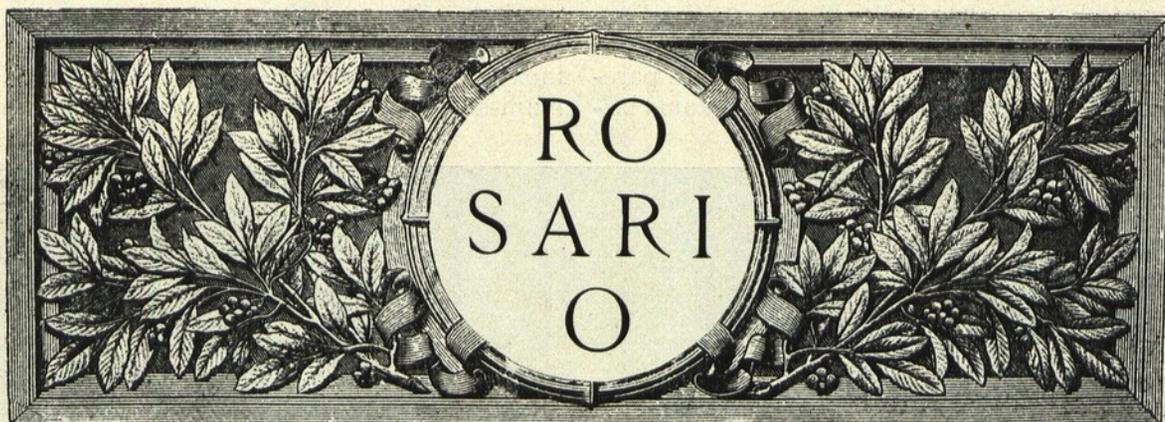
Bolsas para tabaco e dinheiro.
Cigarreiras e Charuteiras, de cabedal e metal.
Bilheteiras e Carteiras, ultimos modelos.
Cachimbos d'ambar, espuma e raiz.
Boquilhas, legitimo ambar amarello e preto.
Boquilhas hygienicas Marques, com deposito
para nicotina.

Revistas navaes, militares, theatraes e modas

Obras litterarias e romanticas



MARIA — QUADRO DE FRANZ MULLER



UM rescripto apostolico do papa Pio VII dedicou definitivamente a Maria o mez de maio; fez da efflorescencia exuberante das rosas um rosario de invocações mysticas; oppôz ás festas tradicionaes da Flora pagã a consagração ideal da mãe do Christo; enlaçou toda a poesia da maternidade sublime, que gera o proprio Deus, á fecundidade prodigiosa da natureza que tudo renova, que matiza a verdura e perfuma as brisas tepidas, soprando em prodiga dessiminação o pollen creador.

Este é mais um curioso exemplo da transformação que a igreja imprimiu aos costumes vindos do paganismo, subtilizando-lhes a significação e conservando-lhes a simplicidade primitiva. As festas de Maria foram as novas festas de maio, symbolisado na Flora da antiguidade; e por isso nos primeiros seculos da nossa era, harmonisando os textos biblicos com os usos populares, as commorações religiosas do mez tiveram aspecto de festas campestres e as flores inundaram os templos; teceram-se grinaldas de rosas para decorar os altares, como se compozeram os rosarios para enflorar a piedade dos cren-tes.

A symbolisação da pintura christã, de que é commentario a gravura reproduzida, obedeceu a esta substituição graduada dos costumes. Na numerosa serie de figurações idealisadas pela imaginação dos artistas para representar a Virgem, separam-se facilmente, distinguem-se caracteristicamente, quando um estudo attento e critico as compara, aquellas que, n'um movimento espontaneo e sincero da inspiração, fixam na tela a imagem simples, tradicional da Flora christã, ou da Rosa mystica, como lhe chama a ladainha vulgar.

A arte, abandonando a exuberancia da forma correcta e pura que symbolisava sensualmente a perfeição humana, quando a philosophia polytheista, envolta na sugges-

tiva roupagem dos mythos primitivos, elevava a deuses os homens ou dava áquelles forma humana, divinizando as virtudes e as paixões, os elementos e a força, a arte concentra no modelado da cabeça, em supremo esforço de idealisação, toda a expressão suavissima da nova crença que, ao invéz da antiga, fazia descer á terra, tomando a condição humana, o espirito divino. A arte para obedecer á concepção religiosa despreza a anatomia e no desenho restricto limita a forma ao minimo de figura que, sem falsear a verdade, antes possa suggerir a concepção ideal, como se pintando uma rosa, lhe fixasse apenas na tela o perfume subtil.

Tal é o quadro de Maria que constitue o frontispicio d'este numero, para definição artistica do mez de maio; e para completar na sua feição tradicional, sempre subsistente e sempre renovada, porque deriva immediatamente da propria natureza, aquella definição, a segunda gravura reproduz um quadro do moderno symbolismo pagão das festas de maio, no grupo gentil de rosas animadas que, como um cantico de innocencia entoada pela juventude em glorificação da natureza generosa, vão prepassando por entre as arvores do parque na alegria descuidada da vida em flor e risos.

Com effeito, nada mais jovial e suggestivo do que as côres vivas das rosas. Não sei que intima affinidade prende o riso á côr; mas quando vejo rosas soltas no regaço de mulher não sei se são ellas que sorriem, se é o sorriso que tem a côr viva ou desbotada, conforme a expressão sentida ou cruel, mas sempre mysteriosa, que Vinci soube fixar no retrato da Gioconda. Para que a correlação de factos seja completa, tambem as rosas têm a côr do sangue, ennegrecido como um desgosto, pisado como uma magoa; como têm a côr branca, d'uma brancura immaculada, a côr da dôce paz interior na consciencia limpida. Ha risos amarells, de desdem esmagador,

como ha rosas amarellas finamente ironicas. Ha risos vermelhos d'uma sensualidade provocante, como ha rosas tão vivas que parecem decotadas na folhagem verde n'uma las-

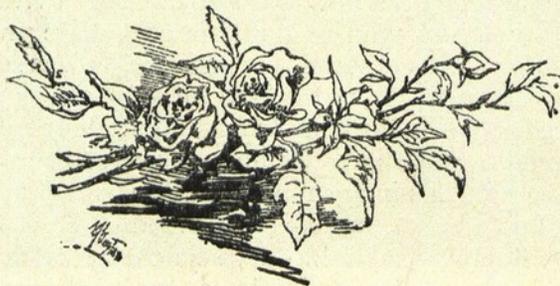
um botão de rosa offerece occulto entre espinhos. São secretas estas relações de factos, inexplicaveis, mysteriosas; [todavia approximam-se, em comparação naturalista, as ro-

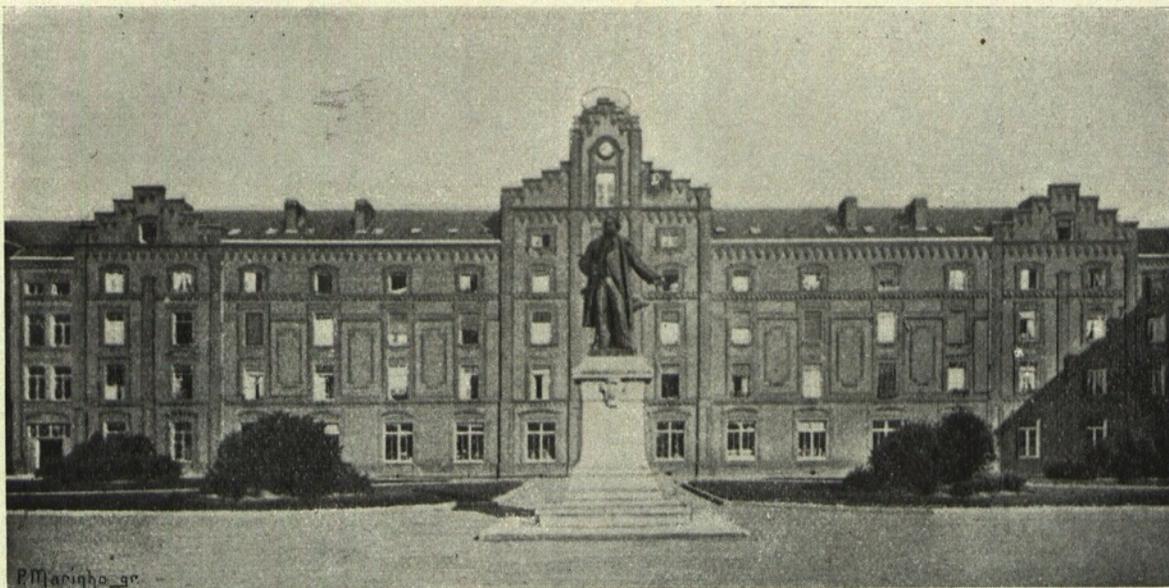


ROSAS DE MAIO — QUADRO DE W. MENZLER

civia enebriante. Ha risos meigos nos labios finos d'uma mulher que lembram, por suggestão immediata, a promessa da florescencia que

sas e as mulheres, as côres d'umas e os risos das outras n'um symbolismo espontaneo que impressiona até as almas rudes.





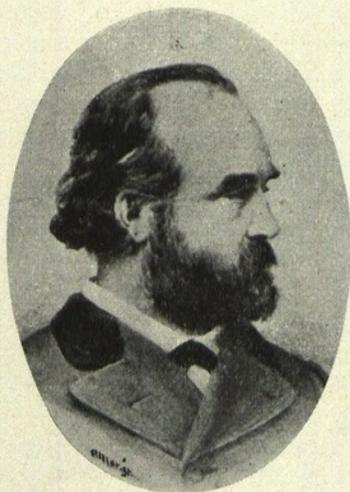
FACHADA PRINCIPAL DO FAMILISTERIO

União pela Vida

Substituindo por esta formula pacifica o conflicto de classes que a desigualdade de condições provoca, attenuando por esforço de vontade a crueza do «struggle for life» que selecciona os mais fortes, vê-se n'este momento, e em todos os paizes, o trabalho organisador das grandes lutas sociaes congregar-se n'uma propaganda salutar de resultados immediatos, preparadora de resoluções mais definidas que melhor satisfaçam ao ideal de justiça.

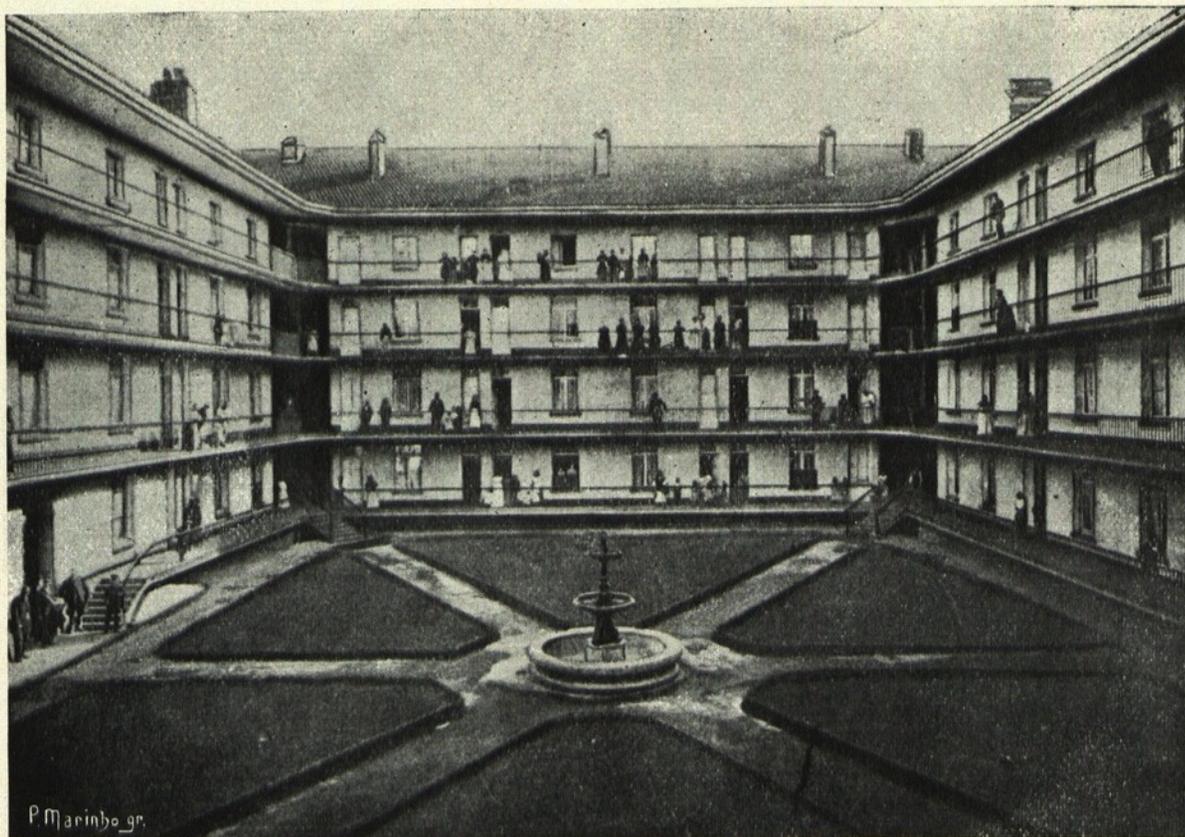
Esboçamos no artigo que segue o estudo d'uma instituição na qual, associando-se o capital e o trabalho, a UNIÃO PELA VIDA tem conseguido vantagens dignas de attenção, como uma das mais curiosas experiencias de reforma social. Referimos-nos ao FAMILISTERIO de Guise, em França, com uma succursal na Belgica, junto de Bruxellas, cuja fundação é devida a um benemerito pensador, filho do povo e do trabalho, e cujo funcionamento está justificado por viute annos de prosperos exercicios.

A UMA curta distancia, algumas centenas de metros, das ultimas casas da pequena cidade de Guise, no norte da França, vastas construcções em tijolillo levantam os seus tres andares, rasgadas as frontarias por altas janellas envidraçadas: um corpo do edificio central, flanqueado por outros dois que avançam, reserva ao centro uma especie de praça, onde se ergue a estatua do fundador Godin. Esta disposição monumental tem o quer que seja da magestosa apparencia d'um Versailles. No dia em que visitei o *Familisterio*, um bello sol alegre e vivificante illuminava as grandes fachadas vermelhas, penetrava pelas janellas abertas,



O FUNDADOR GODIN

enquadradas muitas por trepadeiras em flor, decoradas outras com as gaiolas de canarios chilreadores. Lembrava o exterior d'um grande quartel, similhava-se ás construcções monotonas dos conventos e dos grandes predios portuguezes; porem ao longo das frontarias, em baixo, canteiros de jardim em plena efflorescencia punham uma nota de verdura, um rodapé de alegria n'aquella severidade de construcção. Por detraz d'um store de verga corrido ha vozes frescas de mulher; ouve-se uma gargalhada argentina a repercutir o contentamento intimo, um trecho de canção popular illustrando sem duvida o trabalho caseiro. Atravessa-se o edificio cen-



UM DOS PATEOS INTERIORES

tral por uma abobada que vae do largo portal a um vasto pateo com cobertura de vidro, collocada na altura do telhado.

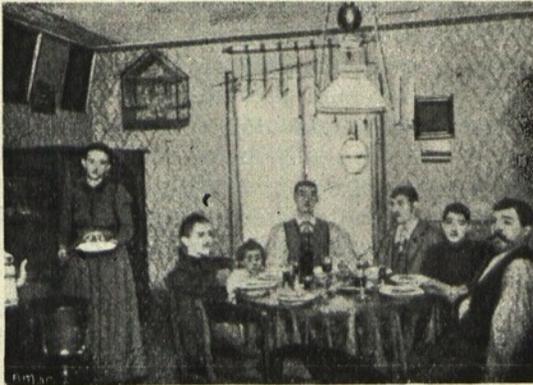
Em cada andar uma varanda toda corrida em volta do grande *hall*, e para a qual se abrem as portas brancas das moradias. Aquelle era o centro do immenso cortiço; tres edificios, tres outros pateos interiores, como este, reúnem perto de 500 moradas, onde se abrigam cerca de 1.600 pessoas. Eis ahi a habitação unitaria. Ali não havia já aquella alegria convidativa, *sympathica*, do aspecto exterior. A luz do sol escoava-se fria, diffusa, tamisada atravez da cobertura de vidro; as portas, numeradas a preto, alinhavam-se nas varandas, suggeriam a idea de clausura. Um habitante do *Familisterio*, delegado pela administração para me conduzir na visita, acompanhava-me e communiquei-lhe, attenuando-a quanto possivel, a impressão penosa que soffrera, a lembrança d'uma penitenciaria.

— Que idéa! respondeu admirado. Aqui vive-se livre e feliz; não ha um só que se lastime. Na cidade sim, que teem menos luz e menos ar nos quartos. Aqui ao contrario, está-se em pleno campo; as janellas dos edificios devassam um panorama esplendido. Por 5 francos por mez aluga-se um grande quarto; por 10 francos dois e assim por dian-

te. Cada um está em sua casa, perfeitamente independente, e com todas as commodidades da vida aqui mesmo, á mão: a padaria, o talho, a mercearia, o armazem de fazendas, tudo no rez do chão do *palacio*. Basta descer a escada. Venha ver.

Antes de seguir, algumas explicações complementares sobre a habitação unitaria, que foi uma das grandes preocupações do espirito bondoso do fundador Godin. «A habitação, escrevia elle n'uma das suas obras numerosas e uteis, é elemento essencial do bem estar da familia. Isto é tão perfeitamente comprehendido pelas classes ricas que a sua principal preocupação é dar-se o regalo d'uma bella casa». Godin propoz-se transformar a existencia do operario, resumindo todos os elementos de hygiene e de conforto, concentrando todas as cousas de uso geral, accessiveis a todos, e a habitação familisteriana foi edificada e organizada para este fim. Chamou-lhe o *Palacio social*, cujas entradas não tem portas, nem porteiros, para cada um poder entrar e sahir livremente e a qualquer hora. Para segurança dos habitantes ha rondas nocturnas; um serviço de incendio excellentemente montado; depositos d'agua na parte superior dos edificios. A agua é fornecida por um poço artesiano aberto n'uma collina proxima que domina o valle. Repucha

d'uma profundidade de 224 metros, e é conduzida sem contacto com o ar até ao *Familisterio* por canalisação de ferro. Em cada



Um interior do *Familisterio*

andar ha numerosas torneiras para abastecer as moradias.

A hygiene das habitações merece esmerada solicitude da administração. Os detrictos de legumes, o lixo, descem por conductas especiaes de cada andar a uma fossa, d'onde são diariamente retirados. As aguas sujas tem outro despejo e outra fossa. A lavagem de roupa, a barrella, prejudiciaes á conservação do edificio e á hygiene, são rigorosamente prohibidas no domicilio. A administração põe gratuitamente ao serviço da população do *Familisterio* magnificos lavadouros e seccadores ao ar livre no verão e em estufa no inverno, construidos com todos os requisitos que exige a sciencia e a economia recommenda.

O aceio interior das casas está debaixo da vigilancia do locatario ; mas a limpeza das escadas, das varandas corridas, dos pateos, de todas as cousas de uso commum, está a cargo da administração, bem como o serviço de iluminação durante a noute. A observação voluntaria dos regulamentos, o respeito absoluto da liberdade de cada um, a delicadeza de relações superiormente vigiada, o proprio bem estar dos locatarios, tem contribuido para tornar a habitação unitaria cada vez mais agradavel e desejada. E' preciso inscripção prévia para obter locação, que só com demorada espera se consegue, embora tenha progredido a construcção de novos edificios sob egual plano, que constituem os tres grupos do *Familisterio*.

Segundo o guia, percorri as vastas salas do rez do chão, onde se encontram installados os chamados serviços auxiliares: os armazens de vestuario, de mobiliario, de mercearia, a salchicharia, o talho, a venda de leite, a padaria, a carvoaria, o calçado, os banhos...

— Veja ; basta descer de casa, e tem aqui para comprar tudo que deseje. Ninguem a isso é obrigado ; cada qual com o seu dinheiro póde ir comprar onde quizer ; mas a vantagem está toda em utilizar os serviços da administração, onde se paga por quinzena, onde as compras são levadas ao livrete de conta corrente, por meio da qual se participa nos lucros commerciaes realizados e ao fim de cada anno distribuidos ao prorata das importancias compradas, segundo preceitos regulamentares.

— Todas as caixeiras e empregadas habitam o *Familisterio* ?

— Sem duvida, fazem parte da associação como os operarios das officinas. Em geral são mulheres ou irmãs d'elles, e os seus filhos são educados como os outros pela comunidade.

— Como assim ?

— O fundador Mr. Godin quiz que todas as creanças, nascidas no *Familisterio*, fossem até a idade de quatorze annos educadas, sem dispendio para os paes. Os gastos de educação das creanças são considerados gastos geraes da officina. Sómente existem lucros liquidos para a associação depois de descontado este dispendio.

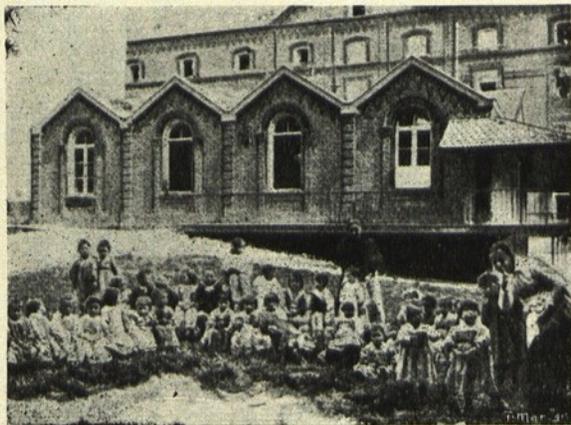
Conversando sahimos do *hall*, contornamos a fachada do edificio, e subito ao dobrar d'um angulo descobre-se novo aspecto que surprehende e encanta : bellas arvores, vasto relvado, uma especie de parque limitado pelo rio Oise, no centro do prado um *chalet* ligado por uma galeria envidraçada aos edificios centraes ; e por toda a parte duzentos ou trezentos bebés, vigiados por trinta e tantas mulheres, corriam, saltavam, riam, gritavam na saudavel plenitude da vida infantil, ao ar livre, sob o sol vivificador. Aquelle spectaculo apóz a visita do *Familisterio* deu-me a im-



Outro interior do *Familisterio*

pressão nova d'uma existencia collectiva, laboriosa e tranquilla ; pareceu-me vêr a familia engrandecida, a dos sonhos dos utopistas.

— Eis ahi o que nós chamamos o *Pouponnat*, disse-me o operario visivelmente satis-

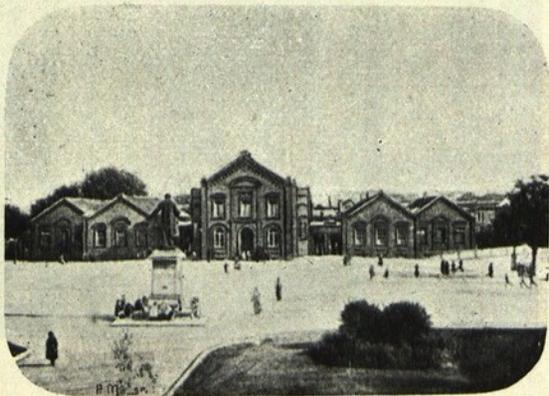


O *Pouponnat*

feito por ter adivinhado a minha admiração impressionista.

N'aquelle *chalet* ha berços, biberons, brinquedos, tudo quanto é necessario para as creanças desde que nascem até a idade de quatro annos. As mães podem ir vê-las nas horas de descanso, e no verão todo aquelle relvado lhes pertence. A administração fornece tudo: berços, roupas, leite, cuidados, vigilância. A' noite as mães veem buscá-las. Do outro lado da praça ha o grupo das escolas primarias, das classes maternas e infantis, para ambos os sexos, organisadas com o melhor methodo e dotadas com o melhor material. Os estatutos da associação estabelecem mesmo que as despesas de educação não sejam inferiores a determinada somma, e o dispendio effectuado tem-a excedido por vezes com bem entendida liberalidade.

Depois das escolas, a bibliotheca, de cerca de 3.000 volumes, jornaes e revistas, aberta á tarde até as 9 horas da noute e aos domin-



Grupo do *theatro* e das *escolas*

gos, com faculdade de leitura no domicilio, posta gratuitamente á disposição dos habitan-

tes do *Familisterio*; a sociedade de musica, o corpo dos bombeiros voluntarios, as sociedades do tiro á carabina, dos *archeiros* (tiro ao arco), de gymnastica, de esgrima, todas livremente estatuidas e frequentadas conforme as predilecções individuaes, sustentadas por pequenas quotas com subvenções da administração central; emfim o *theatro*, onde se representa frequentemente, onde se dão os concertos, onde se realisam as conferencias de instrucção, onde se reúnem as assembléas geraes, são elementos de distracção, de recreio util para os habitantes do *Familisterio* nas relações da sua existencia unitaria.

Ha duas grandes festas annuaes: a *festa do trabalho*, realisada no primeiro domingo de maio, e aproveitada para distribuição de recompensas aos que pela sua intelligencia, espirito inventivo e engenho trouxeram um aperfeiçoamento ao trabalho da officina; a *festa da infancia*, celebrada no primeiro domingo de outubro, para distribuição de premios escola-



Jardins e parque

res, para exposição dos trabalhos de costura e de desenho, e para uma representação de proverbios ou *saynetes* em que os pequenos artistas, de comportamento exemplar e de applicação superior, encontram a sua melhor recompensa, figurando em scena em deliciosos *travestis* de pequeninos pastores ou de flôres e de fadas, consoante a imaginosa urdidura das comedias infantis.

Para applicar o principio enunciado por Godin de que «o concurso da natureza nos factos da producção representa a parte dos fracos, dos doentes, dos invalidos, o que a humanidade deve a todos aquelles que tem necessidade de amparo», a associação familisteriana sustenta os seguros de mutua protecção, de pensões e do necessario á subsistencia, cuja receita, exclusivamente fornecida pela associação, constitue encargo social antes do apuro de lucros; mas subvenciona os seguros mutuos contra a doença, divididos nas

secções de trabalhadores, de mulheres, e de pharmacia e serviço funebre nos enterros, cuja organização, orçamentos, receitas e regulamentos, offerecem engenhosas lições de economia e de sciencia administrativa.

Mas d'onde provêm todo este conjunto quasi maravilhoso de vida organizada? Claro está, da producção lucrativa das officinas. Como funciona essa bella associação de capital e de trabalho? Vamos vêr.

A meio caminho entre a ponte do *Familisterio*, construida por elle sobre o rio Oise, e as officinas que já via no fundo, com as suas enormes chaminés, com a dentadura dos seus tectos de armazens interminaveis, cobrindo hectares de superficie, está situado o jardim de recreio, com terraço de arvores fructiferas, que a intelligente previdencia de Godin plantou para uso do *Familisterio*. O jardim, desenhado em alamedas sombreadas, povoado de canteiros de flôres, decorado de pequenos lagos e de estatuas, é cuidadosamente tratado pela administração, frequentado por todo o publico, a quem não é negada a entrada, e utilizado pelos habitantes do *Familisterio*, a quem pertencem tambem os fructos abundantes do pomar, de pereiras e de pegueiros.

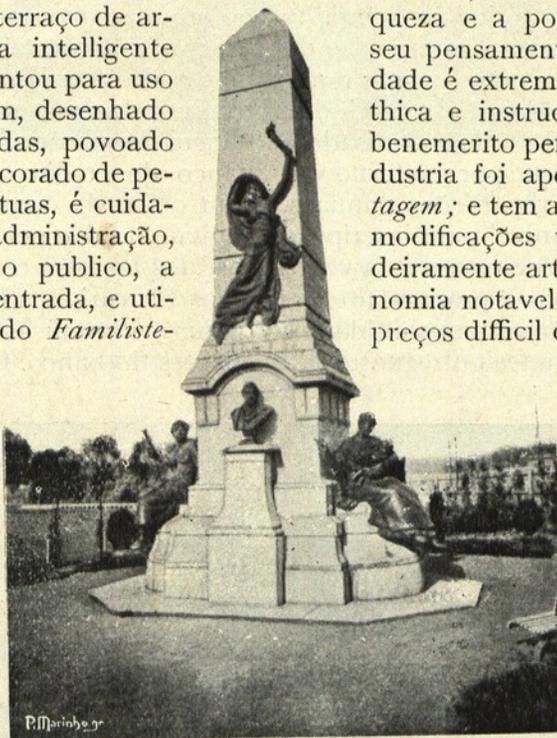
No meio d'uma especie de clareira, eleva-se um kiosque rustico, abrigado sobre arvores frondosas.

— Era aqui, disse-me o operario, que Mr. Godin nos reunia nas tardes de verão, depois do trabalho, para nos dizer o que pensava sobre a educação, sobre as questões sociaes. E, cousa curiosa, levou vinte annos a fazer-se comprehender e acreditar. Todos desconfiavam que houvesse uma armadilha; um patrão que queria brindar os operarios com os lucros da sua officina! Mas depois comprehendemos bem que bella alma era aquella! Sobretudo depois da sua morte. Venha vêr o mausoleo que lhe mandamos erigir. Elle quiz ser enterado aqui, no jardim do *Familisterio*.

No topo d'uma pequena elevação do terreno, levanta-se um grande obelisco, elegante e severo, flanqueado d'um genio em bronze, aberta a envergadura das azas: da direita, um operario symbolisa o Trabalho; da esquerda, uma mulher, amamentando uma criança, figura a Maternidade; em frente, o busto do

fundador philanthropo. Passando defronte do monumento, os operarios dô *Familisterio* descobrem-se n'um movimento respeitoso e espontaneo. Ha muitos ainda que o conheceram e estimaram.

Godin morreu em 1888, em janeiro, deixando a sua associação em plena prosperidade e legando-lhe a parte disponivel da sua fortuna. Godin nascera em 1817, em janeiro tambem. Filho de operario, serralheiro de officio, instruindo-se á sua custa, apoz alguns annos de trabalhosa vida, montou uma officina modesta, creou uma nova industria, a fabricação de aparelhos de aquecimento, fogões e outros utensilios domesticos em ferro fundido, e esse invento deu-lhe a riqueza e a possibilidade de realizar o seu pensamento reformador. Na verdade é extremamente curiosa, sympathica e instructiva a biographia d'este benemerito pensador. Mais tarde a industria foi aperfeiçoada com a *esmaltagem*; e tem attingido em progressivas modificações um acabamento verdadeiramente artistico, junto a uma economia notavel e a uma modicidade de preços difficil de exceder.



O tumulo de Godin nos jardins do Familisterio

A associação de trabalhadores e capitalistas, fundada em 1880 pela iniciativa de Godin, sob a formula legal de commandita simples, tem actualmente o titulo do seu administrador gerente, Colin & C.^e, sociedade do *Familisterio*, antiga casa Godin. Já se chamou Duquenne & C.^e, em obediencia á lei que

rege as commanditas, quando era aquelle o administrador gerente. O fundo social primitivo constituiu-se pelo capital do fundador na importancia de 4.600.000 francos, que mais tarde foi completado com 400.000 francos, elevando-o á somma actual de 5.000.000; porém o activo da sociedade no exercicio de 1899 segundo o inventario subia a quasi 15 milhões e meio de francos.

A organização financeira é extremamente simples, mas engenhosa.

Godin, levando para a sociedade o capital de fundação e os operarios o seu trabalho, dividiu os lucros segundo a sua theoria: uma parte ás capacidades, á intelligencia dirigente; outra parte juro do capital, que elle chamava salario do capital, visto que eram estes os elementos da producção, e o restante, depois de

pagar todas as despesas da mutualidade e da educação das crianças, era partilhado entre os salarios, tanto do capital como do trabalho, na proporção das suas entradas para a produção total.

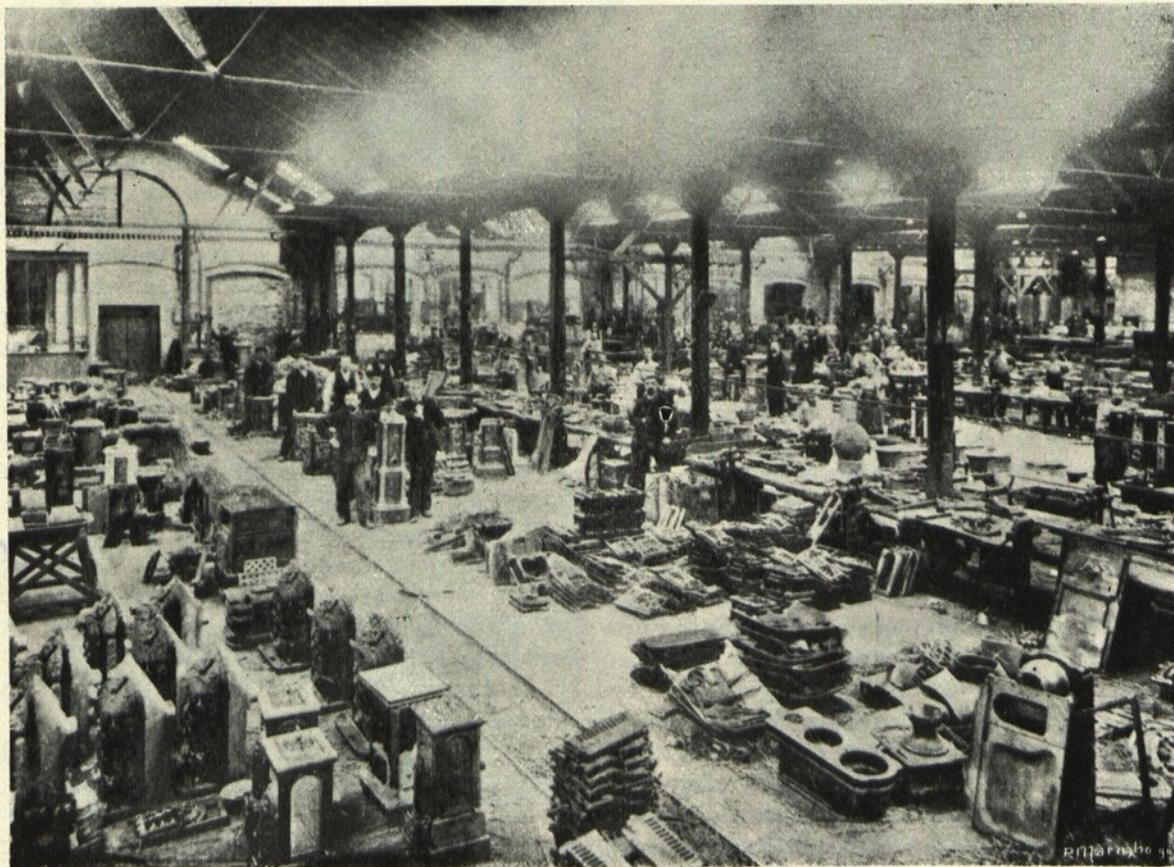
Para a repartição dos lucros, Godin assimilou o capital a um operario que recebesse, como todos os outros trabalhadores da officina, uma parte dos lucros proporcional ao seu salario. Ora o salario do capital é o juro de 5 %, que lhe é pago, como a fêria ao trabalhador; será portanto ao prorata d'este juro que o capital participará nos beneficios liquidos.

A parte que pertence aos operarios não lhe é entregue em dinheiro, mas inscripta em titulos nominativos de propriedade, emtanto que a somma é destinada ao reembolso do capital. No fim d'alguns annos, e com o auxilio do legado de milhão e meio de Godin, o capital do fundador, foi todo amortisado e substituido pelos titulos que por seu turno vão sendo amortisados nas repartições annuaes, deixando margem disponivel para inscripção a novos trabalhadores, de sorte que a verba do capital não muda, mas a propriedade das officinas vae sendo sempre transmittida aos que trabalham n'ella e nunca entregue ao pe-

queno numero dos privilegiados primeiros pela philanthropia do fundador.

Os operarios associados, que se dividem em diferentes classes cuidadosamente regulamentadas, e por onde se estuda o escrupuloso criterio de justiça e de equidade que orientava o espirito de Godin, são assim os accionistas da empresa, mas accionistas que não são permanentes, nem absorvem indefinidamente os lucros; porque o seu capital recebe apenas a sua paga, o seu salario, em quanto concorre para a produção, e depois é reembolsado progressivamente para dar entrada aos novos trabalhadores. O mechanismo d'estas operações é portanto muito simples.

Quem compõe com recordações pessoas e com o auxilio de descripções e de noticias desenvolvidas esta exposição do funcionamento do *Familisterio*, já em tempos procurou introduzir no nosso paiz este processo financeiro applicado á organização d'um grande banco de credito commercial e industrial, com o fim de conseguir pelo reembolso do capital social e pela disponibilidade correlativa dos lucros a redução do preço nos serviços bancarios, a baixa progressiva da taxa de juro, a bonificação annual distribuida aos clientes do banco. Claro está que semelhante



OFFICINA DE MONTAGEM



OFFICINA DA EXPEDIÇÃO DOS PRODUCTOS FABRICADOS

plano, como muitos outros, não teve a mínima probabilidade de realisação. Note-se ainda que a legislação actual sobre sociedades por acções prohibe um funcionamento semelhante.

Nos vinte exercicios sociaes, que vão de 1879-80 a 1898-99, os operarios do *Familisterio* receberam, além dos seus salarios respectivos 4 milhões e meio de francos sobre o conjucto dos lucros a repartir, e os capitaes receberam, além do juro de 5% como salario, um pouco mais de 400.000 francos. Era esta limitação do quinhão capitalista que Godin procurou e conseguiu realizar em plena prosperidade das suas officinas, applicando o bello principio «da união pela vida.»

Esta repartição dos lucros sociaes refere-se apenas a 75 /0 da somma total a dividir. A quarta parte restante, os 25 0 0 de saldo, são attribuidos ás capacidades, quer dizer, constituem a remuneração da intelligencia directora, administrativa, vigilante e progressiva em beneficio da associação. Nos mesmos vinte exercicios, o total distribuido sobe a 1.800:000

francos; e d'estes, 150.000 francos representam a recompensa especial das invenções uteis. Comprehende-se facilmente que n'uma organização industrial, como esta, se determina uma convergencia constante de actividade para conseguir resultados cada vez mais vantajosos. E tanto mais estimulados são estes esforços quanto é certo que a associação do *Familisterio* tem de lutar, sob o ponto de vista de sociedade industrial, com a concorrência, com as vicissitudes das operações, com a situação varia dos mercados.

N'isto está a maior objecção que lhe oppoem os defensores das doutrinas radicaes. O *Familisterio* não resolve a questão social; mas são tão evidentes os resultados obtidos, é tão sympathica a instituição na evolução da sua vida interior que sem duvida seria para desejar vêr multiplicados estes exemplos. Na verdade, em tudo que se refere aos seguros mutuos, aos auxilios de toda a especie que o *Familisterio* tem instituido, elle é um exemplo e um modelo onde a philanthropia d'uns e o interesse d'outros, tem ido buscar incentivo e regulamentação.





ANGRA DO HEROISMO — TOURADA DE CORDA



O TOURO NA CORRIDA — A direita, entre as bandeiras, um «imperio»

Uma tourada de corda

Costumes da Ilha Terceira, nos Açores

As ilhas preparam, como era natural, para a proxima visita de Suas Magestades recepções festivas, no programma das quaes se inclue a exhibição d'uma tourada consoante o uso tradicional do povo em Angra do Heroísmo, procurando assim e muito justamente dar o relevo original ás festas que a solemnidade official torna quasi sempre monotonas e repetidas. O encanto das viagens reside não só na visão suggestiva da paisagem nova e extranha, como tambem no imprevisto dos costumes locais que melhor definem o aspecto e a vida d'uma região e mais fundamente impressionam quem os observa pela primeira vez.

AO ROMPER da Alleluia, como se a treva do interior dos templos deixasse de envolver a cidade, echoam por toda a parte musicas, foguetes, salvas, cantorias, a banda regimental sopra o hymno da carta, no bastião sobranceiro á cidade, e desce do castello tocando as boas festas com que vae saudar o municipio.

Phylarmonicas de porta em porta lisongeam os socios protectores, e nas violas de arame o povo acompanha os primeiros descendentes dos bailes populares.

É a victoria do verão sobre o inverno, do sol contra a bruma: o principio do «tempo da flôr» que celebravam as canções dos trovadores medievaes.

Começa o *Espirito Santo*, sete semanas de festas populares.

Irmandades tiraram á sorte a quem pertenceria o *Divino Espirito Santo* em cada semana; e a corôa de prata, com o respectivo sceptro, encimado por uma pomba, começa a ser exposta á adoração dos fieis.

A habitação honrada pela visita enfeitase, atapeta-se, adorna-se de cortinas, reposteiros, lustres, candelabros, sedas e velludos que os ricos emprestam de boa vontade para maior brilho da devoção.

Arma-se em capella o mais vasto aposento, põe-se a corôa n'um altar, radiante de luzes, de pratas e de crystaes e todas as sete noites se reza ou canta diante d'ella um ter-

ço, acompanhado em côro pelos convidados:

*«Bem dita, bem dita
Mil vezes e mais
O Virgem purissima
Bem dita sejaes».*

Terminam rezando «pelos que andam sobre as aguas do mar» e por fim a corôa e o sceptro passam de mão em mão, sendo religiosamente beijados, tocando os devotos os olhos e a fronte com elles. Postos novamente os emblemas no altar, começam os bailes populares dos Açores, a *Chamarrita*, a *Sapateia*, o *São Macaio*, as *Velhas*, a *Charamba*, a *Saudade* cantadas á viola, ou as danças francezas acompanhadas ao piano.

O *imperador*, o irmão que tem o *Divino* em casa, ou o *imperio*, pavilhão ou kiosque, séde da irmandade, que realiza a principal função, distribuem bôdo aos pobres, matando para isso muitos bois e bezeros.

O gado destinado ao sacrificio é enfeitado de boninas pregadas com breu ao pello,

As rezes que vão a matar, e as vaccas que as acompanham para facilitarem a condução, vão cheias de guizeiras e chocalhos.

Rancho tocando e cantando, deitando foguetes e bombas, mantem á cacetada o gado que se espanta, quer fugir, e passa pelas ruas em tropel.

Levam-os adiante do *imperio*, á presença da corôa exposta nas casas terreas, e obrigam-os a ajoelhar em venia ao *Divino*, depois do que vão todos para o matadouro.

No sabbado ha arraial, illuminação e fogo de vistas, com muitas barracas onde se come e bebe, servindo de aperitivo ao vinho pernas de lagosta ou fava rica, franqueadas ao publico em grandes alguidares.

No domingo é o bodo e a coroação.

Sae de casa ou do *imperio* a corôa, posta n'uma bandeja, entre alas numerosas de convidados, de cabeça descoberta, empunhando tochas.

Precede-a uma bandeira de damasco vermelho franjada a ouro, a pomba no alto da



COROAÇÃO DO ESPIRITO SANTO

testeiras e rabeiras de papel de côr, grinaldas de flôres ligando as pontas, uma bandeira entre ellas, desfraldada ao vento.

haste, a corôa bordada a meio do panno. Dirigem-se á igreja.

Os symbolos são postos no altar.

Ha missa cantada ou rezada, conforme as posses dos promotores, e por fim o padre vae coroar o *imperador*, pondo-lhe a corôa na cabeça, depondo-lhe nas mãos o sceptro, que elle conduz requebrando os braços pretenciosamente.

O cortejo desfila pelas ruas onde estão dispostas as esmolas em bancos interminaveis, cobertos de peças de panno de algodão.

O bôdo, um ou dois pães, um prato de barro cheio de carne, sangue e figado, perfumado a raminhos de hortelã, é benzido pelo padre que o vae salpicando com a agua do hyssope, enquanto o *imperador* sorri orgulhoso pela distincção, que a muitos custa as economias de longos annos, e os convidados apertam no braço a saborosa *rosquilha*, distribuida á sahida da igreja.

Entregues as esmolas ao povo ha o jantar que começa pela *sôpa do Senhor Espirito Santo*; uma abundante sôpa á portugueza, em que foram cozidos kilos e kilos da carne de que se fizeram as esmolas, muito figado, e muito sangue a que não falta o ramo de hortelã, e a benção do padre que fez a *coroação*.

Os *imperios*, uns de pedra, outros de armar, estão expostos aos devotos que vão adorar a corôa e a pomba.

N'uma salva de prata recebem-se esmolas, dando em troca os mezarios da irmandade *rosquilhas*, pombas de alfenim e vinho, servidos muita vez por deliciosas raparigas.

A mulher tem n'estas festas papel importante, havendo *coroações e mudanças de corôa* só acompanhadas de raparigas, que conduzem o *Espirito Santo* e levam a bandeira, cargos de uma alta distincção.

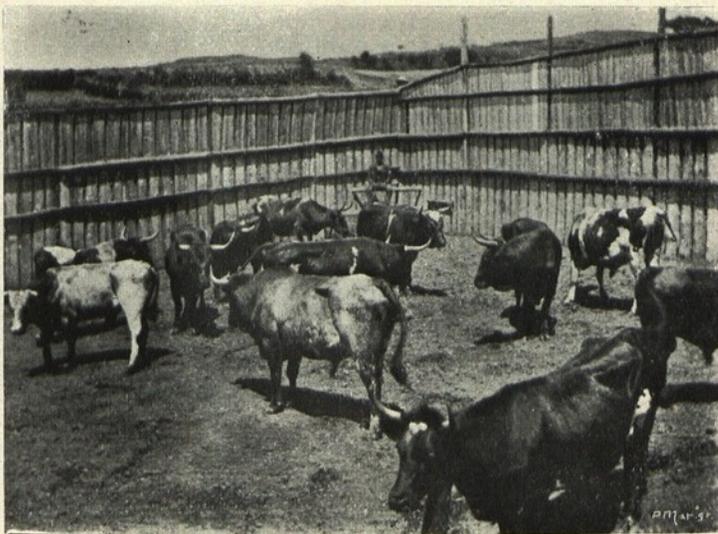
Domingo á tarde espairose o arraial em frente ao *imperio*.

Vem gente de longe em carros de bois, vistoso toldo, a junta com colleira de guizos, a canga enramada de flôres.

Apparecem todos os trajos populares, desde o camponez descalço, camisola de linho branco, carapuça preta, pequena como o solideo, com duas orelhas vermelhas, botões d'ouro na golla; até á *mulher de manto*, saia preta, a cabeça coberta pelo capello, um toldo duro, que se repuxa a formar na frente um bioco, e aperta franzido na cintura.

Veem-se mulheres de saias pelos hombros, calçando sóccos de sola de cedro; ricos lavradores bem vestidos e descalços; populares armados de cacetes, *homens do monte* preve-

nidos de enormes guarda-soes de panno azul. Os trajos populares dos Açores variam de ilha para ilha, de povoação em povoação,



PASTOR TOMANDO CONTA DO CURRO

denunciando a diversidade da origem, a mescla dos seus componentes, mostrando ainda os vestuarios antigos de Portugal, elementos do costume hespanhol e flamengo.

Na segunda feira ha a corrida de touros á *corda*, que na Terceira é o complemento de todas as festas populares, e um precioso elemento de propaganda eleitoral.

Como na antiga Roma, os grandes senhores offerecem ao povo um espectáculo gratuito, para o captarem.

Só ali se comprehende o que é a alegria, a embriaguez popular n'uma festa em plena rua, onde todos podem tomar parte, ou gozal-a onde melhor lhe approuver, sem a tyrannia dos regulamentos, dos logares marcados, das bilheteiras e dos porteiros.

Chegam de manhã as bolas, as cordas, os foguetes, e o touril de armar, que se installa n'uma *canada*.

Entra por volta do meio dia, na povoação, o curro conduzido por pastores que a pé fazem frente aos touros ensarilhando o cacete, jogando-lhe pauladas ás hastes, partindo-as ás vezes n'uma pancada em falso, e lhes açulam fortes cães de *fila* que lhes tomam a dianteira e, dependurando-se-lhe nas orelhas, obrigam-os a parar.

Emquanto vieram pela estrada, precedidos e seguidos por filas de vaccas, guiadas pela *vacca mestra*, continuaram adiante ou atrás os carros, os cavalleiros ou os peões que os encontraram e proseguem sem se atterrar, tanto se está habituado a taes espectaculos.

Regorgitam desde pela manhã as ruas e praças da povoação.

Chegam de todos os pontos magotes de povo, bandos de cavalleiros, trens e carros de bois cheios de gente.

Janellas, balcões, muros, jardins, tudo repleto.

Nas ruas acotovela-se a multidão.

Ha um movimento febril de anciedade pelo começo da corrida.

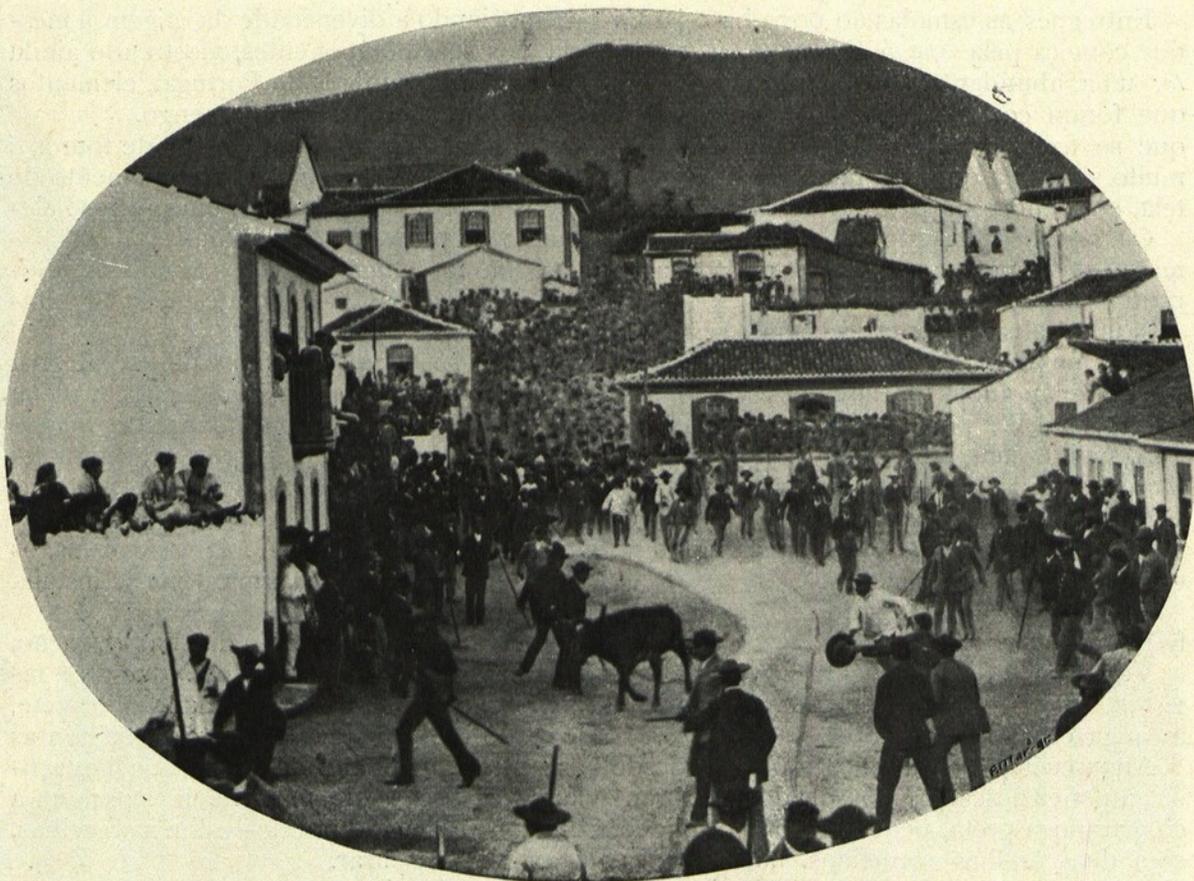
Sóbe ao ar um foguete, o signal. Sae o touro para a rua e investe contra os espectadores abrindo larga clareira.

Populares mais corajosos chamam-o, citam-o com guarda-soes, lenços, varapaus, os proprios casacos até; o animal arranca e as mais das vezes colhe os improvisados toureiros que rolam pelo chão entre gargalhadas e apupos.

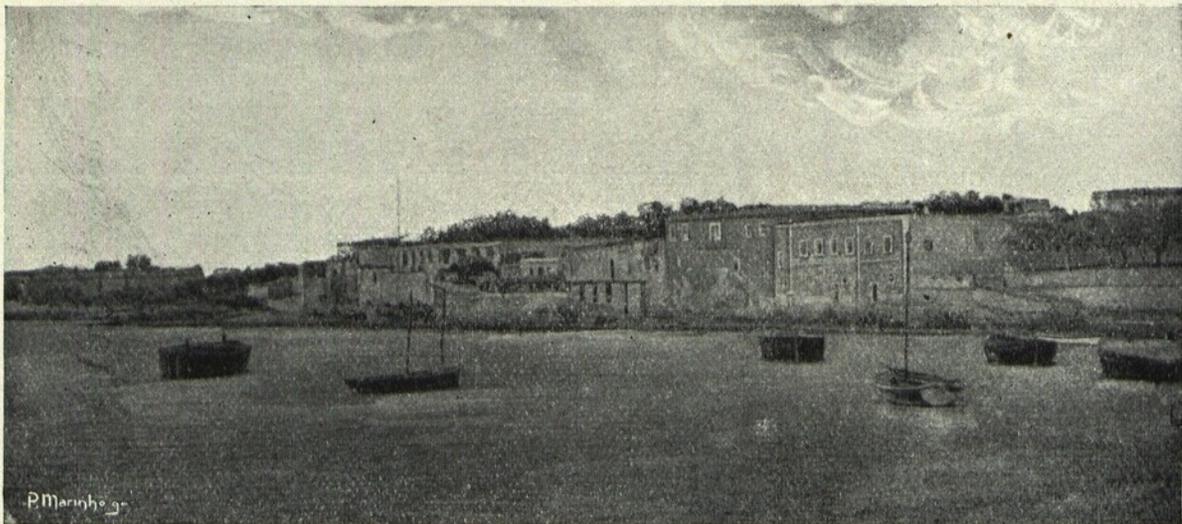
O touro corre vertiginosamente precedido e seguido por centenas de populares. Embora preso a uma corda, que quatro homens seguram para não o deixarem ultrapassar os limites da povoação, tem os movimentos livres e tão livres que no outro dia algumas dezenas de aficcionados queixam-se de haver apanhado o seu quinhão na farta distribuição de boléos.

De espaço a espaço páram repentinamente os *homens da corda*, muitas vezes rapazes da primeira sociedade angrense, e *dão a pancada*, isto é, fazem com que o touro suspenda a carreira para que das janellas, das paredes e dos balcões se gose successivamente o estranho espectáculo, semelhante ao de uma praça que se deslocasse ao longo da povoação.

FAUSTINO DA FONSECA.



AMADORES TOUREANDO NO TERREIRO



MOÇAMBIQUE — VISTA TIRADA DA PONTE PARA O LADO DA FORTALEZA

De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

CAPITULO III

**Moçambique — O porto — A ilha — A cidade — O continente
As Cabaceiras — O Mossuril**

HA mais de vinte e quatro horas que se perdeu de vista, pela pôpa fóra, o arvoredo de Zanzibar, já empastado pela distancia e coberto d'uma vellatura azulada. Na vespera, os oculos perceberam confusamente a torre do pharol de Cabo-Delgado; depois fez-se prôa mais ao mar para dar resguardo ao traçoieiro baixo de Pinda, accrescentado agora pelas carcassas de dois grandes paquetes, e só o vôo d'algumas aves maritimas no rasto espumoso do navio annunciaram a visinhança de terra. Eil-a, porém, a esboçar-se novamente pela amura de estibordo: esta ligeira sombra de forma conica deve de ser o *Pão*, esta outra, ainda mais esbatida, terminada por uma linha parallela ao horisonte, é por força a *Meza*. *Meza* e *Pão*, duas altas montanhas de perfis quasi geometricos a distancia, uma rematada em esplanada, a outra em cone, ambas levantadas ao norte de Moçambique, muito a dentro de terra, são as primeiras marcas do porto que o viajante enxerga, e devem parecer de bons auspicios aos famintos que o demandam, embora me não conste que haja rumo em que a perspectiva ponha o *pão* sobre a *meza*.

Quando o littoral já se distingue vestido de palmares, descobre-se tambem o alto pharol da ilha de Goa, um dos tres grandes roche-

dos coralíticos que a largos espaços deseguaes affloram á entrada da bahia, e corta-se direito a elle, até se vêr de perto a sua pesada torre de alvenaria, a grande custo e maior dispendio firmada n'um chão baixo, de fragoas cobertas de areias pelas marés e pelos ventos, onde todavia vicejam arvoredos, e em cujas ribas se colhem esmaltadas conchas e se arrancam mimosas florescencias de coral branco. A este tempo já se tem montado uma delgada ponta, forrada de matto, que o continente projecta pelo mar dentro, e entre ella e a ilha avoluma á vista uma negra mole, flanqueada d'agua por uma e outra parte, sobre a qual se empina, junto da ramaria d'uma arvore, um mastro semaphorico, — então de certo empavesado com bandeiras de signaes, — e em cujo negrume se destaca uma lista branca de cal; acertando-se o aproamento de modo que essa lista se ajuste áquella rama verde, navega-se com segurança até um banco, assignalado por uma boia, que é como o prolongamento da extremidade da ilha de Moçambique, que a fortaleza toma de lado a lado com os seus baluartes; e d'essa boia, olhando-se á direita para a linha de terra que fecha a bahia pelo norte, e para a orla d'um baixio que se denuncia, quando não está descoberto, pela côr esverdeada da agua que o cobre, avistam-se

duas marcas brancas, de noite illuminadas por luzes vermelhas, cujo enfiamento leva o navio por um largo canal até vêr a testa d'uma ponte e fundear defronte, mas a muitas amarras de distancia, da cidade, n'um braço de mar tão pouco largo que, olhado da ilha, parece uma delgada barra verdeneira mosqueada de branco.

Raro será o viajante portuguez, acostumado a ouvir deprimir a nossa Africa Oriental, que não saude o panorama da capital com a lisonjeira phrase: *é melhor do que eu esperava!* A cidade, realmente, parece ter sido armada

lação densa, comas de palmeiras oscillantes nos delgados troncos, lembrando umbrellas abertas sobre os terraços, fazem crêr em jardins orientaes entresachados nos massiços das construcções; bandeiras de todás as nacionalidades, tremulando alto, abonam franquezas hospitaleiras; no extremo, um baluarte in-crustado n'um penhasco solitario faz o effeito d'uma armadura medieval nos apainelados d'um salão moderno, recordando tradições cavalleirosas. Moldura d'este quadro variegado de vida e de historia, é uma larga facha de mar de intenso azul, em que correm vellas

e esvoaçam gaivotas; galeria, o espaço innundado de luz quente, que na sua amplidão magestosa representa a grandeza d'esse mundo africano, de que Moçambique é mesquinha metropole.

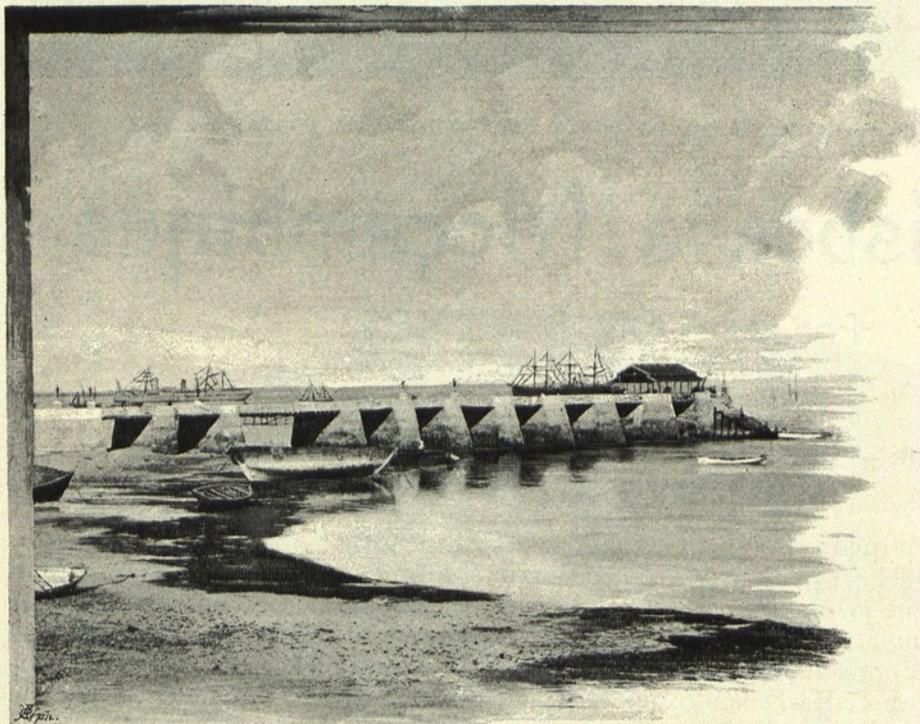
Infelizmente estas indicações de scenographia nem todas são verdadeiras!

A impressão geral de que se apor-tou a um *paiz civilisado* não é, contudo, desvanecida pelas primeiras relações do navio com a terra, relações pelas quaes os viajantes tanto aquilatam o gráu

de cultura dos seus hospedeiros. Os serviços do porto não envergonham, embora se resintam dos influxos da divisa nacional: *logo*. A capitania, a saude, a alfandega têm apresentação decente; bons escaleres limpos com remadores uniformisados á maruja, funcionarios compostos e correctos, expediente regular.

Os pilotos mouros, enroupados ao uso da sua grey é que desde muito deveriam ter sido substituidos por officiaes inferiores da armada, que tão difficilmente encontram occupação na metropole quando dão baixa; e os guardas aduaneiros, coitados, quasi todos negros ou indios, mal sabendo garatujar um impresso da repartição, não podem ser prestantes nem podem ser respeitados.

Tambem se sente a falta de catraios, que se afretem para desembarcar passageiros e bagagens, quando se não pode dispôr das



MOÇAMBIQUE — PONTE

ao effeito como um scenario. Na parte da ilha que primeiro dá na vista ao viajante esculpiu-se o seu brazão, a monumental fortaleza, cuja tinta negra attesta a fidalguia de seculos e cuja agigantada mole symbolisa poderio. Depois, o denso e colossal arvoredo alinhado sobre a praia do campo de S. Gabriel alardeia favores da natureza, e se um amontoado de casebres abeirados da costa inspira suspeitas de decadencias, logo a frontaria gradeada do palacio do governo e a sua capella branca de altiva flecha, que se avistam por cima da muralha de pedra da vasta praça de S. Paulo, asseguram que móra ali a civilisação moderna. Uma ponte mettida pelo mar dentro e uma rampa lançada sobre a praia, sempre acostadas por embarcações e trilhadas por carregadores, apparentam movimento commercial; grandes edificios de pinturas frescas inculcam riquezas, montões de casaria revelam popu-

embarcações do Estado nem aspirar á honra de ser transportado pela galeota do governador geral, archeologico arremedo das que no Tejo servem á familia real em navegações de gala. E' um pesado barco comprido, encarnado e ouro por fóra, com camarim armado de sanefas e cortinas de damasco, e tres enormes lampeões de metal amarello espetados á prôa e á ré; em tempos de mais zelo pela etiqueta, não era permittido á chusma empunhar-lhe os remos sem se ter mascarado com camisollas encarnadas e barretes de phantasia, mascara copiada tambem de figurinos obsoletos da côrte.

Estas imitações derivam da imitação synthetica do rei pelo governador geral. No reino não se imagina que figurão faz um governador na sua colonia! Se o de Moçambique vae fazer um *pic-nic* á Cabaceira ou ao Mossuril, como quem diz á Outra-Banda, quando elle está a embarcar ou a desembarcar, talvez escarranchado nos hombros d'um preto, pum! a fortaleza de S. Sebastião solemnisa o feito com uma salva de..... 21 tiros. S. Ex.^a—e já se declarou em portaria, no *Boletim*, que só elle e o prelado tinham direito a esse titulo, — S. Ex.^a vae tomar o fresco á tardinha, ao campo da União? Não vae de carruagem a quatro com batedores, porque a areia solta das ruas difficulta o rodado, mas ficar-lhe-hia mal ser visto sem dois ajudantes de espada a rastos, e a sua passagem vae sendo annunciada pelas sentinellas chamando ás armas! Embarca? Iça-se á prôa a bandeira nacional! Foi ou vae visitar Angoche? São avisados os funcionarios para irem á ponte cumprimentar S. Ex.^a, formam as tropas em parada, e as bandas tocam o hymno da Carta. Na igreja, S. Ex.^a assenta-se n'uma cadeira collocada no arco cruzeiro, do lado da epistola, sob um baldaquino, e ajoelha n'uma almofada de damasco carmesi. Nas recepções solemnes, a imagem viva de El-Rei colloca-se, de pé, em frente do retrato da Majestade sob um docel com sanefas de velludo, e a côrte desfila por deante d'elle, fazendo as mesuras da pragmatica. Alguns governadores, é claro, simplificam estas pompas, mas tambem alguns as têm accrescentado, inventando até, para mais esplendor da sua pessoa, fardas mirabolantes. Uma farça! Todavia, ha quem ambicione governos só para ser protagonista d'esta farça!

Quando se desembarca principiam as desillusões a aguar o prazer da chegada. A ponte para que a embarcação se dirige é de construcção antiga, mas não tem máu aspecto. O seu largo taboleiro de madeira assenta sobre dez pegões de cantaria, e tem a testa abrigada por um telheiro de cobertura metallica, cuja sombra muito apreciam os vadios; do tabo-

leiro desce-se para a praia por duas escadas de pedra, a do lado do oriente de um só lanço perpendicular ao eixo da ponte, e a da parte do occidente, mais estreita e de recentissima construcção, formada por dois lanços que formam angulo recto um com o outro. Mas a essas escadas, que a agua cobre até meia altura na maré cheia, não podem atracar nem sequer barcos de fundo chato quando a maré tem baixado, e então é força recorrer, para embarcar ou desembarcar, á intervenção d'um remador, que arregaça as calças, se as usa, até ás coxas, mette-se ao mar e offerece os hombros ao passageiro, que o encavala segundo os preceitos das diversas escolas d'essa cavallaria acreditadas na provincia. Este processo de transporte proporciona a miude alegre passatempo aos curiosos que o disfructam, e contam que um alto funcionario, de farda, chapéu armado e espadim, tombou no charco em pleno acto de recepção.

Na rampa da alfandega, lançada sobre a praia a oeste da ponte, tambem nem sempre ha agua para atracações, e as mercadorias têm ás vezes de atravessar a agua, na extensão de muitos metros, ás costas dos carregadores, o que as expõe a baldões e avarias.

Porque se não remediaram ainda estes inconvenientes? Certamente por incuria, só em parte desculpada pela difficuldade e carestia do remedio. E' preciso ir muito ao mar procurar o paráu e, além d'isso, a obra que o encontrar será provavelmente inutilisada em curto praso pelo constante açoriamiento.

A ponte leva á praça de S. Paulo, que tirou o nome da antiga casa de jesuitas d'essa invocação, que lhe forma o fundo, e que hoje está transformada em palacio do governo. Esse palacio e a casa de repartição de fazenda provincial fecham-n'a pela parte do sul, a oeste limita-a uma das faces do edificio da alfandega, fazendo-lhe frente, a leste, um predio particular de mesquinha apparencia; do lado do mar corre ao longo da praia um parapeito com assentos de pedra, semelhante ao da Praça do Commercio de Lisboa. O espaço circumscripito pelas quatro ruas largas que bordam a praça era d'antes toldado por um arvoredado frondoso, secular, que uma edilidade derrubou, por estar irregularmente plantado, e porque o seu raizame, diz-se, ia invadindo as cisternas dos predios limitrophes; o que o substituiu já vae, porém, desculpando este vandalismo, mercê da possança da vegetação tropical. Debaixo das arvores enfileiram-se bancos de costas voltadas para um coreto, onde, na estação secca, a banda do batalhão de caçadores n.º 1, e a da Escola de artes e officios, dão concertos noc-

turnos, mais ou menos frequentes segundo é mais ou menos intensa a melomania dos governadores geraes, que os ouvem, com as suas visitas, das janellas do palacio. Na parte da praça fronteira á repartição de fazenda, um parallelogrammo revestido de lagedo e gradeado tapa a bocca d'uma cisterna collosal, que d'antes abastecia a casa jesuitica; renques de candieiros municipaes illuminam a petroleo toda a estancia, que é como que a sala de visitas de Moçambique, aceiada, brunida, empapelada, e quasi sempre deserta.

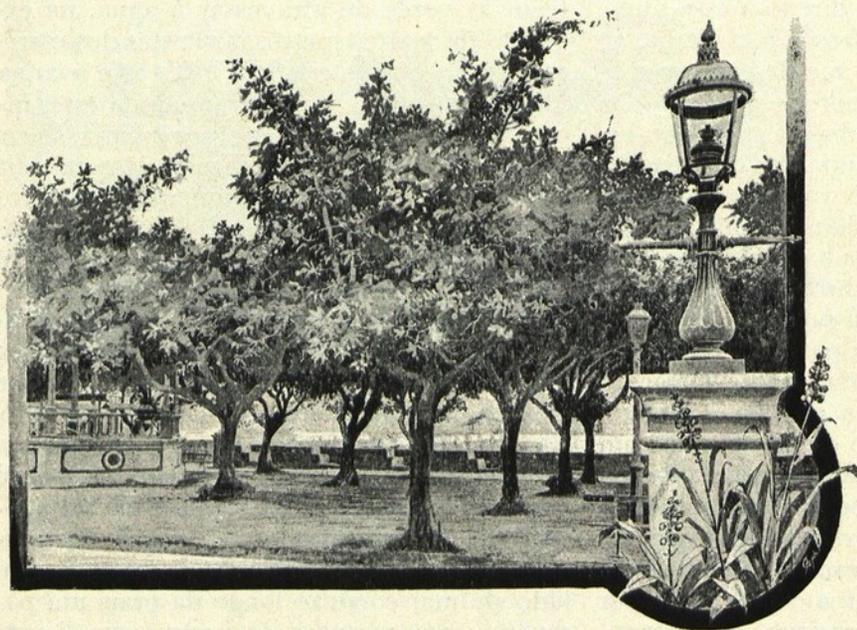
Deserta parece tambem toda a cidade, na parte não habitada pelos indigenas e fóra da reduzida área do movimento da alfandega, o que concorre para a limpessa inexcedivel, característica, das ruas e dos largos de que ella tanto se ufana.

Quer esteja esteirado de amarello pela soa-lheira quer lagedado de branco pelo luar, fumegue a areia esbrazeada ou rumuregem brisas na folhagem das acacias, o bairro europeu de Moçambique tem ares de terra ador-

da alfandega fazendo angulo com a da casa arrendada em que se installou a secretaria do governo, entranha-se em ruas e travessas cortadas umas pelas outras, e sempre por entre duas linhas continuas de casas alcança o Campo da União, tambem orlado de edificios, em cujos bancos se senta, porque já vae cansado. Quando se levanta, talvez por lhe terem caído em cima da cabeça, da rama das arvores cuja sombra quiz gosar, nojentas lagartas felpudas, ainda tem de percorrer outras ruas compridas, igualmente habitadas, antes de vêr o hospital, montanha de madeiras e alvenarias, que já terá principiado a desabar d'um lado quando os outros corpos ainda não estiverem acabados, e o vasto terreiro que peça frente se lhe dilata até á contracosta. É só ali que termina a parte de Moçambique occupada pelos funcionarios publicos, pelos commerciantes, pelos grandes proprietarios rusticos do continente, pelos brancos e amarells, pela gente que se presa; e essa área abrange centenaes de fogos, que nunca estão apagados. Não é facil encontrar na cidade casas devolutas, nem as suas rendas são excessivamente modicas; os habitantes, porém, vivem muito recolhidos, nos seus lares ou nos lares dos outros, sem que esse recolhimento seja uma abonação de costumes.

Ha muitas casas bas, vastas, apalaçadas, e tantas que se chama a Moçambique a *ilha dos palacios*. O seu typo de construcção assemelha-se ao que nós chamamos *pombalino*: é caracteristicamente *feio e forte*. Hoje aconselham-se para os paizes quentes as edificações muito ligeiras e abertas, em que os

progressos das industrias metalurgicas permitem empregar ferro para os esqueletos e zinco para as coberturas, e para as quaes a economia recommenda tijollos de preferencia ás cantarias e alvenarias; os nossos antigos, porém, nem dispunham dos materiaes modernos nem entendiam como os seus descendentes a arte de construir sob o ceu tropical. Em vez de franquearem as habitações ao clima, ou de só se resguardarem d'elle atraz de delgados tabiques e chapas metallicas, o seu ideal seria levantarem mas-



MOÇAMBIQUE — PRAÇA DE S. PAULO

meçada, em que se deve andar nos bicos dos pés e fallar em segredo. Aqui e acolá um grupo de pretos, de compridas camisas brancas abertas no peito, estão sentados na borda d'um passeio; de quarto em quarto d'hora lá vem um baneane de cabelludas pernas núas, com um guarda-sol amarello debaixo do braço. Todavia, a população está condensada. Quem sae da Praça de S. Paulo para oeste, atravessando um pequeno largo, ensoberbecido com o seu floreado candelabro de tres lumes, para onde deita a fachada principal

progressos das industrias metalurgicas permitem empregar ferro para os esqueletos e zinco para as coberturas, e para as quaes a economia recommenda tijollos de preferencia ás cantarias e alvenarias; os nossos antigos, porém, nem dispunham dos materiaes modernos nem entendiam como os seus descendentes a arte de construir sob o ceu tropical. Em vez de franquearem as habitações ao clima, ou de só se resguardarem d'elle atraz de delgados tabiques e chapas metallicas, o seu ideal seria levantarem mas-

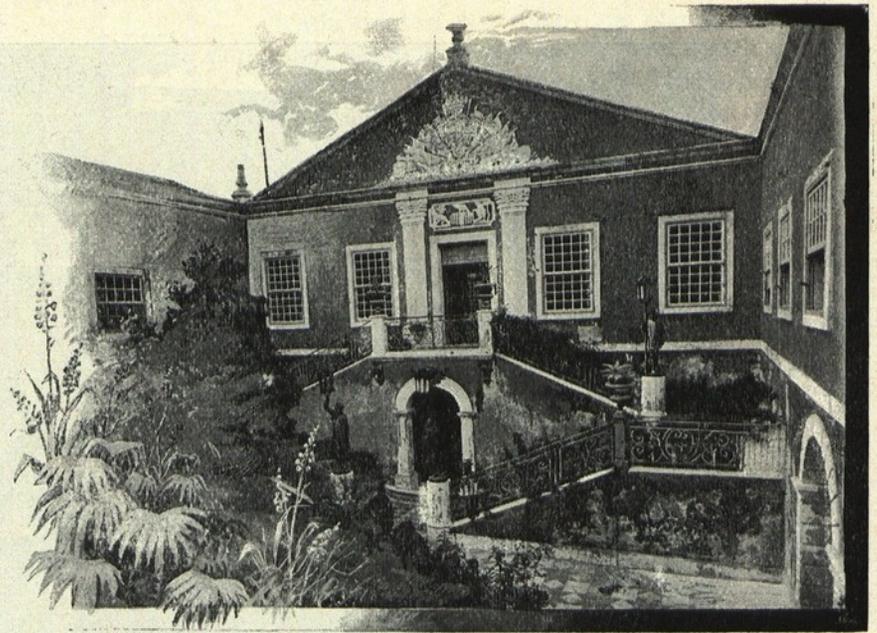
siços de pedra e cal, furarem-n'os e metterem-se dentro d'elles. As suas casas bem feitas eram fortalezas contra o calor, contra a humidade, e contra os agentes destruidores que a humidade e o calor desenvolvem. Fechavam-n'as com paredes de espessura brutal, cobriam-n'as com pesados terraços de tijollo e argamassas. Os tectos eram tecidos de vigas colossaes e grosso ripado de pau ferro, os pavimentos, quando os não revestiam densos cimentos, assoalhavam-n'os pranchas das mais rijas madeiras da terra. Não vedavam o ar, e para o aspirarem á farta davam larguesa aos aposentos, abriam galerias, rasgavam numerosas janellas amplas;

mas habilitavam-se tambem para lhe regular e cortar a circulação quando elle se carregava de exhalações mephticas, como para coar ou interceptar a luz ardente, e assim conservavam estancias interiores sombrias e isoladas do ambiente externo, formado pelas chuvas torrençiaes e pelos calores violentos. Alem d'isso, sabendo pela experiencia como as intemperies arruinam os edificios, e considerando-se occupadores perpetuos do solo, e não seus meros exploradores ephemeros, construíam para si e para a sua mais remota posteridade, á prova d'agua e fogo, de raios e monomocaias, da muchem e dos seculos, e por isso as boas casas de Moçambique, que quasi todas teem hoje cabellos brancos, ainda hão de vêr desfazerem-se as gaiolas para homens de Lourenço Marques, se n'esse tempo já a electricidade permittir a visão a mil milhas de distancia.

Segundo estas regras e estes principios é que foi edificada a melhor parte da cidade que tem pouquissimas construcções de recente data, a não serem officiaes; e os velhos mestres d'obras moçambicanos tambem se não deixaram orientalisar. Varandahs, rotulas, arcadas, — as proprias arcadas tão commodas que o reino acceitou, — todos os arabismos architectonicos e decorativos, foram por elles despresados, e por isso Moçambique, na apparencia, é uma pequena cidade de Portugal, do

Alemtejo principalmente, com menos cal e a areia a mais.

As adaptações ao clima e ao meio social

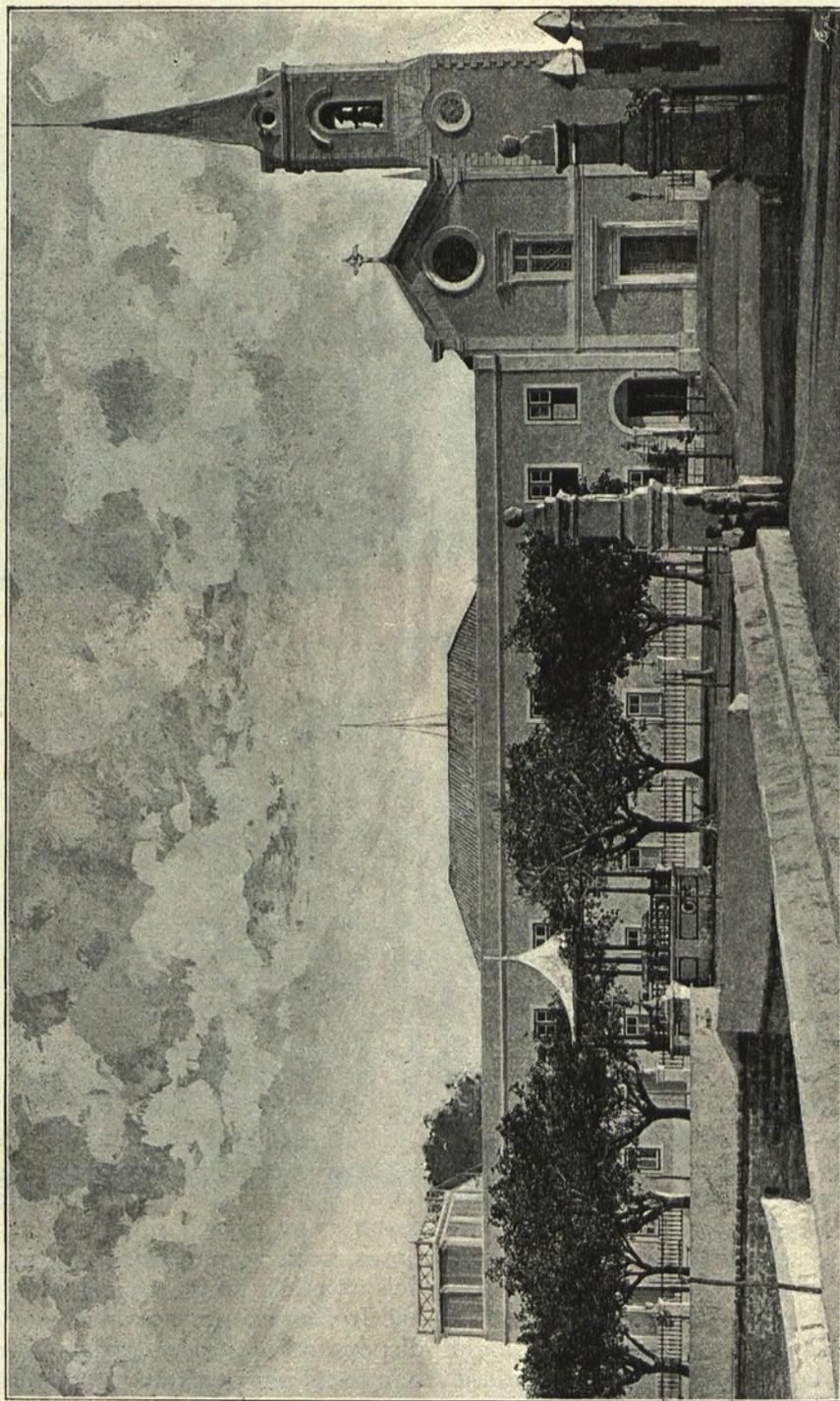


MOÇAMBIQUE — PATEO E ENTRADA DO PALACIO DE S. PAULO

são principalmente internas; exteriores, a mais geral é a substituição dos telhados pelos terraços, creio que recommendada d'antes pela economia, porque a não justifica só por si a necessidade de apanhar aguas das chuvas para abastecimento das cisternas. Por dentro é que as habitações ficaram mais differencadas das nossas do fim do seculo passado, por força maior ou por conveniencia local. Assim, tiveram de prescindir de estuques e pinturas ornamentaes nas paredes, attingindo poucas d'ellas a gala dos azulejos, e deixaram as traves dos tectos a descoberto, apenas caiadas ou lambuzadas d'uma côr só. Fugiram quanto possivel dos assoalhamentos, por causa da muchem, revestindo os pavimentos de tijollo ou de argamassa, e não raramente fizeram de pedra as proprias hobreiras das portas interiores, para as não vararem com os seus tuneis as assoladoras formigas. Em certas casas, nas frontarias nunca expostas a ventos rijos, dispensaram as vidraças nas janellas, substituindo-as por persianas, e a substituição não se explica por poupança, foi feita em beneficio da ventilação. Proveram-se todas de grandes cisternas, por isso que a ilha só tem a agua doce que lhe manda o ceu. Sempre que o chão consentiu, separaram do corpo principal da habitação as cosinhas, onde se queima lenha que as esfumaça, e as officinas e os alojamentos da creadagem, porque era prudente metter portas aferrolhadas entre os senhores

e os escravos. Onde havia jardins, pateos, quintaes, precisou-se fechá-los com altos muros, que fossem inacessíveis a escalamentos e não deixassem vêr as scenas, quantas vezes

cando os terreos reservados para aposentos de servos e arrecadações. Em Moçambique quasi todos os predios têm *primeiro andar*, e alguns tambem segunde, ao contrario do que



MOÇAMBIQUE — PALACIO E CAPELLA DE S. PAULO

deshumanas, que se passavam lá dentro. Não se ostentou luxo, que custaria quantias loucas, mas olhou-se ás commodidades, ao asseio, e até a hygiene, prescripta pela experiencia e não por theorias falliveis, e foi certamente por precaução hygienica que levantaram do solo os pavimentos nobres, fi-

succede em Quelimane e ainda em Inhambane.

Duvido de que se possa inventar melhor typo de habitações, — criterio artistico áparte. — Experimentei muitos, desde o que é representado pelo palacio de S. Paulo até o da palhota, e nenhum me pareceu mais saudavel.

O seu defeito, e grave, é ser caro, tão caro que vae sendo abandonado ou perdendo a genuinidade. Na cidade e no continente fronteiro ha predios que devem ter custado dezenas de contos de réis, apesar da barateza do trabalho dos escravos.

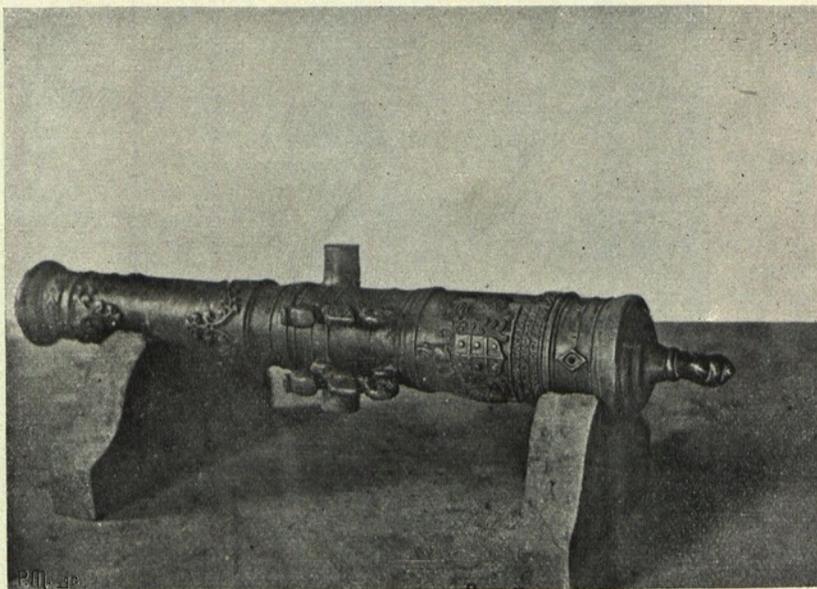
Nenhum se avanta, porém, a não ser emquanto á situação, ao do antigo collegio de S. Francisco Xavier, que se transformou em palacio do governo. Se era dos jesuitas!

No chão que elle occupa conheceu Fr. João dos Santos «a fortaleza velha, e n'ella a Sé «antiga e a casa da Misericordia, que ainda «hoje servem. Em «um panno do mu- «ro d'essa fortaleza «está uma formosa torre de dois «sobrados, com outros aposentos junto a ella, «onde «vive o feitor e alcaide-mór de Moçambique, que pelo tempo é. A uma «ilharga d'esta torre «está uma bôa cisterna, e nos baixos «da torre a cadeia «publica.» Estas construcções foram, porém, devastadas pelas invasões holandezas dos primeiros annos do seculo XVII, e, pouco tempo volvido, os jesuitas obtiveram concessão de sobre as suas ruinas levantarem um collegio, com igreja e casa anexa para hospedes, e de tudo se gosaram até serem expulsos de Portugal. Com a sua expulsão foram os edificios incorporados na fazenda, e no collegio estabeleceu-se em 1763 a residencia dos capitães geraes, que antes habitavam dentro da fortaleza de S. Sebastião.

A fachada principal do palacio, resguardada por uma grade, que ha dois annos ainda era de madeira, d'entre cujos varões se alçam lampeões espaçados, abre para a Praça de S. Paulo, e por cima d'ella para o mar, um portão por onde Polyphemo entraria sem baixar a cabeça, e treze amplas janellas de sacada e de peitos:— ha quem diga que este numero agourento tem influido muito na governação da provincia!— O portão, guardado por uma negra sentinella, que está sempre na duvida se ha de fazer continencia a quem entra, dá accesso a um largo corredor aboba-

dado, sobre cuja parede luzem espingardas alinhadas n'um armeiro, o qual leva a um claustro de arcadas baixas, ladrilhado a côres e ajardinado ao centro, para onde desce uma escadaria dupla gradeada e ornamentada em cada degráu por vasos de plantas. O vestibulo assenta sobre uma parede, onde um governador com instinctos artisticos de brasileiro minhoto anichou uma cascata.

Contrastando com este ornato de presepe, mas igualmente improprio, quatro pequenos obuzes de bronze bocejam para o ceu nos cantos do jardim, ao lado de pyramydes de



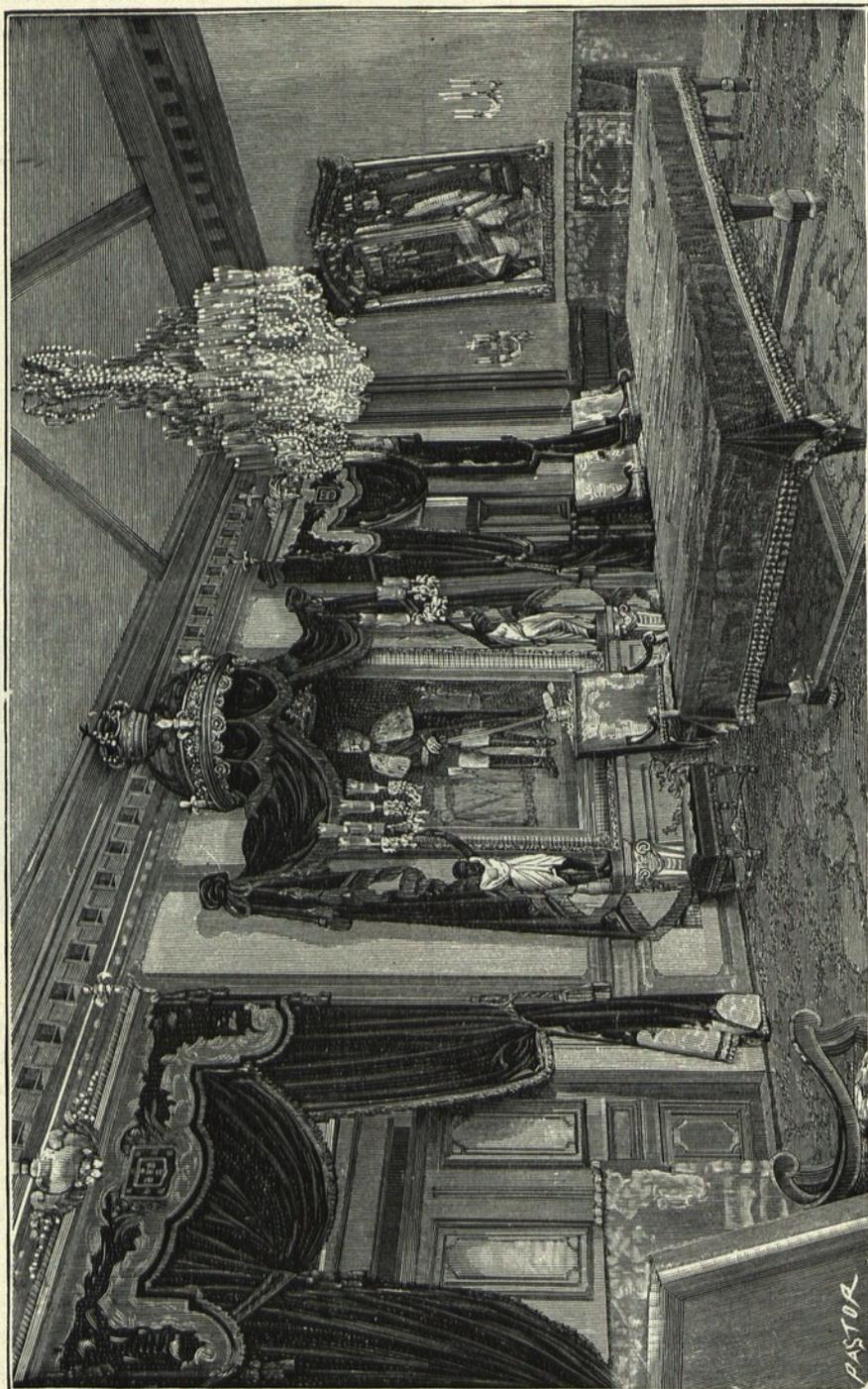
MOÇAMBIQUE — PEQUENA PEÇA DE BRONZE

balas, e no alto das escadarias exhibe-se, deitada sobre calhas de madeira, uma peça de artilheria que deve ter sido fundida, na India eno seculo XVII, para ornar uma *etagère* e não para guarnecer uma bateria, artisticamente moldada, com azas feitas de dragões e um botão de culatra figurando um punho fechado com a cabeça do dedo pollegar saindo d'entre o indicador e o medio, — isto é, fazendo uma figa. Esta peça deveria esconjurar o agouro das treze janellas, ainda que a figa é voltada para os artilheiros, e não para o inimigo!

Outra curiosidade da entrada do palacio é um quadro, que encima a porta que dá para o vestibulo. Figuram n'elle, em relevo de estuque branco, um barril, duas aves, que parecem ser gallinhas, uma das quaes está empoleirada no barril, e uma rã do tamanho das gallinhas, e estes figurantes têm por bastidores uma palmeira e outra arvore. Consultei os sabios da terra ácerca da significação d'esta

allegoria, — porque deve ser uma allegoria, — mas não obtive d'elles senão confissões francas ou dissimuladas de ignorancia, a que junto aqui a minha. A composição tem ares de fa-

n'uma sala de espera, ornada com trophes d'armas europêas e indigenas e tambores de guerra cafreas, entre os quaes têm nomeada dois mosquetes historicos, de tal peso



MOÇAMBIQUE — SALA NO PALACIO DO GOVERNADOR

bula illustrada, mas de nenhuma me recorde que metta as personagens que o artista ali representou. E o barril? Em Moçambique, uma vasilha d'essas, não sendo cheia d'agua, pôde ser symbolica de muitos costumes; mas quem se lembraria de fazer pasquinadas na solemne frontaria dos paços provinciaes?

Por baixo das gallinhas e da rã entra-se

e grandeza que servem para experimentar forças, porque custa mais mettel-os á cara do que rebentar uma *tête de turc*; e a essa sala segue-se uma enfiada d'outras, de bilhar, de conversação, de visitas, de baile, do *docel* ou de recepção, mobiladas todas com decencia, uma com arte, outra com luxo censuravel. A sala de baile, de *parquet*, recebe o seu tom artis-

tico d'uma mobilia da India, cadeiras, poltronas, sophás, tremós, que se diria ser feita, não em madeira, mas de finissima renda de subteis desenhos phantasticos; o escandalo luxuoso é a sala chamada do docel, onde se celebram as recepções de gala e se reúne o conselho do governo. O seu recheio de velludos, sedas, brocados, tapeçarias, bordaduras, talhas, cristaes, bronzes, foi encommendado em França, ha poucos annos, e custou cêrca de quinze contos de réis, quando provavelmente se deviam seis mezes de vencimentos aos funcionarios e não havia polvora para escorraçar os namarraes, que infestavam o continêntê fronteiro quasi á vista das janellas do palacio. Está rica, mas d'uma riqueza chata e pretenciosa de *parvenu*, e é insupportavelmente pesada para o paiz e para o clima. Aquelles tecidos espessos affrontam, aquelles côres vivas escaldam, e para melhor se accentuar que nenhum instincto artistico presidiu a semelhante decoração, o tecto, já hoje manchado pela agua, é enfeitado com um menino côr de rosa a esvoaçar n'um ceu azul, e debaixo do baldaquino pompeia um supposto retrato d'el-rei, em que o pintor fez presente a Sua Magestade de duas pernas de páu.

Não é esta a unica magnificencia que o paço de S. Paulo associa a varias miserias intimas. Quando a provincia atravessava uma crise aguda e a metropole se esvaia em dinheiro para lhe acudir, a sala de jantar dos governadores foi dotada com um esplendido faqueiro de prata, toalhas de meza e cristaes no valor de nove contos de réis. Era uma necessidade, — dizia-se. Quando o chefe da provincia convidava para jantar os officiaes das esquadras inglezas, que andavam a rondar a costa, não havia de os sujeitar a comerem trufas com garfos de Christoffe e a beberem Sillery em taças da Marinha Grande! O que diria a Europa d'este disprimor para com a nossa fiel alliada!

Tem o palacio um vasto jardim, que o separa do edificio da repartição de fazenda, e onde se encontram amostras da vegetação da provincia e provas de que muitas plantas uteis da Europa podem ser cultivadas em Africa. Se não falta agua na cisterna colossal, que occupa o sub-solo d'um pateo sombreado por uma arvore monumental, a cuja densa folhagem a fresquidão da agua conserva uma verdura sem macula de sequidão, s. ex.^{as} os governadores podem ter á meza hortaliças da sua lavra, todas as hortaliças de cuja variedade se ufana a nossa praça da Figueira, apenas um tanto mais duras e asperas. E igualmente podem saborear café, precioso, florescido, amadurecido, colhido, sob as suas vistas. Nos canteiros do jardim medraram uns

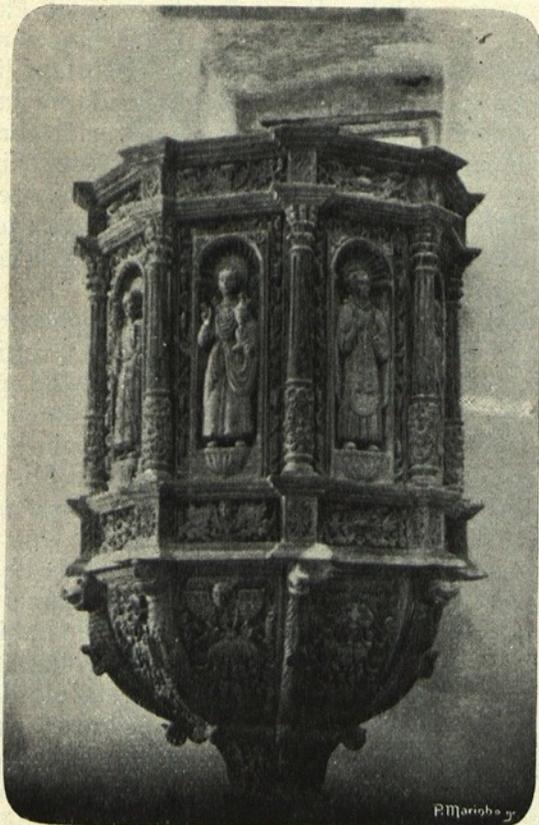
cincoenta cafeseiros, que ha dois annos tinham attingido talvez três metros de altura, e que parece estarem ali a exhortar, sem resultado, os governantes para que promovam no paiz a cultura da sua familia vegetal. Papias de largas folhas recortadas bracejam por cima dos muros a que se encostam limoeiros, e o perfume subtil do rendá mistura-se com o aroma estonteador, parecido com o da magnolia, exhalado d'uma arvore, cujo nome ignoro, que, antes de se enfolhar, cobre-se litteralmente d'umas pequenas flôres carnudas, semelhantes na fórmula e na côr á da laranjeira.

Esse jardim é o melhor regalo do palacio, que só na parte que deita sobre elle é refrigerado por virações. Na frente batem-lhe em chapa o sol e os reflexos calidos da praça e da praia; pela parte detraz assoberbam-n'o e entaipam-n'o os velhos casarões da Misericordia, privando-o da beneficiação dos ventos do sul. Em Moçambique, o sul é que é fresco e saudavel, e por isso a costa da ilha voltada para esse rumo, que lá se chama a contra-costa, é preferivel para chão de habitações, que, todavia, quasi todas se voltaram para o norte, attrahidas pelo espectaculo do fundeadouro. Na contra-costa é que se installou o consulado britannico, em casa propria magnifica, que ha poucos annos se vendeu por baixo preço, e que o governo não adquiriu por *economia*. Entretanto, compra faqueiros de prata de duas mil libras e paga avultada renda pela casa em que funciona a secretaria geral!

Sobre os terraços do palacio erigiu-se ha annos um pavilhão quadrangular destinado a observatorio, mas que nunca o foi ou deixou de sê-lo, convertendo-se em *mirante* para recreio dos governadores. Cada uma das suas faces é uma vasta janella, fechada por persianas, que se deixam penetrar pelos ventos de todos os quadrantes, e d'onde se disfructa todo o panorama do porto, alargado ainda pelo mar fóra. Passei lá muitos dias de trabalho, e tambem muitas horas de saudade!

A capella encosta-se á face occidental do palacio, que communica com o côro e tem tribunas abertas para a capella-mór. E' uma construcção, ou antes uma reconstrucção, novissima, e que dizem ter sido dispendiosa, apesar da sua singeleza. O seu unico luxo exterior é um campanario rematado por uma alta pyramide esfusiada, que se avista do mar largo, e, interiormente, a sua gala artistica seria um pulpito de talha de madeira, ornado de figuras de apostolos, se o máu gosto dos reconstructores o não tivesse pintado e sarpintado a côres. Outro máu gosto, o dos padres, enfarroupilhou os altares com sanefas e

cortinados de algodão vermelho. O parapeito polido da gradaria do côro é uma interessante amostra do aproveitamento que podem ter



MOÇAMBIQUE—PULPITO DA EGREJA DE S. PAULO

na marcenaria e na construcção civil as madeiras da terra.

Murmurou-se muito da devoção que gastou n'este pequenino templo dinheiro com que se poderia ter feito uma ponte ou um caes acostavel, mas a necessidade d'elle está demonstrada pelo serviço que presta. Devendo ser apenas capella dos governadores, é tambem por empréstimo, igreja parochial e sé, porque a ilha não tem outro edificio consagrado ao culto que se aproveite para essas funcções. O templo da Misericordia está a desabar, o da saude, ao lado do hospital, desabou já ha muitos annos, a ermida de S. Sebastião, que alveja empinada n'um rochedo sobre a muralha negra da fortaleza, está fóra de mão e é pouco mais do que um nicho. Todo o culto official está, pois, concentrado na nova capella, certamente acanhada para cathedral, mas ainda vasta para o numero de fieis que a frequentam.

Apesar de ser séde d'uma prelazia secular, antigo fóco de catechese da Companhia de Jesus, um dos primeiros estabelecimentos da occupação européa e catholica na costa oriental d'Africa, a ilha de Mo-

çambique não recebeu, ou não conservou, a fé religiosa dos dominadores, nem dá testemunho do seu prestigio moral e da sua authoridade social. A sua população indigena é mussulmana; numerosa colonia asiatica que a mesclou, se não confessa Mahomet, é professa nas doutrinas de alguma seita do brahmanismo ou do buddhismo; os seus habitantes europeus são, em geral, indifferentistas. A' egreja official concorrem quasi exclusivamente entidades officiaes, que assistem á missa dominical por preceito regulamentar, ou por decoro do cargo e da posição. O sacrificio celebra-se para o governador, alguns funcionarios que não querem perder o direito a um attestado de bom comportamento religioso, poucas senhoras, que são fieis á sua educação europêa ou que aproveitam aquelle ensejo, á falta d'outros, de exhibir as *toilettes* de duas estações atraz recebidas pelos paquetes de Lisbôa, os alumnos da Escola d'artes e officios, e a força disponivel do batalhão. Muitas praças d'esse corpo são mouros ou gentios, mas tambem essas se alinham na parada catholica. O altar-mór é muitas vezes guardado por marathas de rabicho enrolado no alto da cabeça, que todavia armam bayonetas, inclinam as espingardas e põem o joelho em terra ao toque dos clarins, com tanta precisão como o faria S. Jorge, se tivesse tido praça no exercito d'Africa Oriental. No côro, a banda da Escola toca a *Marianninha*, ou a de caçadores a *Traviata*, mas nem o concerto ao divino attrae devotos; cá fóra, na praça, é que se reune multidão festiva para vêr passar ou acompanhar a tropa.

E, na realidade, vale a pena vêr desfilar os cincoenta ou sessenta homens, que, pelas oito horas da manhã, lavados, endomingados, metaes reluzentes, calças brancas cheirando a barrella, atravessam a cidade, musica á frente tocando um *ordinario* obrigado a bombo e pratos, para irem orar ao Deus de Vasco da Gama. É até um dos espectaculos mais interessantes de Moçambique, tão semsaborona, se não por elles, os miseros pretos deformados e amacacados pelo fardamento, claudicantes dentro dos *butes*, pelas joviaes e pictorescas choreas que se lhes aggregam, com grave risco de lhes desviarem os corações do amor divino e as pernas do compasso da marcha.

Deante da musica, como se em Africa fossem conhecidos os exemplos foliões do santo rei David, vae dançando um bando de pretas enfaixadas nos seus pannos novos, de padrões espalhafatosos e côres assanhadas, que se lhes esticam nos largos quadris saracoteados e tu-fam sobre os montanhosos seios oscillantes;

como é dia duplex, luzem fiadas de contas nos lustrosos collos de azeviche e annilhas de metal nos braços, e espetam flôres de papel nas carapinhas. A compasso do bombo, o seu predilecto instrumento por ser aquelle em que a arte musical dos europeus mais se aproxima do *tambor dos batuques*, as balhonas, — creadas saídas a compras, vendedeiras que andavam no seu giro, vadias, donas de casas desinquietadas dos seus lares, — vão executando uma especie de marcha coreographica com passos e figuras da sua lavra, ageis ou morosos, phreneticos ou languidos segundo o temperamento das executantes; saltam, gingham, volteiam, dão pernadas de *can-can* ou esboçam *entre-chats* instinctivos, arqueiam os braços sobre a cabeça ou fincam as mãos sobre os rins espetando os cotovellos, bamboleiam-se, tregeiteiam, tripudiam, estas desmanchadas e toscas, aquellas elegantes e graciosas, tomando ás vezes attitudes que um esculptor desejaria fixar e fazendo movimentos que um mestre de dança aproveitaria para o progresso da sua arte. Algumas levam sobre o topete lanzudo as ceiras, em que vendem mariscos ou castanhas de cajú, e rodopiam sem as desequilibrar; mães folgazonas mette-

cillam para todos os lados como balões presos a um fio, e achatam os narizes batendo a solfa da dança nos costados maternos. Ao movimento associa-se a bulha. As estridencias dos cõrnetins e os grunhidos dos serpentões precisam esforçar-se para não serem abafados pelo tumulto das gargalhadas, da grita, dos chistes berrados, dos commentarios vozeados, das exclamações, dos ralhos, da fallacia sem treguas das pretas, da matulagem que as escolta, d'um tropel de garotos que se lhes juntam aos pinchos e ás cambalhotas. E aquella folia ambulante, grosseira e até descomposta, se quisserem, mas espontanea erupção de alegria simples, enxurrada de instinctos naturaes que se escapou d'uma repreza, turbilhão da vida selvagem levantado pelas vibrações da *musica*, cuja acção poderosa sobre as almas rudes está attestada até por mythos e lendas, percorre as ruas fazendo assomar ás janellas e ás portas rostos joviaes, passando pelos policcias que desmancham a visagem de severidade em sorrisos de tolerancia, e só pára á porta da igreja, onde os foliões acampam em grupos loquazes, cujo vozear irreverente cobre o murmurio das preces do sacerdote.

A' saída da missa repete-se a scena até a



MOÇAMBIQUE — BAIRRO INDIGENA — COSTUMES

ram-se no bando com os filhos pendurados ás costas, e quando ellas meneiam os corpanziz, as cabeças luzidias das creancinhas os-

fortaleza. Os pretos de Moçambique, e todos os pretos de toda a Africa, morrem por musica. Todavia, impõem uma condição aos

maestros que aspiram a enthusiasmal-os: hão de dar muito que fazer ao bombo e aos pratos!

O palacio de S. Paulo, que, se as paredes tivessem falla, como se diz que têm ouvidos, poderia dictar um livro, um livro... de leitura para homens, tem tido muitos dias e ainda mais noites de gala e de goso, de festa e de pompa, de banquetes e bailes, porque na nossa Africa todas as solemnizações se fazem comendo e bebendo, e porque já houve tempo em que os governadores se consideravam obrigados a *pagar a patente* aos governados, dedicando-lhes um sarau em que houvesse bufete bem servido. Assisti a uma d'estas festas, e julguei-me na Europa, n'um baile *costumé* para que só tivesse sido convidado o meu sexo. O claustro, illuminado por cordões de lanternas de côres accompanhando as linhas das arcadas e das janellas e o debuxo dos canteiros do jardim, por entre cujo arvoredo bruxoleavam tambem luzes que, ora descobertas ora sumidas pela folhagem tremula, lembravam pyrilampos; as extensas enfiadas de salões luminosos, reproduzidos e dilatados pelos seus espelhos; o bufete, que me fez perguntar a mim mesmo se o Ferrari poderia ter-lhe fornecido os dôces e o Hoffmann os vinhos; a correcção das casacas pretas, o lustre das fardas estrelladas de condecorações, as harmonias da orchestra, o acerto do serviço, não desluziriam uma festa que em Lisbôa se organisasse sem selecções aristocraticas e sem exhibições de opulencia, e tambem poude crêr-me em Lisbôa observando como os convidados se precipitavam sobre as iguarias e absorviam o champagne. Mas os trajes dos mouros que matisavam a multidão lembravam um baile de mascaras, e tão poucas senhoras adornavam as salas que era licito suppôr que essas tinham pedido licença para vêr como seria insipido um baile masculino! Não passavam de quinze, fazendo numero as creanças, e os homens que as examinavam como raridades seriam mais de duzentos!

A capital da provincia abriga com os seus terraços muitas pessoas brancas ou pouco mais ou menos, que vestem saias e têm noções das marcas dos lanceiros, mas é difficil junctal-as, mesmo para se mostrarem e recrearem. A terra é, essencialmente, de intrigas, maledicencias e discordias. Se não ha mais que fazer! Raro se encontrarão dois funcionarios que vivam bem, a não ser que se tenham ligado contra um terceiro; todos os subalternos conspiram permanentemente contra todos os superiores; as auctoridades brigam por ciumes do mando, os commer-

ciantes desaveem-se por interesses, os governadores têm sempre opposições facciosas, e, como em toda a parte, o sexo amavel envolve-se nas bulhas do sexo feio e agrava-as, quando as não occasiona, o que é frequentissimo em toda a nossa Africa. Depois, n'um clima que faz doenças de figado e n'uma sociedade que consumiu pouco chá na infancia, os odios não sabem sorrir-se e trocar apertos de mão deante das galerias, antes aproveitam todos os ensejos de se esgatanharem, e por tudo isto, quando ha um baile em Moçambique, sempre faltam muitas fulanas para se não encontrarem com sicranas, e quem faz os convites tambem precisa tomar precauções para que no programma da festa se não intromettam episodios de celha no chão. Um baile no palacio é, pois, uma melindrosa questão diplomatica e... policial, especialmente se o governador não tem senhora sua, e precisa d'uma senhora alheia para fazer as honras da casa. Para a escolher consulta-se quasi o conselho do governo e pede-se a intervenção do Espirito Santo, mas esta intervenção e aquelle conselho nem sempre bastam para evitar desaguisados. Segundo a etiqueta moçambicana, a *dona da casa* tem uma função delicadissima e perigosissima: vae ao pata-mar da escada receber as convidadas, leva-as ao vestieiro e ajuda-as a desembaraçarem-se das roupas de abafo e pendural-as nos cabides! Comprehende-se a quanto a expõe este singular ministerio de desabafadeira! Se attende primeiro uma de duas senhoras que chegaram juntas, se faz esperar alguma, se bellica melindres ou arrepella cabellos, desaba logo Troia, e desaba com um estrondo que se ouve em todas as salas e faz éco nos corações dos homens! — Por causa d'um incidente d'esses iam-se turvando os ares no sarau a que assisti!

Não deve, porém, ajuizar-se de todas as senhoras de Moçambique por estas observações e pelos seus commentarios. Não. Algumas ha, e até com residencia permanente na provincia, que podem entrar na mais escrupulosa sala. Mas essas não são tantas que povoem um baile, ou sequer componham uma contradança!

O *clou* da luzida festa era a assistencia de dois potentados do continente, mouros ricos e orgulhosos, senhores de pendão e caldeira e, quando Allah quer, capitães de quadrilhas, o Maravi e o Mulid-Vélai. Estes dois figurões, visinhos e parentes, tinham rixa velha, e rixa armada, que a miude ensanguentava o paiz, de que ambos eram flagello, sendo difficil á auctoridade enfreal-os e punil-os; mas o capitão-mór das terras da corôa conseguira, recentemente. persuadil-os a desar-

marem-se, e trouxera-os ao governador geral para na presença d'elle firmarem pazes. De feito prometteram congraçar-se e submeter as suas desavenças ao capitão-mór, embora no proprio acto do prometimento reflassem um para o outro como dois molossos seguros pelos donos, e foram convidados para o baile, não só para darem publica demonstração da sua cordealidade de relações, mas também para julgarem do poderio do governo pelo luzimento das suas festas.

Compareceram effectivamente, e não trocaram punhaladas. Como decoração foram preciosos. Apresentaram-se bem vestidos, roupas de seda da India, armas lavradas, e acompanhados por numerosas e pictorescas comitivas, que alegraram as salas, mas com o colorido dos fatos e não com a jovialidade dos semblantes ou das maneiras. Andavam vendidos, e acharam que os europeus tinham singulares processos de se divertirem. O Maravi, um negralhão com uma cara de bebado que escapou á collecção de Velasquez, só se recreou com o bilhar; achava immensa graça ao embate das bolas sobre o panno verde, e quiz fazer carambolas com as mãos. O Mulid-Velai, mais sombrio, não disfarçou o aborrecimento. Depois de vêr contradançar, declarou que se ia embora, porque não sabia aquella batuque: e arremedou o que vira, arrastando os pés com mimica de desdem. A curto trecho foram ambos divertir-se a seu modo, esgotando garrafas de *mata-bicho*.

Para corresponder ao convite do governador, o Maravi também deu um baile, mas esse foi ao ar livre, n'uma praia encarregando-se a lua da illuminação.

As suas pretas, uma ranchada de dez ou quatorze, novas e relativamente bonitas fizeram um batuque, que não sei que classificação e denominação tem segundo a arte choreographica dos indigenas, que conhece uma grande variedade de batuques.

Estavam todas vestidas, — é o termo, porque as roupas cobriam-lhes todo o corpo, — de *lopa*, em signal de luto por ter o senhor e esposo saído das suas terras. A *lopa* é uma fazenda de algodão azul escuro que se assemelha á nossa *ganga* d'essa côr, se não

é exactamente o mesmo tecido. Formadas em linha, cantavam, com uma certa consonancia, n'uma toada lenta e monotona, a que um tambor marcava o compasso. O tambor de batuque, em Moçambique como em toda a provincia, é um cylindro ôco de madeira, de diametro variavel, tapado n'uma das extremidades por uma pelle fortemente retezada, pegada com cordeis; as cabeças e os nós dos dedos é que lhes servem de vaquetas, vaquetas mais ageis do que as do melhor rufador de caixas europeas. A letra do canto, em idioma macúa, já se vê, era improvisada e não se sujeitava a medida ou a qualquer outro preceito da lyrica civilisada; as pretinhas entoavam os louvores do Maravi, do seu poder, do seu valor, da sua ternura, e dizia-se que, quando as suas odes desciam de pindaricas a anacreonticas, nem sempre a linguagem era d'uma irreprehensivel decencia. Cantando, ora avançavam ora recuavam morosamente, meneavam a cabeça para um e outro lado, imprimiam a todo o corpo e especialmente aos quadris movimentos languidos, que os indigenas talvez achassem provocantes, mas que me pareceram a mim simplesmente desgraciosos e desenxabidos. N'aquella choreographia rudimentar descobrem-se, todavia, umas certas tendencias para a



MOÇAMBIQUE — A PRAÇA DE S. GABRIEL

abjecta *dança do ventre*; movem-se mais certas regiões do corpo e determinados musculos do que se move o resto do corpo. O menor trabalho, o menor exercicio, é o das pernas, que nas danças cultas desempenham o papel mair activo.

Depois de muita melopêa e muito saraco-

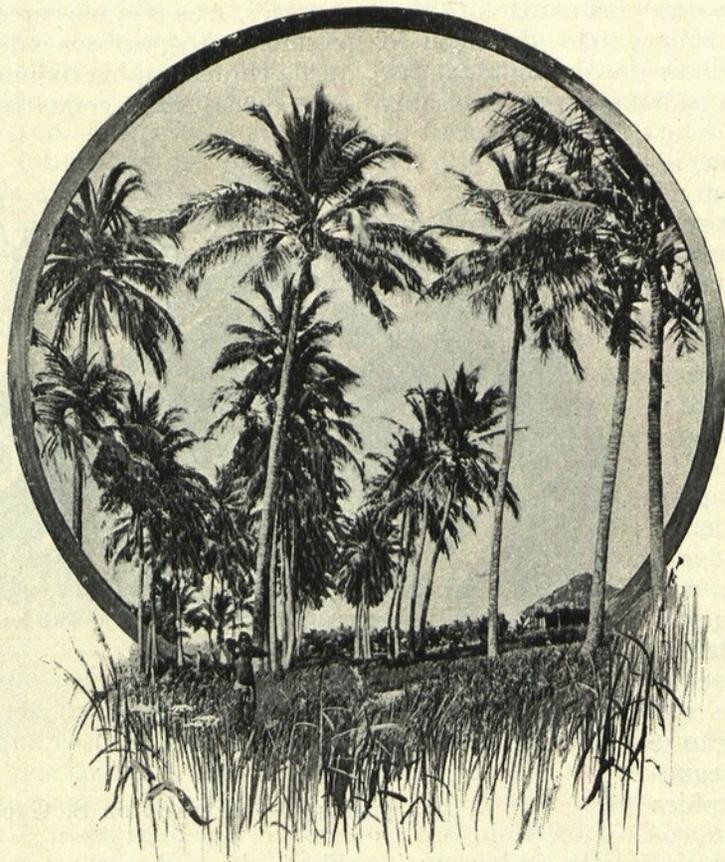
teio, tudo arrastado, e sem variações ou cambiantes, produzindo entorpecimento á força de monotonia, as dançarinas desdobraram um panno, estenderam-n'o aos pés das *personas grandes* que presenceavam a exhibição, e sentaram-se sobre os calcanhares, salmeando sempre e batendo palmas a espaços; atiraram-se-lhes para o panno algumas moedas, sendo um dos contribuintes o proprio Maravi, que parecia deliciado com a fina arte da sua numerosa familia. Em volta, a negra-lhada estava embevecida, e, quando se lhe acabou o espectáculo, improvisou outro, um *batuque* macho, em roda, algum tanto mais

movimentado, que durou toda a noite e ainda se metteu pelo dia dentro. Ha batuques que duram trez dias, sem interrupções, porque se alguns corypheus cedem á necessidade de um rapido descanso, não lhes faltam substitutos, pois a choreographia africana tem a incomparavel vantagem de não precisar ser leccionada por Justinos Soares de ebano.

Não é descabido observar, que as pazes do Maravi e do Mulid, firmadas com tanto apparatus de danças europeas e africanas, têm durado até hoje (1894), com o auxilio da habilidade e do prestigio do capitão-mór. O continente tem tido annos de socego.

(Continúa).

Victor. Lucca



COQUEIROS

Disfarce Inutil

SCENAS DA VIDA INGLEZA

SUA ALTEZA serenissima o principe Beltrão Otto de Plesstania tinha attingido, com affectada desillusão, toda moderna, a *avançada* idade de vinte e quatro annos, e radicára-se-lhe no espirito a philosophica conclusão de que a vida era uma vasia inutilidade e o mundo um puro engano.

O seu estado era ainda o de solteiro bem-aventurado. Porque sua alteza serenissima, filho de mulher ingleza, residira em Inglaterra quasi sempre e possuia uma bôa parte da solida sagacidade britannica.

Defendia-se habiilmente; que elle bem ajuizava de que lady A o convidava para a sua mais escolhida *at home*, intima reunião familiar, não sómente para o regalar com opiparas *sandwiches*, regadas de excellente malvasia, mas tambem com a vista da sua querida Maud na mais nova e suggestiva *toilette* de Paris; ou de que a senhora B insistia ternamente para que elle utilisasse o lugar vago no seu camarote da Opera e ao mesmo tempo tivesse a ineffavel ventura de se sentar ao lado de Edith, insidiosamente envolta nas transparencias d'um bello vestido de cassa e rendas, em côr esmaecida, estylo de virgem n'um quadro de Boticelli, o velho pintor primitivo.

No momento actual sua alteza sentia-se com-tudo feliz, comparativamente fallando. Tinha fugido da roda viva da *season*, da epoca elegante de Londres, para a Escossia a descançar uma pacifica semana em casa de lord Wickham de quem fôra condiscipulo.

De manhã vestiu o seu usado e commodo fato de caça, desceu do quarto para almoçar e relanceou desdenhosamente o montão de cartas que viu sobre a meza ao lado do prato. Sem duvida eram convites.

Pouco depois apparecia lord Wickham. Sua excellencia apresentava-se com proposito desalinho de vestuario, vingança do seu apuro habitual e obrigado: jaquetão e calças de flannela cinzenta, camisa de linho e sem gravata.

Observou rapida e alegremente a meza bem fornecida, deu os bons dias ao seu amigo, e notou que o principe mostrava no franzido da testa e no olhar amortecido um estranho aspecto carrancudo.

— Então que é isso ?

Sua alteza serenissima assentou com o punho fechado um murro sobre a meza.

— Olha; convite de lady Gage para Scarborough no campo. Tem cinco filhas, sabes; não vou!... Outro de mistress Carlton e esta



Então que é isso?...

pede-me para ficar alguns dias em Carlton's Tower. Juro-te que não vou. Branca Carlton

lembraste? uma encantadora gatinha! Quando me deixarão estas mulheres? Não é por mim que ellas me querem, não. Isso sei eu perfeitamente; mas o meu titulo! — o meu infernal titulo! Wick: a vida é uma mentira! Nada ha sincero; tudo posticho.

— Até os dentes, completou Wickham.

— Perdão meu caro; por enquanto conservo-os todos.

— Mas inuteis, porque não almoças.

— Estou aborrecido de ser cortejado e lisongeado por todas as mulheres solteiras com quem me encontro. Desejaria ser amado por mim proprio e não pelo meu titulo.

Afastou da meza a cadeira bruscamente e levantou-se.

— Não queres mais alguma cousa? tu nada comes? perguntou anciosamente Wickham, o qual não comprehendia que alguém podesse gastar menos de uma hora e um quarto a almoçar.

— Não tenho appetite, disse o principe com mau humor; não tenho fome de comida, mas de...

— De bebida?

— Não; de uma terna amizade dedicada, disse a meia voz o principe.

Lord Wickham poisou surprezo a faca e o garfo.

— Tu estás doente? soffres de dispepsia? aconselho-te a que consultes medico. Deve haver remedio para curar essa sentimentalidade anormal. Talvez mudança d'ar? Para onde vaes na proxima semana?

O principe tirou da algibeira as cartas e olhou para ellas com tristeza.

— Ainda não sei. Nem lady Gage, nem as Carltons, nem... oh! esquecia-me, aqui tenho um convite do Barclay. Na verdade acceitarei este: ao menos ali não ha uma mãe casamenteira. Bello rapaz, o Barclay; sabes, cazou com Laura Scott ha trez annos; uma excellente rapariga! Os dois vivem perfeitamente unidos. Ella cazou com elle por elle e não pela posição. Wick, quanto daria para conseguir ventura igual á de Barclay!

Wickham recostou-se na cadeira, accendeu o charuto, quedou-se silencioso um ou dois minutos e depois, com aquelle tom de voz que denuncia uma fructuosa meditação, affirmou:

— Não vejo impedimento serio que te iniba de ser pelo menos por algum tempo um senhor Barclay qualquer. Ha um meio bem simples, sabes; é viajar *incognito*. Ouve cá — e endireitou-se na cadeira, observando a duvidosa comprehensão do conselho desenhada no rosto do principe — dize a Barclay que aceitas o convite com condição de que te deixe guardar *incognito* e por favor especial te apresente aos seus amigos com um simples — Mis-

ter... parou rebuscando na memoria um nome e depois acudiu triumphalmente—Mr. Beltrão.

— Um nome de toda a gent! Os olhos do principe brilharam de enthusiasmo. Que bella idéa! Wick, tu és um genio! Vou immediatamente escrever a Barclay.

Dirigiu-se para uma meza onde havia o necessario para escrever, e durante alguns minutos na sala silenciosa apenas se ouviu o ruido crepitante da penna que corria apressada sobre o papel forte e brasonado ao canto, em relevo.

— E quem sabe — disse parando subito e voltando-se para o amigo, sorridente, nos olhos a expressão animada da esperança consoladora — quem sabe se irei lá encontrar alguma bella rapariga, não d'estas mulheres *blasées* da sociedade, mas uma governante de crianças ou qualquer cousa semelhante, que possa sentir algum affecto sincero pela minha propria pessoa e não pelo meu titulo?

— Receio bem que não encontres alli esse ideal de governante de crianças objectou Wickham. O filho de Barclay, o unico herdeiro terá quando muito dois annos, não é assim? Ora não penso que, embora me lembre de ter ouvido dizer ao pae que elle já era dotado de excepcional intelligencia, esteja em idade de ter mestra. Substitue o teu ideal pela criada ou pela cosinheira.

— E que duvida, casar com uma cosinheira? apostrophou o principe na sua exaltação sentimental.

— Oh! nenhuma! atalhou Wickham — tinhas ao menos a certeza de teres comida bem feita.

— Não gracejes! Uma governante ou mestra seria em verdade melhor encontro.

— Sim, seria infinitamente preferivel a qualquer das filhas de lady Gage ou á aquella detestavel Branca Carlton! Irra! que cara que aquella rapariga tem.

Levantou-se da mesa, approximou-se da janella larga e envidraçada:

— Está uma esplendida manhã, disse contemplando enthusiasmicamente as formosas e cuidadas arvores do parque por entre as folhas das quaes o sol desenhava lentijoulas de luz sobre a areia fina das alamedas — Troca a tua penna pela espada, quero dizer, pela espingarda e vamos fazer guerra injusta, como todas, aos passaros que se permitem a liberdade de chilrear por esse arvoredos.



Uma semana depois o principe chegava a casa de Barclay.

— Agradeço-te o teres acceitado o meu convite. Depois do meu casamento é a primeira vez que posso reunir os meus amigos intimos

e tenho immensa satisfação em te vêr aqui, disse-lhe Barclay com enthusiasmo, enquanto o conduzia para conversarem no salão de fumar; mas estou curioso de saber porque demonio de motivo queres tu que te chamem simplesmente o sr. Beltrão?

O principe córou e hesitou na resposta. Não queria confiar ao amigo a extranha obsecação do seu espirito em busca d'uma governante ideal, e por isso recordou-lhe como em Cambridge, na universidade, nunca usára do titulo que pesava sobre a sua cabeça como uma fatalidade social.

— Tu sabes como sempre detestei esta vaidosa distincção que nasceu comigo e da qual não posso separar-me, como se fôra uma tunica de Nesso, disse impetuosamente; peço-te portanto que me concedas ao menos por alguns dias a satisfação d'este capricho.

— Muito bem, não serei eu que trahirei o teu incognito excentrico...

— Não tens cá ninguem que me conheça?

— Felizmente não, asseverou Barclay, depois de ter enumerado por memoria os seus hospedes. Está promettido e verás que minha mulher te apresentará a todos como o sr. Beltrão.

— Ah! E como está mrs. Barclay? Espero que bem!

— Oh! Laura está muito bem, obrigado, comquanto n'este momento um pouco nervosa do trabalho de attender a todos. Bem vês, é a primeira casa de campo grande que temos depois do casamento; e has de ajudal-a sobretudo na distracção das raparigas, tu, um verdadeiro elegante, perfeito homem do mundo.

O principe apoiou o cotovello sobre o friso da chaminé, e perguntou curioso:

— E quem são as raparigas? dize-me cá. Bonitas?

Barclay começou a contal-as pelos dedos.

— Ora ouve, Lucy, irmã de Laura, Agatha Acland sua prima, e lady Nisbert, lady Fourfax e miss Molly, uma condiscipula de Laura, se bem me recordo, uma rapariga muito alegre e...

— Mas entre ellas, interrompeu nervosamente o principe, não ha por acaso nenhuma governante? Ou cousa parecida?

Barclay olhou surprehendido.

— Uma governante! Não meu caro, ainda não tenho. Bem sabes, o pequeno tem apenas dezoito mezes e não obstante elle ser realmente, como verás, uma intelligencia notavel para a idade, Laura e eu julgamos que se não deve fatigar muito cedo o cerebro de uma criança. E depois accrescentou com enthusiasmo de intensa vaidade paternal: — Estou convencido que elle tem particular inclinação para a musica. Quando Laura toca o violino,

grita sempre, e isso demonstra-me que elle é entendedor de musica, não achas?

— Sem duvida... realmente... que admiravel intelligencia! disse o principe, começando desde logo a procurar na imaginação um meio de retirada immediata. Apesar da sua grande



...começou a contal-as pelos dedos...

amidade para com Barclay, não ousava supportar o sacrificio de ouvir a constante e prolongada narraçõ das habilidades do menino. Bem dizia Wickham! Por isso olhando para o relogio e para interromper o panegyrico infantil:

— Se me dás licença, meu amigo, parece-me que tenho apenas o tempo indispensavel de me vestir para o jantar, não é assim?

Apesar de desilludido nas suas esperanças com respeito ao desejado encontro d'uma governante, o principe sentiu uma ligeira sensaçõ de prazer, quando mais tarde conduzia para a sala de jantar miss Molly! Porque havia o quer que fosse na individualidade de miss Molly que o attrahira desde a sua apresentação. De relance notára apenas duas pequenas particularidades que o impressionaram: ella trazia no peito um ramo de cravos encarnados — suas flôres predilectas — e tinha olhos pardos, a côr de sua intima eleição! Não era bonita, todavia era singularmente agradável á vista. Graças a Deus não era uma belleza professional — *a professional beauty*, de que elle andava farto.

Quando se sentaram á mesa, o principe re-

conheceu-se no intimo dominado pela franqueza um tanto maliciosa d'aquelles bellos olhos pardos.

— Porque estava o senhor ainda ha pouco tão terrivelmente pensativo? Despertou-me curiosidade de descobrir no seu olhar a tristeza do pensamento, talvez sem motivo. Muitas vezes ser-se infeliz, é apenas culpa propria.

Emquanto fallava e sorria, o som da voz tinha uma suavidade acariciadora que impressionava vivamente o príncipe. Havia no seu dizer uma sinceridade pueril, sem affectação que o prendia, a elle que na mulher apreciava sobretudo a simplicidade e tanto mais quanto raramente a encontrava.

— Os meus pensamentos não eram tristes, respondeu, mas talvez excentricos. Estava reflectindo com pezar, não ter ainda o pequeno Barclay idade bastante para carecer de uma governante.

A rapariga olhou para elle com natural surpresa; porém, como se uma subita deliberação intima lhe tivesse impulsionado o espirito, accrescentou com ar distrahido, como se fallasse para si:

— Quem sabe, se poderei quando elle tiver idade propria tomar esse encargo?...

O príncipe atalhou com viva curiosidade:

— Então, é... mas deteve-se indeciso se seria delicado na afirmação que espontaneamente ia produzir.

Miss Molly resolveu a difficuldade, respondendo á sua inarticulada pergunta.

— Sim, eu sou uma governante.

O príncipe difficilmente acreditára no que acabava de ouvir.

— A senhora? perguntou ainda incredulo.

— Sim, repetiu miss Molly; a minha familia não é rica, e tenho de ganhar a minha vida. N'esta occasião são férias para mim, por isso estou aqui, mas acabando este tempo tenho de voltar ao trabalho.

Um olhar de profunda sympathia illuminou o rosto do príncipe.

— E será um grande esforço para si, murmurou com admiração.

— Não parece que me seja custoso trabalhar, disse miss Molly, depois de uma pausa reflexiva; o trabalho é sem duvida bom para todos, muito preferivel á ociosidade.

— Sim, concordou o príncipe, supponho que deverá ser assim. Demasiado goso n'uma ociosidade constante, por ser agradável embora, fere o sentimento da dignidade propria. Chega-se a ser infeliz quando todos invejam a nossa felicidade.

— Talvez seja assim, sr. Beltrão; espirito satisfeito e consciencia tranquilla são duas grandes riquezas que supprem com vantagem as opulencias do mundo.

— Então a senhora não tem em grande conta o dinheiro?

Miss Molly teve um lindo gesto de desdem.

— Quando se é rica, nunca se pôde differenciar os verdadeiros amigos dos simples adulares.

— Tenho exactamente a mesma opinião. Todavia não se ambiciona sómente o dinheiro. Quantos preferem as distincções mundanas, um titulo. Quem sabe se miss Molly desprezando as riquezas, se deixaria fascinar por um titulo?... E se houvesse um príncipe que a pedisse em casamento, embora não tivesse por elle nenhuma sympathia, talvez o aceitasse logo.

— Oh! não, certamente que não, affirmou miss Molly. Hei de casar com o homem de quem gostar, seja elle príncipe ou plebeu, rico ou pobre. E assim foram conversando durante o jantar, n'uma philosophia romantica que contrastava com o meio ambiente, em affirmações de principios e de sentimentos que talvez julgassem acreditar, illudidos inconscientemente suppondo-se convictos.



— Quando volta para as suas occupações miss Molly?—Perguntava uma semana depois o príncipe á governante em quanto vogavam, ao sabor da corrente, no rio sereno e limpido. Acompanhava-os um câosito de fina raça que deitado entre almofadas roncava fortemente.

— Vou em breve deixal-o, disse ella. Estão acabadas as férias, retomo o meu emprego.



...em quanto vogavam no rio...

O príncipe ficou por momentos silencioso, depois acrescentou:

— Vou offerecer-lhe um novo. Quer aceitar o emprego de ser minha mulher? Não se zangue comigo, continuou apressado lendo-lhe nos olhos uma expressão sombria e duvidosa; creia na sinceridade do meu affecto, miss Molly...

— Oh! não é isso, e tremiam-lhe os labios

—não... posso... aceitar o seu .. emprego... quando souber que o illudi, hade odiarme... os homens odeiam sempre as mulheres que os enganam, e eu enganei-o, sr. Beltrão.

O principe estupefacto e surpreso franzira involuntariamente os sobrolhos:— Ouça, meu amigo. Eu não sou uma governante como imagina; sou uma simples millionaria. Quando recebi convite para vir aqui, pedi á senhora Barclay, unica pessoa que me conhecia, que a ninguem dissesse que eu era rica, é... e quando o encontrei..

O rubor subiu-lhe ás faces.

—Diga! insistiu o principe.

—Gostei de si á primeira vista, e quando comecei a conhecê-lo melhor, não pude deixar de perceber que tambem lhe não era indifferente. E—foi maldade da minha parte, bem vê— guardei segredo, porque quiz experimentar se um homem poderia amar-me por mim e não pelo meu dinheiro.

O principe cavilhou os remos e inclinandose para diante pegou-lhe na mão.

—Querida, o seu plano foi á sua similhaça encantador e intelligente. De resto eu sou tambem culpado. Se me enganou, tambem a enganei. Disse-me uma vez que se um rei lhe offercesse ser rainha, sómente o aceitaria se o amasse. Eu não sou rei, mas sou um principe, e peço-lhe para ser princeza.

Os olhos pardos de miss Molly dilataram-se com espanto—Então o senhor é...

—O principe Beltrão Otto de Plesstania, incognito em casa de Barclay, porque quiz vê se poderia encontrar uma mulher que me fos-

se dedicada por mim e não pelo meu titulo.

—E eu... inclinando a cabeça tristemente, possuidora de 100.000 libras de renda, desconfiava sempre que todo o homem que me pedia em casamento era com o fito no dinheiro, e pretendi fazer-me passar por governante pobre, para vê se no mundo haveria alguém que me podesse amar unicamente pela minha pessoa.

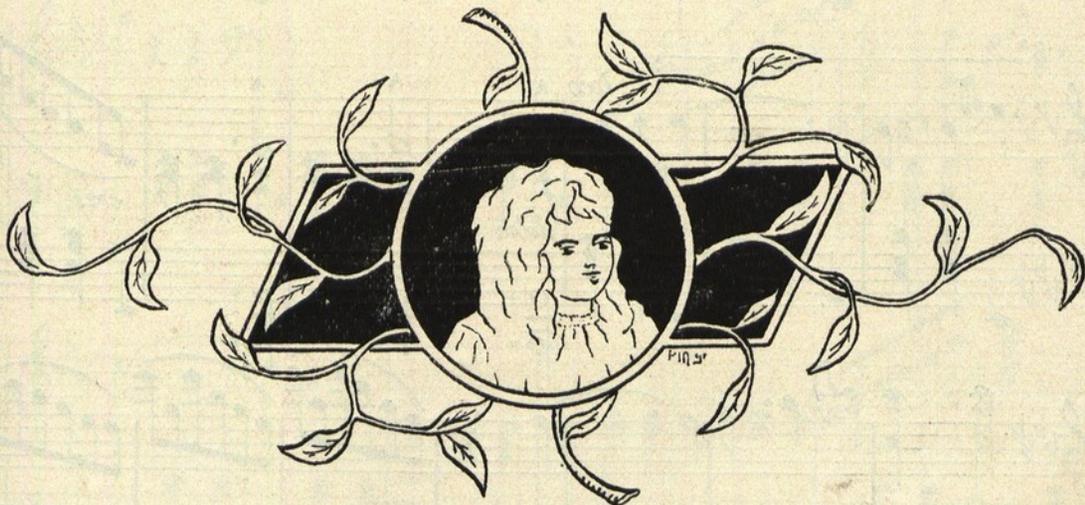
—Não lhe parece — concluiu o principe — que, enamorados ambos um do outro, primeiro pelo que eramos e não pelo que possuíamos, o nosso amor deve ser verdadeiro, aquelle que até agora debalde tínhamos procurado? Não é assim, querida Molly?

—Talvez, respondeu ella, quedando-se pensativa.

O cãosinho acordou, levantou-se e veio aconchegar-se no collo.

A conversação tornou-se insipida, vaga, difficil entre os dois. Porque? Quebrado o encanto da illusão reciproca em que tinham vivido durante uma semana, na intimidade da vida campesina, docemente socegada, como a paisagem que os cercava, com a imaginação entretida na aventura desejada, no acre prazer da mentira cruel, olharam para as suas consciencias, em exame prescrutador, e encontraram-se outra vez dentro do seu mundo, elle, alteza serenissima requestado pelas mããs, ella, millionaria, adorada pela opulencia elegante dos seus salões.

Enygmas do coração humano, desafiando a mais subtil psychologia...



RACHEL
VALSA POR
LAURA ESCRICH

Piano

dolce

cres.

f

8^a-----

cres

f

8^a-----

loco

dolce

cres.

f

cres.-----

8^a

f *cres.* *dolce*

This system features a treble clef with a 2-measure rest followed by a melodic line with slurs and a final fermata. The bass clef provides a harmonic accompaniment of chords. Dynamics include *f*, *cres.*, and *dolce*. A dashed line labeled 8^a spans the first four measures.

8^a

cres. *f*

This system continues the melodic line in the treble clef and the chordal accompaniment in the bass clef. Dynamics include *cres.* and *f*. A dashed line labeled 8^a spans the first two measures.

8^a

loco

This system shows the melodic line in the treble clef with a *loco* marking and a fermata. The bass clef accompaniment continues. A dashed line labeled 8^a spans the first four measures.

dolce *cres.* *f*

This system features a melodic line in the treble clef with a *dolce* marking, followed by a *cres.* and *f* section. The bass clef accompaniment consists of chords. A dashed line labeled 8^a spans the first two measures.

8^a

cres. *f*

This system continues the melodic line in the treble clef with a *cres.* and *f* section. The bass clef accompaniment continues. A dashed line labeled 8^a spans the first two measures.

8^a

loco *dolce* *cres.* *f*

This system features a melodic line in the treble clef with a *loco* marking, followed by a *dolce* section, then a *cres.* and *f* section. The bass clef accompaniment continues. A dashed line labeled 8^a spans the first two measures.

First system of a musical score. The right hand features a melodic line with a trill-like figure and a series of ascending sixteenth notes. The left hand provides a steady accompaniment of chords. Dynamics include *cres.* and *f*.

Second system of the musical score. The right hand continues with ascending sixteenth-note passages. The left hand accompaniment remains consistent. Dynamics include *cres.* and *f*.

Third system of the musical score. The right hand has a more active melodic line with accents. The left hand accompaniment consists of chords and moving bass lines. Dynamics include *f*.

Fourth system of the musical score. The right hand features a melodic line with a trill and a descending run. The left hand accompaniment continues with chords. Dynamics include *f*.

Fifth system of the musical score. The right hand has a melodic line with a trill and a descending run. The left hand accompaniment continues with chords. Dynamics include *f*.

Sixth system of the musical score. The right hand features a melodic line with a trill and a descending run. The left hand accompaniment continues with chords. Dynamics include *f*.

The musical score is written for piano and consists of five systems of staves. Each system has a treble clef staff on top and a bass clef staff on the bottom. The key signature is three flats (B-flat, E-flat, A-flat) and the time signature is 3/4. The first system begins with the instruction "dolce" and shows a melodic line in the treble clef and a harmonic accompaniment in the bass clef. The second system includes a first ending bracket labeled "8ª" and dynamic markings "cres." and "f". The third system includes a second ending bracket labeled "8ª" and the instruction "loco". The fourth system features repeated melodic patterns in the treble clef with "cres." and "f" markings. The fifth system concludes with a "loco" section and "f" markings.

OS SERÕES reconhecem-se extremamente agradecidos á intelligente e apreciada compositora a Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura Eschich, que com tão gentil amabilidade permittiu a publicação d'esta sua nova e inédita composição. São numerosas as obras musicas d'esta distincta professora; e n'este genero, que tantos talentos celebres teem cultivado, ella sabe conservar uma tal leveza e graciosidade no desenvolvimevto que a melodia encanta e a cadencia emociona, suggerindo toda a ideal delicadeza fascinante da valsa, como se o seu lapis ao correr na pauta, em vez de notas, fosse desenhando illustrações d'um baile, animado pelo enthusiasmo juvenil, onde resplende a formosura da mulher na plena alegria da vida. . .

NOVO MOTOR SOLAR

ADQUIRIDO para a sciencia um novo invento, dentro em pouco a sua applicação e resultados suggerem novas applicações e determinam novos aperfeçoamentos de que aproveita logo a industria, fortemente impulsionada pela actividade humana em lucta permanente. N'esta revista indicamos, no nosso numero anterior, a utilização da força do sol, como motor, com o fim de accionar bombas destinadas a levantar as aguas subterraneas em região escaldada e requeimada das ardençias do clima, valorisando-a por meio de abundante e opportuna irrigação que permittisse e favorecesse o desenvolvimento das plantações.

Hoje registamos um outro recente motor solar, fundado sobre o mesmo principio, diverso na disposição, como mostra a nossa gravura, e installado em Pesadena, no estado de California, ao serviço d'um parque de criação de avestruzes, aquellas soberbas aves que vaidosas admiram a opulencia da propria plumagem na superficie brilhante dos espelhos, e que fornecem tão apreciados ornamentos aos caprichos da moda feminina no complicado fabrico de chapéus elegantes e custosos.

Como se vê da photographia que reproduzimos, a machina assimelha-se na apparencia a uma grande umbella aberta, formada por centenas de espelhos, e disposta em direcção tal que pôde receber na sua superficie interna os raios solares e reflectil-os, convergindo-os em fóco, sobre uma pequena caldeira de vapor que occupa o logar do cabo n'um guarda-sol vulgar.

A montagem da umbella é racionalmente feita sobre dois supports fixos, na direcção

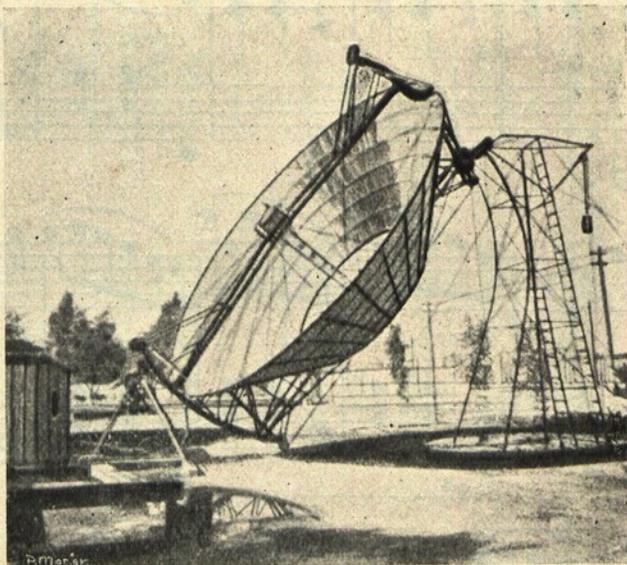
do meridiano do logar, dentro d'um quadro equatorial, como n'um telescopio, de fórmula ao seu eixo encontrar-se rigorosamente na linha norte-sul e a umbella mover-se de leste a oeste, acompanhando o sol no seu percurso. O reflector tem na abertura maior e superior o diametro de cerca de 10 metros e na menor o de 4,50 metros, e é formado pelo conjuncto de 1.788 espelhos em tiras de grandeza approximada de 9 por 60 centimetros. A caldeira é de fórmula tubular, com o comprimento de cerca de 4 metros, para 450 litros de agua e com o seu respectivo reservatorio de vapor, construida em aço, coberta d'um revestimento

absorvente de calor, em cuja composição entra principalmente o negro de fumo ou fuligem, sendo o vapor conduzido para a machina que actua a bomba por meio d'um tubo flexivel, em bronze phosphorado.

O manejo do aparelho é extremamente simples e reduz-se: a observar n'um indicador especial, quando a umbella está em fóco, porque desde então ella move-se

acompanhando o sol por meio d'um movimento de relojoaria; e a desvial-a da caldeira, quando esta tenha attingido a pressão necessaria, operação que se realisa por meio d'uma simples manivella.

Como se pôde comparar, este motor solar é mais completo do que aquelle que já descrevemos, mas tambem mais custoso e complexo, embora especialmente applicado ao funcionamento de bombas elevadoras de aguas subterraneas, emquanto que o inventado pelo dr. Calver procura resolver o problema de accumular força absorvida ás calorias que o sol prodigalisa nas suas ondas luminosas.





CAPITULO TERCEIRO

Uma noite decisiva

RECOLHIDA ao seu quarto, toda a noite foi para a alma da pobre Adozinda, ferida nas mais intimas e melindrosas fibras, uma batalha viva. Recordava as extranhas revelações que, poucas horas antes, escutára, e os ouvidos businavam-lhe de raiva, accendiam-se-lhe na retina pequenas luzes congestivas. Evocava a estremecida figura do delegado, e tão depressa lhe parecia sentir a elle collado o coração inevitavelmente, como que a infinidade dos mares e a immensidade do deserto se haviam já interposto ás cinzas da sua mutua paixão, extincta.

Adozinda era um d'estes caracteres simples e ingenuos, uma d'estas ardentes e límpidas naturezas, feitas de bondade e de sol, de que a provincia guarda o segredo; creatura toda imaginação e crença, toda singeleza e ternura, que o seu excessivo grau de receptividade prejudicava, e que a sua candida inexperiencia entregaria fatalmente, desprevenida e inerme, ao rude embate desmoralizador da vida. Educada no meio do maior recato, n'um relativo isolamento, entre os carinhos meticulosos da mãe e a respeitosa adoração, a distancia, dos visinhos, acontecia assim que ella mal conhecia as mais rudimentares arestas do mundo exterior. De negocios apenas ouvia fallar á mēsa; de politica e de crimes, uma ou outra vaga referencia que de acaso os seus olhos scismadores apprehendiam nos jornaes. Mas nada d'isto a interessava, nada lhe preocupava a attenção, de preferencia solicitada sempre por uma exacerbação doentia da actividade interior.

Como era o mimalho, o «i de bem» da casa, e o velho medico da aldeia sentenciára, do alto do seu dogmatico empirismo, que aquella menina tinha «os humores brancos», prohibiam-lhe os paes toda a sorte de occupação physica, a não ser algum migalho de costura. Se ella queria ajudar á cosinha, ar-

redavam-n'a «por causa do ar do lume»; não a deixavam amassar o pão, «porque lhe abria o peito»; nem ir colher as novidades á horta, «p'ra não molhar os pés». De sorte que esta forçada inacção refluia sobre o organismo desfavoravelmente. Levava uma recatada e mansa vida de freira, quasi sempre no seu quarto, sentada sobre o leito, a lér romances. O pae era assignante da *Bibliotheca dos dois mundos*, repositorio barato e tentador das mais dissolventes invenções do Romantismo, de complicadas, heroicas novellas de capa e espada, por cuja valenciana trama se enroscavam, em competencia de maravilhoso, de paixão, de inverosimilhança, os nomes de Dumas pae, Feuillet, Eugenio Sue, Gondinet, Montépin, Féval.

Tudo isso Adozinda devorava, com um pique de interesse, sempre crescente, até converter-se n'uma verdadeira furia obsessiva. Mal que um volume chegava, pelo correio, logo ella, a correr, se refugiava com elle no seu quarto, em cima, no segundo andar, junto ao mirante; e era um castigo depois, emquanto não acabava, para fazerem com que ella viesse abaixo comer. Quando terminava o volume, com o seu pequenino e tenro cerebro fumegante da perturbadora impressão de todas aquellas cavallarias e lindas intrigas amorosas, Adozinda cerrava então, n'uma deliciada embriaguez, os olhos, e, com o livro no regaço, mergulhando entre os joelhos a cabeça apertada com as mãos crispadas, assim ficava, horas, procurando n'uma absorvente visionação interior reviver e continuar pela imaginativa estimulada os lances essenciaes do drama que acabava de a commover.

Depois, ao entardecer, mal o crepusculo da tarde começava a adormecer os valles na sombra, a impressiva criança saltava da cama, passava ao mirante ao lado, e d'ahi passeiando pelo vasto panorama em frente os

olhos devorados de febre, inquietos e allucinados, visionava então ao vivo pelo vago negrume dos montes o agitado desenrolar dos mesmos episodios do romance. Dialogava com ella a solidão, as coisas animavam-se... Tal grupo de pinheiros mansos, no alto d'um cabeça, afigurava-se-lhe agora ser um puro castello roqueiro... e via na sombra scentelharem vagamente as alabardas, ouvia o grito plangente dos esculcas, sentia ranger a ponte levadiça... e um possante cavalleiro, mascarado de ferro, lá entrava n'um desapoderado galopar, a brida á terra, a lança em riste, e amorosamente cingido contra o peito o melindroso vulto branco da sua amada!

Chamavam-n'a então para ceiar; e ella em baixo, com os olhos scintillantes, tremulamente vibrando agora a prudencia habitual dos labios, e o ascetismo da face incendiado de desejo, desfiava lucidamente, com um rigorismo de expressão que uma grande vivacidade de gestos completava, transfigurada e feliz perante o immobilismo extatico da familia, todo o emocionante enrêdo do romance que acabára de lêr. Não esquecia um pormenor, não escapava um lance. Côada pela sua impressionabilidade excessiva, pela sua nervosa comprehensão, a narrativa ganhava em interesse, em naturalismo, em côr. Já a bôa da D. Bernarda tinha lagrimas de envaidecida commoção. Os creados immobilisavam-se tambem, com as travessas fumegantes nas mãos, a escutar. E Bento de Souza exclamava, regalado:

— Está bem, filha... Escuso de lêr.— Depois, com intimativa, para os creados: — Então, seus palermas! essas travessas não vêm?... Isto não é com vossês, p'ra me pararem agora na sua obrigação... Vamos! que eu não gôsto do escoado frio.

E, fechado o voluptuoso parenthesis de interesse, o serviço da ceia proseguia; enquanto, insustavel na impulsiva narração, Adozinda fallava, fallava sempre, corrigindo agora, completando, continuando o enrêdo, e suspiradamente explicando de que maneira, se ella fôsse a auctora, teria escripto este ou aquelle capitulo, teria infligido o merecido castigo a tal personagem, teria talhado o natural epilogo á obra.

Desvanecidamente, a mãe apoiava:

— Sim... que, na verdade, assim como está não acaba bem!

Começou por esta forma Adozinda a desdobrar-se moralmente, a viver uma dupla vida. E gradativamente o sentimento especulativo conquistou-a, alheando-a cada vêz com mais repulsivo tédio da vida real. Uma attracção crescente, uma irresistivel voluptuosidade fazia-a escrava incondicional de todo

esse invisivel mundo de pagens, ingenuas, galans, monstros e phantasmas, que n'um doce embalo lhe amnesiavam o cerebro e em ro-dilhões de imaginosa febre lhe enlçavam a alma. Sôb o seu inalteravel ascetismo, sôb a sua compostura apparente, havia medonhas tempestades intimas, agitava-se um extravagante e escabellado cahos de reprimidas turbulencias. Na sua vida de concentração e de sonho, tudo o que fôsse agitação ou ruido incommodava-a. Nunca ouvia as primeiras palavras do que lhe diziam. E muitas vêzes aconteceu estar ella, com a mais familia, na sala, com visitas, e de repente, sem motivo ou justificação plausivel, erguer-se, sahir e não mais voltar.

A coisa chegou a termos, que até agora o canto d'um canario de estimação que ella tinha ha muitos annos, — suspensa a gaiola, sobre o leito, do fecho do tecto de castanho apainelado, — se lhe tornou insupportavel. Fazia-lhe ella invariavelmente, todas as manhãs, limpeza á gaiola, lavava-lhe o bebedeiro, renovava-lhe o painço, punha-lhe uma folhinha de alface ou um cibo de pão de ló; mas depois, antes que começasse a lêr e quando o animalito, estimulado pelo sol, rompia no seu trinado forte e jucundo, Adozinda, de mãos nos ouvidos, ia logo desterral-o para o mirante, e voltava delirando á leitura, insensivel aos pios de saudade que do seu immerecido isolamento lhe ficava soltando o innocente.

Por effeito d'esta orientação falsa e perigosa, d'esta educação manquejante, d'esta hyperkinesia sentimental, grave e constante, Adozinda nutria a mais falsa e deleteria noção do amor. Suppunha-o de verdade esse sentimento absoluto, celestial, impetuoso e ardente, santo como a morte, leal como o destino, que na prosa fallaz dos romances não se fartava de vêr descripto. Ao passo que vagamente tambem, n'um empenho absorvente, na polarisação total do seu querer, n'uma candida etherisação da sua alma, ella sonhava e esperava e desejava e queria vir a ser a heroína, embora infeliz, embora martyr... de qualquer aventura assim.

Ora foi n'estas ingratas condições que o seu namoro com o dr. David começou. E foi por effeito de toda esta compromettedora predisposição que as invenenadas revelações das duas amigas lhe cavaram estragos irreductiveis na desprevenida candidez da alma. Para uma outra qualquer menina da sua idade e condição, não lograria attingir grandes consequencias o conhecimento d'aquella pequenina traição banal; porêr perante o animo excessivo e violento de Adozinda logo assumiu tragicas proporções esse episodio trivial

de galanteio. O abalo foi enorme, a decepção foi formidável. E então que a sua mesma hysteria intellectual, o seu morbido anseio por sacrificar-se, a sua insalubre avidêz por crucificar em sublimes provações a austera virgindade do seu coração, concorriam para exaggerar-lhe o mal, e exacerbar-lhe até limites descomedidos o agudo espinho d'esta dôr, ao mesmo tempo temida com horror e desejada com alvoroço.

Decididamente, — n'aquella noite ella com

por isso deixaria de encarar com serenidade, e aguardar com coragem, o futuro de penas e tormentos que acaso a sorte lhe preparava. Até estimaria, se, ao cabo, a sua accidentada vida, bem contada, podêsse dar thema a algum sensibilisante romance de amor! Mas que lhe competia fazer então, por onde começar, a que atêr-se?... Deixar-se-hia tola-mente ludibriar?... Não, seria demais. O mais bonito, o mais natural seria ir ella mesma direita ao perigo, procurando resolutamente



aclarar a situação; seria surprehen-der os dois namorados por forma tal, que nem um méro ensaio de desculpa podêsse apontar do dr. David nos labios fementidos. Oh, havia de fazê-lo! Ia começar por ahí...

Depois de por todos os aspectos debatida, em agitadas horas de insomnia, ficou esta resolução assente. E, forte com ella, no dia seguinte amostrou-se a Adozinda leve, communicativa, esturdia; parecia contente. O delegado faltou n'esse dia, e no outro, e no seguinte ainda; e não obstante, com sincero pasmo de Bento de Souza, nem por isso a filha mostrou a menor contrariedade ou tristeza. Nem n'elle fallava. Nunca, como agora, ella andou tão desprooccupadamente alegre, tão esquecidamente infantil.

— Tu percebes isto, mulher?... — dizia o Souza para a consorte, muito intrigado. — Aquelle traste

sinceridade pensou, — havia chegado a sua vêz tambem de dar contingente obrigado á insaciavel cruêza do destino. Amar e soffrer... eram coisas correlativas. Uma obrigava á outra. Chegára a sua vêz, — paciencia! Nem

sem apparecer, e ella que nem n'elle falla!

— Talvez seja disfarce...

— Qual! Não é creatura d'isso, bem sabes. E' que, com aquelle seu genio, talvez se sinta mais despegada.

— E olha que era uma fortuna!

Ao quarto dia passado sem David apparecer, sentiu-se de subito Adozinda tomada por uma grande e irreprimivel anciedade. O seu coração offendido pedia uma reparação immediata; a sua alma espinhada e solitaria reclamava a tyrannica restituição do seu amor. Para mais, tinham vindo, sobre a tarde, os Guedes, e na sua fulminea torrente de indignações contra o capitão Sobrêda e a filha, aclararam que, para em tudo serem ruíns, até estavam esses dois estafermos fazendo pouco da terra, com o seu proceder de escandalo. — Porque o tarimbão ia para a fonte, depois do recolher, derriçar com as raparigas; al-guem jurava têl-o visto já seguir, com uma, para a sombra discreta das *australias* da *Alamêda* do conde de Ferreira. E ao mesmo tempo, em casa, da janella para baixo, tambem a filha derriçava descaradamente, até altas horas, com um namoro... que não podia ser outro senão o doutor delegado.

— Aquillo fôram dois raios que aqui cahiram! — dizia formalisada a mana Guedes, com chispas de colera no olhar, repuxando nervosa os mitenes de sêda.

— E' uma gente sem regulamento! — apoiou o irmão.

— E então aquelle doutor, quem havia de dizer?... — lastimou a meia voz o Souza, com uns olhos de cuidado enviézados á filha.

— Fructos da liberdade, meu caro amigo... — peganhou ironico o commendador. — Ahi tem... As justças novas são assim!

— E' mal entendido, isso é... — disse tambem a D. Bernarda. — Apezar de que, a maior culpa é d'ella.

Mas com espanto de todos, n'um claro riso, n'uma expressão singular, a Adozinda epilogou: — Eu cá... acho divertido!

E mudando, com extranha frivolidade, de assumpto, gabava agora a bôa e solida apparencia do sr. Pedro Maria, «que não se fazia velho»; dizia á irmã d'elle que lhe ficava muitissimo bem aquelle chapêu, todo preto, sobre as ondas suaves do cabello grisalho. Tão desinteressada, tão alheia a amorosos cuidados ella se amostrou, em summa, que á saída não se pudéram ter os Guedes que ao pachorrento Souza não segredassem, indicando-lhe de carinho a filha: — Parabens!

Porêem toda aquella apparente tranquillidade e segurança provinham de que na cabecita graciosa e firme de Adozinda estava já, para essa noite mesma, um audacioso plano concertado. A inflexibilidade da sua prévia resolução tornára-lhe o pensar leve. E, desinteressados e inertes para tudo o mais, os seus nervos eram escravos d'uma inflexivel resolução, na sua vontade pertinazmente ama-

durecida. O unico ponto delicado, sério a resolver era a sahida, logo, de casa... Pela quinta seria impossivel. A chave não ficava no portão; e, mesmo que ficasse, ringia tão desesperadamente, que no silencio da-noite todos a sentiriam! Pela cosinha, a mesma difficuldade; é verdade que a porta d'esta ficava só amparada com a tranca, que era facil arrear sem ruido; o cortêlho a seguir tambem se atravessava bem; mas depois lá estaria ella na quintan, e a chave da cancella tambem ficava em mãos do moço das lojas. — E com-tudo ella havia de sahir por força, n'aquella noite, dêsse por onde dêsse! ainda que para isso tivésse de rogar a Nossa Senhora um milagre, ainda que tivésse de emprestar-lhe azas o desejo!

Ah! mas... muito bem! — de repente tinha achado. E no quente impulso do seu jubilo, ria interiormente, troçando de si mesma. — Pois como é que ha mais tempo lhe não tinha lembrado? Parecia impossivel... Era o caso que, rente com a sala de jantar, ao lado da dispensa, havia uma pequena casa sem luz, quasi inutil, com o rodapé vestido de grandes arcas antediluvianas, cheias de roupas, milho, feijão e fructas de sequeiro; e tendo para o exterior uma unica porta, a qual abria na parede mestra do prédio, no alinhamento do muro da cancella, independente d'esta portanto, e dando serventia directa para a mesma viella por meio d'uma escada saliente, de granito. — Por ali assim é que havia de ser... Nada mais facil. Esta chave estava sempre no seu logar; desandava-a e estava na rua! Esperaria que todos socegassem e depois... com muito geito... Mas se já fôsse tarde!?!... Não. «Até altas horas», disséra o commendador. — E estremecia. — Bem! havia de vêl-os, apanhal-os fatalmente!

N'aquella mesma tarde, entrou de disfarce na pequenina casa de antemão escolhida para a sua romantica aventura; e, levando a chave logo para o quarto, untou-a com azeite da lamparina, para que girasse docemente na fechadura; depois escondeu-a, embrulhada n'um papel, entre o colchão e o enxergão, aos pés do leito.

Pareceram-lhe as primeiras horas da noite interminaveis; e durante todo esse tempo, e mórmente á ceia, todo o seu cuidado era retrahir a expressão e furtar-se ao exame dos paes; não fôsem elles soletrar-lhe no claro rosto, não afeito a mentir, algum signal patente do designio... Depois, dadas graças a Deus, Adozinda tomou o seu candieiro e subiu rapida ao quarto, onde, deixando apenas encostada a porta, cahia agora prostrada de joelhos aos pés do leito, com o coração em doidos solavancos a marretar-lhe o peito, as

inertes mãos de gêlo e o corpo n'uma tremura. — Que demonio de tentação fôra aquella? Que loucura ia ella fazer?... Afoitar-se assim sósinha, áquella hora temivel! O que vale é que fazia luar... Mas não lhe teria valido mais fazer o Mathias comparte no segredo?... Elle abria-lhe a cancella, acompanhava-a... Isso sim! absurdo... Ia mas era logo, alvoroçado, denunciava-a ao pae! E n'um grande suspiro gemeu: — Acabou-se... E' sorte!

Movia atropelladamente, n'um grande fervor mystico, os labios, ao tempo que anciosos os seus olhos suaves procuravam, na frente, a protecção da Virgem que suspensa da cabeceira do leito, n'uma ingenua lithographia colorida, maternalmente lhe sorria.

Soaram lento as dez horas no enferrujado carrilhão da torre proxima, soaram as onze; e então Adozinda, subtilmente, pôz-se em pé, tremendo sempre, enrolou na farta madeixa castanha uma mantilha branca, de lã, atirou um chale aos hombros, tomou de entre o colchão e o enxergão a chave, voltou-se piedosamente ao retabulo da Virgem, e per signou-se e benzeu-se como que implorando-lhe a benção... depois, finalmente, vencida a sua ultima hesitação, fêz rodar em silencio a porta do quarto e inquiriu com prudencia o corredor.

Mergulhava n'uma escuridão quasi completa; luctando desvantajosamente com a sombra, a todo o seu comprimento, havia apenas a escassa luz que entrava pela janella unica que se lhe abria no topo, prolongando-lhe pelo vago a extensão indefinidamente. Mas nem viv'alma, nem o mais insignificante ruido. Ninguem daria fé... Deixou, com mil precauções, o quarto, e arriscou, mansa e deslize como um phantasma, arrimada á parede, os primeiros passos ao longo do corredor, direita á escada que dava para a sala de jantar. Então, quando já perto do corrimão, com um dos pés quasi na aresta do primeiro degrau, sente nas costas um ruido extranho, uma como farfalhada que a fêz estremecer e voltar-se, fria de susto, prestes a despenhar-se no espaço, com o peito oppresso e as mãos no ar. — Fôra, no vertice do corredor, a costumada batida dos morcegos contra a vidraça.

Logo cobrou animo, tomou á escada, desceu... agora, ao atravessar n'um passo imperceptivel a sala de jantar, sentiu, ali bem proximo, o resonar compassado e alto de seu pae... e foi n'uma dolorosa oppressão que metteu chave á porta, na casa immediata. Mas dir-se-hia que cobrava novos alentos da mesma sensação do perigo; no risco, no terror da sua situação, fazia-a simultaneamente soffrer e gosar não sabia que amarga voluptuosidade.

Porfim, lá estava ella já fóra, no patamar da escada, animosa e incerta, inquirindo n'um supersticioso receio a grande noite mysteriosa. Apezar da evidencia do luar, uma ligeira morrinha cahia do céu; o peneiramento molhado da cacimba, penetrando as carnes, comia os contornos, apagava os planos e algo doava as coisas. Uma immobilidade espectral congelava o espaço. Um gallo cantou ao longe.

Sempre com o mesmo animo, admirada de si mesma, Adozinda desceu, metteu directamente á rua, avançou n'esta paysagem de sonho, e instinctivamente tomou acima, cortou a praça, e, seguindo em direcção á fonte, d'ahi a momentos atacava a rampa suave que conduzia á *Alamêda*. Em torno d'ella o silencio era total e a pacificação absoluta, no espaço vago pelo esfumaçamento humido da cacimba ao longo das tortuosas fiadas de velhos prédios, cujos negros telhados se esbatiam confusamente na sombra alta, em monstruosas figurações de pesadêlo. O ar cortante da noite, repassando-lhe as roupas, levava á epiderme melindrosa do seu corpinho recatado uns afaços brutaes, que, aggravados pela tensão nervosa do momento, se traduziam em arrepíos de susto, em contracturas de indecisão e de febre. Segurando á frente do busto o mantelête, não tinham descanso, não atinavam com uma posição os dedos, corridos por impetos de raiva, trabalhados por carphologias de dolorosa anciedade. E a cada momento os pés, inertes, tropeçavam nas pedras soltas, as pernas vergavam como a um peso excessivo, e de encontro aos labios, cerrados e crêspos, os dentes rufavam atropelladamente.

Ao chegar á fonte, o murmurio cantante da agua correndo, com a sua poetica serenidade, trouxe-lhe á alma, por instantes, uma sensação de frescura. As franças lugentes do grande chorão secular dançavam mansamente, a agua em repouso phosphorava ao-de leve, as rãs coaxavam tranquiillas. Adozinda, momentaneamente distrahida e repêsa da sua loucura, parou, como que a escutar o conselho acariciador da Natureza... esteve a termos de retroceder; mas de repente, a um novo estimulo do seu genio impetuoso e forte, do seu coração em sobresalto, do seu character virgem de humilhações e alheio a affrontas, tomou de novo ao caminho. E agora ao descortinar no delineamento incerto da penumbra, mesmo á entrada da *Alamêda*, a linha conhecida do caramanchão circular que corôava o angulo do quintal da casa do capitão, retomou-a o mesmo ardente allucinamento anterior, as palpebras bateram-lhe fortemente, as fontes latejaram-lhe... e foi com o sangue a galopar-lhe no peito e as pernas agora têsas e firmes, que ella se aproximou, dançando-lhe estonteado-



ramente a paisagem em cabalísticas sombras, em phantasmaticas visionações que lhe faisavam na retina, como morbidas evocações de algum mau sonho.

Seguramente, estava chegada ao momento crítico, ao instante decisivo da sua inquirição. — Se os dois se amavam, se, como se dizia, elles prolongavam interminaveis dialogos pelo mysterio discreto da noite, ella ali estava agora, bem proxima... tinha occasião de verificar. E mais lhe valia... Seria um abalo salutar. Era um peccado, certamente; mas que Deus, na sua bondade infinita, Elle que sabia lêr-lhe a angustia immensa que lhe ia na alma, lhe saberia tambem perdoar. E, em summa, acima de tudo estava a sua dignidade. Tudo, tudo queria... o desengano, a morte, as penas do inferno... antes do que ser o rebotalho de ninguem!

Tinha pois chegado, silenciosa, invisível, rente ao muro tósco do quintal; deslizou ao longo d'elle mais uns passos, e tinha attingido a esquina; estava mesmo sôb o pequenino caramanchão, de gracioso ripado cónico, despedido agora da sua enliçagem perfumada de lilazes e glycinias, e que ali apontava n'uma linha elegante pela rua. — Ali não estava ninguem... E, ao verificá-lo, a alvoroçada creança viu de repente como que abrir-se deante d'ella uma grande claridade confortante. Começava a desconfiar que era sem base o seu receio. Fallavam-se os dois ali, tinham-lhe dito... áquella hora... mas como havia de ser, senão, naturalmente, ella debruçada, de cima, e elle em baixo, ali no mesmo logar onde ella estava? Afinal, nada d'isso ella via. Salvo se... Seria cêdo? Viria elle ainda?... — E, novamente picada pelo espinho agudo d'esta suspeita, ahí voltava Adozinda a sentir-se illaqueada n'um como turbilhão de fogo... alongava, rampa abaixo, a vista, fazia concha com a mão junto á orelha, a apprehender os ruidos mais subtís, no caprichoso segredo da noite. — Oh, se elle chegava ali assim de repente! se a surprehendia... Mas nada, não sentia ninguem. Que grande asneira tudo aquillo!

N'isto, um ruido distante, rouco e tremido, progressivamente crescendo, se esboça e vêm rolando monotono e insistente pelo ar. E' um vago rodar, primeiro, alegrado depois por um cascalhar de guisos, cortado por estalidos brancos de chicote. — A diligencia de Moimenta que chega, direita ao caminho de ferro; não ha perigo, passa longe d'ali. — Mas, no mesmo instante, ouvem-se vozes ali perto... e ellas ahí tornam, não ha duvida nenhuma! Como se alguém estivesse fallando muito em segredo, e agora o estrondear da diligencia lhes fizesse naturalmente erguer a voz. — Quem seria?... Passageiros? Lavradores já para o cam-

po?... — Ao formular, n'um instinctivo receio, a si mesma estas perguntas, tornava a pobre Adozinda a sentir frio na alma, voltava a tremer n'um pavor de anciedade; e a odiosa, a horriavel, a temida hypothese ahí a tinha ella de novo, a ameaçal-a com imprevistas apparencias, a aniquilal-a com a sua crescente evidencia. Quem quér que era, fallava sem se deslocar d'onde estava... e era ali bem perto... em cima, no quintal, no caramanchão. N'um claro de silencio, ao parar em baixo, na praça, a diligencia, o ar espêsso e parado repetiu muito distinctamente, arrastada n'um pegar lascivo, esta supplica:

— Não, não, David... isso não!

Adozinda teve que amparar-se á parede para não cair. Queria, n'aquelle minuto terrivel, vêr-se a cem leguas d'ali... e ao mesmo tempo uma diabolica e indomível força, a voluptuosa tyrannia da desgraça, paresiavam-lhe os membros e quebravam-lhe o animo de se arredar, chumbando-a implacavelmente a essa muralha de ignominia, victima obrigada a este novo genero de sacrificio, ignorado e horriavel. E era o mesmo David que agora, com a sua voz mais dôce, com a sua expressão mais persuadente, protestava:

— Não, digo eu... e tenho sobrada razão para o dizer. Amamo-nos nós ou não amamos?...

— Ainda o duvid? ?

— Tenho-lhe eu dado, ou não tenho, em bem pouco tempo, as provas mais decisivas, mais carinhosas, mais concludentes da intima submissão da minha alma, do completo alheamento do meu ser?

— Parece... .

— E em compensação nada lhe mereço?... .

— E' cedo... quero mais provas.

— Sem um estímulo, por insignificante que seja, não pôsso!

A filha do capitão casquinou uma risadita desabusada, louca. E David tornou: — Não pôsso, não... nem se usa, nem é bonito.

— Como está adeantado!

— Pois não é assim?... Creio bem ter já direito, ao menos... — Aqui, ouviu-se um ligeiro roçar de roupas, cantou o afago electrico d'um beijo. — Só um, bem... por ora isto me basta! Já estou contente.

Então, ao imprevisto estalar d'aquelle beijo, Adozinda largou de salto o muro, n'um repellido de brio, sinceramente indignada. Todas as reacções salutaes do seu character, impetuoso e puro, lhe subiram ás temporas em ondas de fogo. Sacudiu-a um impeto de raiva e nôjo, como se lhe tivesse sido roubado a ella mesma aquelle beijo, ousado e brutal. Mas ao mesmo tempo o som d'esse beijo de satyro despertára ignorados appetites da sua car-

ne... e agora á dôr cruel da decepção, ao odio de morte á sua rival, á instinctiva aversão por aquella scena sensual e imprevisita, juntava-se na tempestuosa desordem da sua alma uma voluptuosa ancia, uma perturbação, um pique de desejo.

De tudo isto lhe veiu um recrudescimento raro de energia, a obsessão, a vontade indominavel e inilludivel de aclarar e atalhar immediatamente a situação. Um mixto amarissimo, vehemente, de raiva e ciume, de amor e exaspero, impellia-a nas azas do seu mau destino para junto dos dois. Era como se a tivesse tornado agora insensivel a mesma incomportavel acuidade da sua dôr.

Torneou rapida a esquina do muro; na outra face, topando a cancella apenas encostada, descalçou-se, subiu leve os degrausitos de pedra; e logo avançava, sem ser presentida, no silencio e na sombra das latadas, até mesmo á bocca do caramanchão.— Via agora os dois distinctamente. David enlaçava com o braço a cintura da namorada, cuja cabeça lhe poisava languida sobre o hombro. E, — coisa singular!— Adozinha já não tinha pejo, já não tinha agora ciume... antes uma humidade gulosa lhe amollecia os labios, sêccos ha pouco e duros de anciedade, e, com o cerebello n'um atordoamento, sonhava para o seu corpo fresco e virgem uma situação igual...

Mas o dialogo continuava:

— Sejamõs francos, doutor, é melhor... — balbuciava a Sobredinha com doçura. — Cuida que eu que não sei?...

— O que é que sabe?

— Eu vim tarde de mais...

— Sim... para o meu desejo.

— Não é isso, impostor! Vim tarde, porque o seu coração já não lhe pertence...

Adozinda, no auge da anciedade, avançou mais o busto, com a garganta estrangulada, sem respirar.

— Então? tornou David.

— Ha aqui uma menina... da casa do patim... que o adora...

— Não me consta!

— E que o doutor ama tambem!

David teve uma inflexão de desdem, que gelou o sangue de Adozinda.

— Talvêz queira negar... — objectou a outra.

— De certo!

— Oh, os homens! os homens...

— Essa menina, não nego, é interessante-sinha... mas ao mesmo tempo não passa de uma producção semsabor d'este meio da provincia. Amal-a eu... crédo!

— Não diga isso!

— Palavra! Méro entretêm... nada mais. Não a pôsso aturar! — E, a sellar estas palavras persuadentes, preparava-se o lascarino

David para cingir mais estreitamente contra o peito a namorada, quando um objecto longo, pesado e hirto desabou de chofre entre os dois, inopinadamente, como uma sinistra apparição, com um baque doloroso e cavo... Fôra o corpo de Adozinda que tombára desamparado, n'um delíquio, lascado o seu coração em cheio por aquella injuria fulminante.

A filha do capitão saltou logo fóra do caramanchão, largando um grito espavorido. David porém, sem perder o sangue frio, mas muito longe ainda assim da imprevisita verdade, baixou-se prompto sobre o que elle vira ser um corpo humano, sem comprehender. E depois, ao reconhecer Adozinda, não podia crêr... e emquanto carinhosamente a ageitava sobre o banco, afastando-lhe da testa o cabello, amparando-lhe o busto, mantendo-lhe a cabeça erguida, um sincero e agudo remorso retalhava a sua alma inconsistente, mas bôa e generosa.

E chamou a Sobredinha com instancia, socegando-a, pedindo-lhe que fôsse por agua ou por algum frasco de saes; mas esta, cada vêz mais desacordada, e mais no seu supersticioso terror convencida de que estava em presença d'algum phenomeno sobrenatural, foi-se gradualmente afastando, afastando, fazendo um esforço enorme para não gritar, e com os dedos indicadores em cruz, desatando por fim n'uma desordenada carreira a metter-se em casa. E já o resto da noite não dormiu.

Entretanto, David ficára só com Adozinda no caramanchão, tomado d'um embaraço horrivel, na dolorosa incerteza do procedimento a tomar. Como liquidar aquelle funestissimo incidente, sem escandalo e sem perigo? Como reanimar, como conduzir, elle só, sem recursos nenhuns, aquella pobre criança a casa, por modo que nem a sua saude nem a sua reputação nada soffrêsem?...

— Ora os meus peccados! — exclamava elle, erguendo olhos de piedade ao céu.

E afflicto, perplexo, resolvido a ir chamar, em ultimo caso, alguém e não querendo ao mesmo tempo deixar aquelle melindroso fardo, debatia-se o leviano delegado n'um dédalo de conjecturas, quando insensivelmente, docemente, como uma evocação espectral, Adozinda começou de cobrar alento, abriu os olhos, concentrou-se como que n'uma recordação... depois aprumou-se de salto, correu direita á escada; voltando-se, immobilisou, pregando-o no mesmo logar com um soberano olhar indefinivel, David, que ia a seguil-a... e desacordada e louca tambem, sem fallar, sem parar, sempre descalça, tornou de carreira para casa, onde entrou com as mesmas precauções da saida, e onde se enfiou por fim no leito, toda ella um lume, toda sacudida e rangendo n'uma tremura.



O COLLAR

DA RAINHA

A historia do processo do roubo do celebre collar de brilhantes aos joalheiros da corôa franceza, que tão profundamente excitou as paixões partidarias e acirrou os odios politicos ao findar do seculo XVIII, precedendo d'alguns annos a Revolução, interessa vivamente pela alta posição social das personagens que n'elle figuram ou por elle attingidas na sua reputação, pela complexidade dos incidentes e pelas contraditorias explicações que da urdidura do furto dão os documentos e as memorias do tempo.

A critica moderna isenta completamente a infeliz rainha de França, não só da participação no audacioso roubo dos brilhantes, como tambem de qualquer intervenção, mais ou menos directa, em deliberada intriga para macular a reputação do cardeal de Rohan.

Mas este principe da Egreja, um elegante nas suas vestes prelaticias, espirito arguto, embaixador intelligente, vivendo n'um luxo estonteador, que melindra a côrte de Vienna d'Austria quando ministro junto d'ella, ou deslumbra os seus hospedes, quando os recebe no seu castello feudal em Saverne, affeito ao convivio e á intriga dos salões, fica offerecendo agora, visto á distancia d'um seculo, o triste espectáculo d'um hypnotisado pelas artes magicas de Cagliostro, um suggestionado inconsciente pelos ardis d'uma ladra megalomana, um enfeitado, como se dizia nos tempos antigos.

No anno de 1785, espalhou-se em Versailles a noticia de que o grande collar de brilhantes, tão fallado por toda a Europa durante dez annos, tinha desaparecido, e as suspeitas do roubo audacioso cahiram sobre uma tão alta personagem que ninguem ousava pronunciar-lhe o nome, senão em voz baixa, muito em segredo.

A famosa joia fôra primitivamente trabalhada por ordem do rei Luiz xv para presentear a formosa condessa Dubarry. Infelizmente para a condessa, e ainda mais para os joalheiros da côrte, o rei morreu quando estes tinham conseguido completar o collar; de sorte que em vez de receberem os dois milhões de francos, preço da sua obra, os joalheiros encontraram-se apenas com o collar entre mãos.

Por essa occasião, tentaram inutilmente des-

embaraçar-se de tão custoso objecto d'arte. Como era natural, dirigiram-se aos successores de Luiz xv sobre os quaes tinham, pelo menos, o direito de reclamação moral. Não obstante o joalheiro Bohmer, o mais velho dos dois socios, ter levado repetidas vezes o collar a Versailles, e louvado a sua belleza aos olhos da rainha Maria Antonietta, embora admirando a famosa joia, esta recusára persistentemente ser sua compradora. Bassenge, o outro socio, partiu por sua vez em viagem a todas as côrtes da Europa, á procura de qualquer princeza vaidosa ou rica bastante para pagar justo preço pelo perdido presente a madame Dubarry.

Talvez a unanime recusa das rainhas tivesse alguma relação com o facto do collar ter sido encommendado para a condessa; certo é, porém, que Bassenge voltou, como tinha partido

Os tres retratos que compõem o «en-tête» d'este artigo são: ao centro, o da rainha Maria Antonietta reprodução do celebre quadro de MME. VIGÉE LEBRUN; do lado direito, o de Mme. de la Motte, a celebre aventureira; á esquerda, o de Mlle. d'Olive, sua comparsa inconsciente, segundo gravuras da época.

e os afamados brilhantes, que por aquella occasião adquiriram celebridade europêa, voltaram a descançar na segura joalheria em Paris.

O caso tornou-se progressivamente grave para Bohmer e Bassenge. Para poderem colleccionar os 630 brilhantes, de que era composto o collar, haviam-se empenhado e comprometido extremamente o seu credito. A um só credor, Baudard, thesoureiro geral da armada, deviam um milhão de francos, e este insistia pelo pagamento. Que haviam de fazer?

Bohmer encarregou-se do ultimo appello a Maria Antonietta. Pouco satisfeito com a recusa, até então recebida, desgostoso pelas dificuldades financeiras que soffria ou fatigado com o grande trabalho que tivera em o colleccionar, qualquer que fosse a causa, dizia-se que o seu cerebro ficára profundamente affectado. Um dia encontrou a rainha, passeiando nos jardins do Trianon com a sua aia confidente, madame Campan, e deitou-se-lhe aos pés.

— Ou sua magestade consente em comprar o collar, ou me reduz á dura necessidade do suicidio! — exclamou suffocado em pranto —



...deitou-se-lhe aos pés.

está na vossa presença um homem completamente arruinado.

— Não tenho responsabilidade d'essa triste situação — respondeu a rainha. Parece-me ex-

taordinario que não desfaça o seu collar e venda os brilhantes separadamente.

Com este justo conselho ella despediu o infeliz ourives; mas o seu conselho não foi seguido. Pouco tempo depois, quer dizer, no fim do anno de 1783, o embaixador portuguez em Paris, então como agora centro da moda feminina, recebeu instrucções para encomendar o enxoval para o proximo casamento da infanta de Portugal, D. Marianna. Fez a encomenda a Rosa Bertin, celebre modista da rainha, e ao mesmo tempo contou-lhe que pensava comprar o collar em nome de seu augusto amo, para presente do noivado.

Mademoiselle Bertin não se esqueceu de ir contar o caso á rainha Maria Antonietta, a qual recebeu a noticia com frieza pelo menos aparente.

Mas nunca é prudente julgar os sentimentos das mulheres, mesmo rainhas, pelas suas palavras. Maria Antonietta mandou chamar Bohmer; e, quando elle chegou a Versailles, encontrou sua magestade que lhe disse em tom aspero denunciando resentida censura:

— Estou muito satisfeita em saber que vendeu o seu collar.

O joalheiro abriu os olhos com espanto.

— O meu collar, minha senhora!

— Sim o collar que o sr. de Sousa vae mandar para Lisboa.

— Perdão, minha senhora; mas eu asseguro a vossa magestade que nada sei das intenções do sr. de Sousa a tal respeito.

Maria Antonietta voltou-se para mademoiselle Bertin, que estava presente e reprehendeu-a bem severamente com um simples olhar.

Não seria de admirar que este incidente deixasse no espirito de outros, além de Bohmer, a impressão de que Maria Antonietta não era tão indifferente á fascinante belleza da custosa joia como até então fizera acreditar.

Não devemos occultar que as *memorias* da modista Bertin são tidas por apocryphas, para conservar assim a imparcialidade da narrativa.

Pouco tempo depois um amigo de Bohmer, encontrando-o em Versailles, perguntou-lhe se ainda não tinha comprador para o collar.

— Infelizmente ainda não — respondeu Bohmer. Tem sido para mim um tão pesado encargo, que de boa vontade daria cem luizes a quem me encontrasse comprador para elle.

O amigo escutou-o com attenção. Não era a primeira vez que o joalheiro offerecia uma boa commissão a quem se encarregasse de vender o collar. Achet, assim se chamava o amigo de Bohmer, explicou que seu genro, Laforte, tinha conhecimento com uma senhora, que era intima da rainha, e que se elles podessem obter em seu proveito a influencia d'esta

senhora talvez fosse possível que levasse Maria Antonietta a comprar a joia, tantas vezes recusada.

Bohmer concordou jubiloso com esta idéa e perguntou o nome da amiga da rainha. Achet em confidencia, explicou-lhe que era a condessa de la Motte.

Joanna de Saint Rémi de Valois de la Motte, era então uma personalidade bem conhecida, tanto em Versailles como em Paris. Annos antes mendigára na estrada de Passy, pés descalços, labios descorados, faminta, o brilho extranho da febre nos seus bellos olhos azues. Descendente bastarda da raça real dos Valois, recebia uma pequena pensão da côrte, e seu marido, o conde de la Motte, pertencia á guarda pessoal do conde d'Artois, irmão mais novo de Luiz xvi.

A condessa e o marido viviam em Versailles, onde tinham uma bella residencia, mas como se sabia que eram inteiramente pobres, dizia-se que parte dos seus rendimentos procediam do cardeal de Rohan, para quem a influencia da condessa era poderosa.

A intimidade d'ella com a rainha, não era em geral conhecida, sendo mais particularmente fallada, do que abertamente notada. Diz-se que sua magestade recebia muitas vezes a condessa no retiro do Petit-Trianon, aquelle palacio em miniatura, onde Maria Antonietta punha de parte as restricções da etiqueta e gosava da sociedade das amigas intimas.

Infelizmente a rainha não era muito particular na escoiha dos caracteres d'aquellas que ella honrava com a sua intimidade. A duqueza de Polignac, sua predilecta, tinha sido arrancada á pobreza pela protecção da rainha, e mesmo a princeza de Lamballe era considerada uma aventureira pela nobreza orgulhosa de Versailles. A unica differença que havia entre estas damas, algumas das quaes seguramente de vida pouco virtuosa e a condessa de la Motte, era que aquellas eram recebidas publicamente na côrte, emquanto que a condessa, dizia-se, entrava á meia noute, a porta do Petit-Trianon.

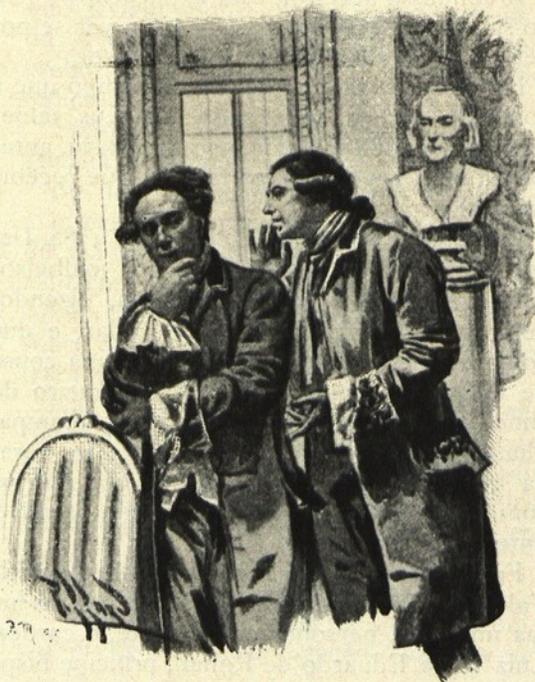
Em todo o caso, mal se explicam ou sequer se comprehendem muitos incidentes d'este complicado processo, sem admittir esta intimidade da condessa.

N'aquelle tempo, bastava que alguém fosse visto sahir dos aposentos particulares da realleza, para que esse feliz individuo fosse assediado por pedidos de patrocínio e de auxilio pelo formigueiro de pretendentes que invadiam os limites da côrte. A condessa de la Motte não seria a primeira e a unica pessoa que encaminhasse um negocio pela sua valiosa ligação com o Petit-Trianon.

Poucos dias depois da conversação entre o

joalheiro e Achet, os dois dirigiram-se a casa da condessa, levando o collar.

A descendente dos Valois, nova e sympathica, de phisionomia alegre e aberta inculcando



...escutou-o com attenção...

sinceridade, sorriso encantador, voz meiga e iusinuante, recebeu-os gentilmente, ao mesmo tempo que os seus olhos admiravam pela primeira vez a magnifica joia que tentára rainhas.

Mais de seiscentas pedras da mais pura agua, a maior d'ellas do peso de quarenta e cinco grãos, achavam-se reunidas e produziam um deslumbrante trabalho de malha. Havia fios, pingentes, presilhas e borlas de brilhantes, que deveriam cahir sobre os hombros de quem o usasse e sobre o collo, similhando correntes de luz. Era realmente mais uma *rivière* de brilhantes do que um collar, uma scintillante via-lactea, um festão de estrellas.

Logo que Achet encetou a conversação observando que estava seguro de que a rainha desejaria possuir a esplendida joia, a condessa replicou:

—Nada sei a esse respeito, nem posso comprehendere porque se dirigiu a mim. Assegure-lhe que não tenho ensejo de o servir junto da rainha, nem tenho a honra de me approximar d'ella.

Por prudencia a condessa negava em publico a amizade que a rainha lhe dispensava em particular. Achet respondeu com um sorriso:

—Minha senhora, não viémos aqui para deavassar os seus segredos, e ainda muito menos mostrar-lhe duvidas sobre o que nos diz; mas, creia-me, estou bem informado, sei o que se

passa por Versailles, e quando tomei a liberdade de lhe apresentar este meu amigo foi convencido de que ninguem na côrte estava mais em situação de nos prestar o serviço que sollicitamos.

A condessa accitou esta explicação; e tendo salvo as apparencias, prometteu vêr se poderia fazer alguma cousa em seu favor.

Referem outras memorias do tempo que a condessa Joanna, recebendo nos seus salões uma sociedade escolhida, não occultava, antes punha bem em relevo, os favores que recebia da rainha.

Passava-se isto por dezembro de 1784. Decorrido pouco tempo, os anciosos joalheiros receberam um aviso da condessa, dizendo-lhes que a rainha desejava o collar, e que podiam esperar em breve ouvir alguma cousa de definitivo a este respeito. Em janeiro do anno seguinte, a propria condessa acompanhada por seu marido, veiu ás sete horas da manhã á ourivesaria do *Grand Balcon*, com uma importante communicacão para Bohmer e Bassenge.

Foi Bassenge d'esta vez que recebeu a bella Valois, e ella annunciou-lhe que em poucas horas uma alta personagem da côrte, o cardeal Luiz René Eduardo de Rohan, principe bispo de Strasburgo, capellão-mór e esmoler-mór de França e ainda investido em outras dignidades, havia de ir á loja do *Grand Balcon* ajustar a compra da grande joia.

Bassenge apressou-se em significar á condessa a sua gratidão, mas ella antecipou-se ás suas intenções repellindo-lhe os protestos de agradecimento — Desejo que o senhor comprehenda que eu não tomo parte, nem intervenho n'esta transacção, declarou positivamente accrescentando ainda — «Como sua eminencia o cardeal, comquanto muito digno, está extremamente endividado, recommendo-lhe que não o deixe levar o collar sem alguma segurança de que seja pago.»

Feita esta advertencia os de la Motte retiraram-se.

Justamente na occasião designada pela condessa, o senhor de Rohan appareceu, e informou os joalheiros, sob o mais stricto segredo, que elle tinha sido encarregado pela rainha da compra do collar.

O cardeal de Rohan era um dos mais conhecidos personagens de França, e um tipico prelado d'aquelle tempo, que recebia tudo quanto a Egreja lhe podia dar em opulencia ou em poder e muito pouco dava em troca na forma de caridade e no comportamento de vida. Tinha sido embaixador de França em Vienna, e tinha offendido profundamente Maria Antonietta, com as celebres descrições de sua mãe, Maria Thereza como, «tendo na mão

um lenço, para enxugar o pranto derramado sobre as desgraças da Polonia, mas na outra mão a espada prompta a retalhar a Polonia ao sabor das suas ambições conquistadoras.» Tornara-se tambem culpado da loucura de repetir á imperatriz de Vienna as historias de escandalos que sobre a sua filha corriam em Versailles.

Portanto, quando Rohan voltou para França esperando ascender á posição de primeiro ministro, encontrou na rainha uma inimiga implacavel. Os verdadeiros e importantes serviços que elle fez á França, durante a sua missão, ficaram esquecidos e obscuros, e o cardeal achou-se aos quarenta annos excluido da côrte, e ao cabo da sua carreira.

Alguns annos se passaram assim, e o cardeal não perdia ensejo que se lhe apresentasse para conseguir a sua reintegração no espirito da rainha.

O preço do collar n'esse tempo desceu a um milhão e seiscentos mil francos. Foi combinado entre o cardeal e os joalheiros que esta somma seria paga em quatro prestações de 400.000 francos, vencendo-se a primeira no proximo agosto. Depois seguiu-se a questão de garantias.

— O collar não é realmente nosso, explicou o cauteloso Bassenge. — O senhor Baudard, a quem devemos um milhão de francos, não permitirá que o deixemos sahir do nosso poder sem lhe mostrarmos qualquer documento do verdadeiro comprador.

Em resumo, os joalheiros exigiram-lhe a assignatura da rainha. A exigencia tardou algum tempo a ser satisfeita, mas antes do fim do mez, o cardeal voltou á loja do *Grand Balcon*, com um contracto escripto pelo seu proprio punho, e authenticado pela real assignatura «Maria Antonietta de França.»

Um simples exame visual do documento seria sufficiente para os satisfazer; porém Bohmer e Bassenge lembraram-lhe fazer uma copia emquanto que elle ficaria com o original em seu poder.

O collar, que tinha estado pendurado, como uma mó, em volta dos pescoços dos infelizes joalheiros durante dez annos, foi finalmente entregue a sua eminencia.

Quinze dias depois os socios agradecidos convidavam a condessa. A descendente dos Valois condescendeu em jantar com os joalheiros, porém recusou a muito liberal commissão que lhe offereceram com o fundamento de que nada fizera para effectuar a venda, nem era habito seu receber presentes por qualquer serviço prestado,

Em breve correu a noticia de que a celebrada joia tinha afinal encontrado comprador. Por pedido do cardeal, Bohmer e Bassenge

respondiam a todas as perguntas curiosas que o comprador fôra o sultão da Turquia para a sultana favorita.

N'este meio tempo, dois dias depois da venda do collar a Rohan, sua eminencia encontrou por acaso os dois joalheiros em Versailles: «Então, senhores,» disse-lhes, «fizeram já os seus agradecimentos á rainha por ter comprado o collar?»

Os dois olharam um para o outro, concordando que se tinham esquecido de o fazer, pelo que, o cardeal os arguiu asperamente.

E cousa curiosa, esta mesma scena repetiu-se, com pequenas variantes diversas vezes durante os mezes que se seguiram. A rainha ainda não tinha apparecido em publico com o collar, e Bohmer e Bassenge ainda não tinham dado o prudente e logico passo recommendado pelo cardeal de agradecerem a sua magestade a compra do collar.

Afinal em junho o cardeal procurou pessoalmente os joalheiros para lhes entregar uma carta da rainha para elles, pedindo-lhes a redução de 200.000 francos no preço do collar, sem o que se viria forçada a envial-o.

Foi um choque para Bohmer e Bassenge. Comtudo aceitaram esta nova proposta e então escreveram a seguinte carta, dictada pelo cardeal:

«Minha Senhora:— Somos extremamente felizes em considerar que a nossa aquiescencia ás ultimas condições que nos foram propostas, e ás quaes nos submettemos com dedicado zelo, será recebida como uma nova prova de submissão e respeito ás ordens de sua magestade; e temos o mais verdadeiro jubilo em pensar que o mais bello collar do mundo será usado pela melhor e a mais bella das rainhas.

12 julho 1785.

Bohmer e Bassenge.»

Esta carta foi entregue á Maria Antonietta pelo proprio Bohmer quando ella voltava da missa. A rainha levou-a para a bibliotheca, e, depois de a ter lido, mostrou-a a madame Campan.

— Já adivinhou os enigmas no *Mercurio* d'esta manhã? Talvez pôssa descobrir a significação d'este outro. Aquelle doido de Bohmer entregou-me esta carta agora mesmo.

Madame Campan não tinha ainda podido interpretar a carta, já sua ama a amarrotava e queimava n'uma vela accessa para sellar cartas. E rematou o assumpto, dizendo:

— Quando vir o Bohmer será melhor pedir-lhe explicação de este caso.

Antes que se realisasse o encontro de Campan com o joalheiro, o cardeal voltou ao *Grand Balcon*, com ar inquieto, dizer que a

rainha agora pedia um addiamento do primeiro pagamento por dois mezes, mas entretanto offerencia 30.000 francos por conta. Para consolar os joalheiros, sua eminencia assegurava-lhes ter elle proprio visto nas mãos da rainha notas no valor de 700.000 francos que seriam applicados ao pagamento da divida: e repetia este facta a Baudard o principal credor, que tambem pelo seu lado andava afflicto.

Bohmer e Bassenge accitaram com relutancia os 30.000 francos.

No dia 3 de agosto, Bohmer foi convidado a ir passar a tarde em casa de Crespy, sogro de madame Campan. Participou ao cardeal este convite, pelo que sua eminencia o aconselhou a ser discreto e nada dizer á Campan sobre o negocio do collar, porque ella não entrara no segredo.

Mas o conselho não foi seguido. Madame Campan aproveitou o primeiro ensejo que teve para transmittir a Bohmer o recado da rainha.

— Sua magestade deseja saber a explicação d'aquella sua carta mysteriosa, que lhe entregou no outro dia.

Bohmer ficou como petrificado.

— Aquella carta! Diz-me que a rainha não comprehendeu a significação d'aquella carta?



...continuarão a andar pelas alamedas...

— Eu tambem a li, disse madame Campan, e do mesmo modo não a comprehendi.

— Ah! isso não me surprehe. Ha um certo mysterio n'um negocio ao qual está

alheia, todavia, se me concede um momento, explicar-lhe-hei tudo.

Madame Campan, surpresa e curiosa por sua vez, evitando a numerosa sociedade que estava nas salas, e tomando o braço do joalheiro, desceu com elle a uma das aléas do jardim. Alli, Bohmer relatou-lhe o que se passava.

— Trata-se do grande collar de brilhantes, explicou. Sua magestade afinal mudou de intenção e decidiu-se a ficar com elle.

— Mas o senhor deve estar enganado, exclamou Campan. Tenho a certeza de que a rainha não tomou tal resolução.

— Mas affirmo-lhe que ella auctorizou o cardeal de Rohan a compral-o em seu nome.

— Impossivel! O senhor está illudido. A rainha nem uma só vez fallou com o cardeal depois que elle voltou de Austria, e ninguem ha menos bem visto na côrte do que elle.

— Pelo contrario, quem está illudida é a senhora; e tanto que a rainha deve vê-lo então particularmente, porque foi a sua eminencia que ella deu 30:000 francos que me foram pagos por conta. Por signal que os tirou na presença do cardeal de dentro d'uma pequena secretária em porcelana de Sèvres, perto do fogão, no seu *boudoir*.

— Quem lhe disse isso, sr. Bohmer?

— O proprio cardeal. Além d'isto, tenho em meu poder contracto assignado pela rainha, o qual tenho sido constrangido a mostrar aos meus credores, afim de lhes obter demora nos pagamentos, attendendo aos pedidos da rainha.

Assombrada por estas revelações, madame Campan extremamente dedicada á rainha, assegurou a Bohmer que era victima d'um abominavel estratagem, e que a rainha nem tinha o collar, nem podia ter tido nenhuma conversação com Rohan sobre tal assumpto. Bohmer confessou tambem, por seu lado que algumas duvidas lhe atormentavam o espirito, principalmente porque a rainha nunca havia apparecido na côrte com o collar; e assim os dois continuaram a andar pelas alamedas do jardim, discutindo o negocio, formulando hypotheses, apurando pormenores, e tão embebidos que, diz madame Campan nas suas memorias, nem sequer presentiram que uma tempestade se formára no céu e sómente se aperceberam d'ella quando grossas e pesadas gotas de agua começaram de cahir d'entre as folhas das arvores sobre as suas cabeças descobertas.

N'aquella mesma occasião, por uma singular ou significativa coincidência, entrevista semelhante se estava dando em Paris entre a condessa de la Motte e o socio de Bohmer. Instado por um recado para ir a casa de la Motte, Bassenge foi recebido só pela condessa n'um quarto onde não havia mobilia alguma.

Logo que elle entrou, a condessa dirigiu-se-lhe com voz firme e muito serenamente lhe disse:

— Mandei-o chamar para lhe participar que tem sido enganado: a palavra «approvo», e a assignatura escriptas no papel que contém as condições da venda do collar, são falsificadas; a assignatura da rainha é falsa. Pelo que diz respeito ao resto, o cardeal, o senhor sabe, é muito rico; melhor será ir ter com elle e insistir em tornal-o pessoalmente responsavel.

O pobre Bassenge mal podendo acreditar no que ouvira, sahiu precipitadamente e em seguida foi discutir o assumpto com o cardeal que pela sua parte mostrou extrema perturbação quando teve conhecimento da declaração da condessa de la Motte. Comtudo assegurou Bassenge de que elle tinha em seu poder o contrato escripto pelo proprio punho da rainha, e despediu-o completamente confiado e sereno.

Mas, quando Bohmer voltou de casa de Crespy, e no dia seguinte contou a sua conversa com madame Campan, os dois socios começaram de vêr o caso muito grave. Ou eram victimas d'uma fraude de audacia nunca vista, ou então a rainha estava jogando um jogo muito perigoso, no qual igualmente deveriam ficar vencidos. Bohmer correu ao Petit-Trianon e solicitou uma audiencia á rainha, que lhe não foi concedida. Foi ter em seguida com o cardeal, mas este não poude ou não quiz accrescentar outra explicação ás que já déra.

Decorreram dois longos dias de incerteza afflictiva para os joalheiros e no terceiro um correio especial de Versailles parou á porta do *Grand Balcon*. Vinha annnciar a Bohmer a concessão da audiencia que lhe tinha sido recusada.

Cada vez mais se torna necessario caminhar cautelosamente por entre as narrações interessadas na lucta, e penetrar n'este labyrintho de falsidades. A principal testemunha pelo lado da rainha é madame Campan, que voltára a seu serviço n'aquella occasião. Emquanto estava ensaiando com sua magestade uma representação particular do celebre *Barbeiro de Sevilha*, então no auge da sua popularidade, Maria Antonietta contou-lhe o pedido de audiencia de Bohmer.

Madame Campan assegurou á rainha que era absolutamente necessario receber o joalheiro; que uma intriga tenebrosa se estava urdindo contra ella; que recibos assignados por ella andavam de mão em mão entre os credores dos Bohmers; e em resumo contou-lhe a historia do caso tão completa quanto d'ella era conhecida.

Maria Antonietta, conforme o testemunho da sua dedicada aia mostrou immenso espanto,

e particularmente pelo papel representado pelo cardeal de Rohan. Então ordenou que o correio fosse chamar Bohmer.

A conversação com o infeliz joalheiro deu lugar a uma desagradavel scena. Confiado nas affirmações de Rohan, não duvidou de que a rainha estava usando de processos dilatorios para o pagamento e asperamente lhe disse que não prolongasse esta situação, porque já não tinha meios de conciliar os credores.

— Mas o que teem os seus credores comigo, retorquiu a rainha. Bohmer replicou contando-lhe a inteira historia da transacção conforme elle a conhecia. A rainha negou tudo; mas Bohmer excitado, continuou dizendo:

— Minha Senhora, não é momento para mais fingimentos; condescenda em confessar que possui o meu collar, e queira mandar-me pagar alguma cousa por conta, ou então a minha fallencia trará todo este negocio á luz publica.

Admirada e mortificada, a rainha chamou o barão de Breteuil, ministro da policia, e entregou nas mãos d'elle a resolução do negocio.

Ninguem, além de madame Campan, soube d'esta entrevista. Segundo outras narrativas, Maria Antonietta *nunca* consentiu em ouvir mais Bohmer, pretendendo que a ameaça de suicidio a que nos referimos no jardim de Versailles a incomodára muito.

Certo é que, de uma fonte ou de outra, Breteuil tomou conta do assumpto. O ministro era inimigo figadal de Rohan; portanto, gostosamente se aproveitou do ensejo para o levar a completa ruina.

Chamou Bohmer e persuadiu facilmente o joalheiro de mandar á rainha um memorial, contando publicamente a historia completa da negociação. Entretanto a sua policia informava-o de que os de la Motte, depois de se terem hospedado no palacio do cardeal por algum tempo, haviam partido para a sua terra natal em Bar-sur Aube.

Em 15 de agosto sua eminencia o cardeal de Rohan estava de serviço no palacio de Versailles e revestido com as suas vestes prelaticias, esperava o momento de celebrar a missa que, na sua qualidade de esmoler-mór, ia dizer ante o rei e a côrte. Pouco depois, abriu-se a porta de espelhos que conduzia aos aposentos reaes, e um laçao suizo veio convidar sua eminencia a ir á presença do rei que o aguardava no seu gabinete particular.

Encontrou assentados e juntos o rei e a rainha. O rei lançou-lhe um rapido olhar de severidade, e disse-lhe abruptamente:

— Ouvi dizer que comprou alguns brilhantes de Bohmer?

— Sim, meu senhor.

— Diga-me o que fez d'elles.

— Pensei que tinham sido entregues a sua magestade.

— Quem o incumbiu de fazer essa compra?



...confesse que possui o meu collar...

— Uma senhora, a condessa de la Motte, que me entregou uma carta da rainha.

— Como, senhor, interrompeu Maria Antonietta, pode imaginar que escolhesse a quem não tenho fallado durante estes oito annos, para negociar qualquer cousa em meu nome e para mim; e o encarregasse, ainda para maior surpresa, por intervenção de semelhante creatura, uma mulher que nem mesmo conheço?

— Vejo agora que fui cruelmente enganado, disse o cardeal, olhando para a rainha com um olhar cheio de censura. Hei de pagar o collar. Cegou-me o desejo de estar ao serviço de sua magestade.

Tirou então da algibeira e entregou ao rei, o contrato com a assignatura da rainha.

— Isto nem é escripto nem assignado pela rainha, exclamou Luiz xvi. Como pode o esmoler-mór de França, persuadir-se de que a rainha assignasse, Maria Antonietta de França? Toda a gente sabe que as rainhas assignam com o seu nome de baptismo sómente.

Este ponto, cuja importancia tem sido apontada por todos os escriptores que teem defendido a rainha, merece um momento de attenção. Luiz xvi pensaria que sua mulher não podia assignar-se senão simplesmente «Maria Antonietta». Por outro lado um apologista da

rainha sustenta que a sua assignatura vulgar era Maria Antonietta d'Austria. Este ultimo era, para assim dizer, menos incorrecto. O verdadeiro nome de que usava na assignatura e mais tarde dado por ella propria ao carcereiro foi «Maria Antonietta de Lorraine», sendo seu pae o chefe d'esta casa. Havendo, portanto, tres fórmas differentes de assignatura usadas pela rainha, não era para admirar que tanto Rohan como os joalheiros tivessem encontrado uma quarta que ella negasse ter usado.

O cardeal por um lado obrigado pelo rei a dar explicações mais claras e por outro receioso de cahir no desagrado da rainha, deu respostas frivolas ás perguntas que lhe foram dirigidas. Pouco depois ao sahir do aposento real, foi preso por ordem de Breteuil á vista de toda a côrte e levado para a Bastilha.

No caminho, abaixando-se como para prender uma fivella do sapato, conseguiu escrever algumas palavras n'um pedacinho de papel occulto no seu barrete vermelho de cardeal e passou-o para as mãos d'um criado de confiança. O criado partiu apressadamente a cavallo para casa do cardeal em Paris, e entregou o papel ao abbade Georgel, secretario de sua eminencia. Quando os emissarios da policia chegaram pouco depois para se apoderarem dos papeis do cardeal encontraram apenas um monte de cinzas.

Tres dias depois a condessa de la Motte foi presa em Bar-sur-Aube, e conduzida tambem para a Bastilha.

Depois começaram activas investigações para instrucção do processo. Logo que Rohan se convenceu de que não lhe aproveitava a defeza de Maria Antonietta, contou a historia da sua intervenção no negocio, e bem extraordinaria era essa narrativa.

O movel do seu procedimento fôra o louco desejo de conquistar a estima de Maria Antonietta. Possuido d'esta mania, aproveitou-se dos serviços da condessa Joanna de la Motte, cuja secreta intimidade com a rainha lhe chegára aos ouvidos. Entregou a sua causa nas mãos d'esta mulher, e algum tempo depois foi favorecido com varios bilhetes, vindos, ou parecendo vir de sua magestade, nos quaes a rainha lhe dava esperanças de futuras benevolencias, mas explicando que no presente não podia ter para com elle outro modo de proceder apparente. O enfatuado esmoler-mór acariciava estes bilhetes, escriptos em papel de friso dourado com margem azul como se usava no Petit-Trianon, e respondia com protestos de dedicação, expressos em linguagem apaixonada. Foram estes suppostos autographos reaes que o abbade Georgel se apressou em queimar no dia em que o cardeal foi preso e por ordem d'elle.

Finalmente, em resposta ás fervorosas e repetidas supplicas, a rainha consentiu n'uma entrevista secreta arranjada por intervenção da condessa. N'uma noite de verão, nos jardins reaes, o esperançoso prelado foi conduzido pela sua alliada a um determinado caramanchão, coberto de trepadeiras, e ali teve a felicidade de se ajoelhar aos pés de Maria Antonietta, e de receber uma rosa da mão real. A entrevista foi de subito interrompida pelo rumor de passos, e a vigilante de la Motte, tendo apparecido, levou precipitadamente o cardeal, enquanto a rainha se retirava em direcção opposta.

Em boa verdade, esta famosa scena nada tinha de commum com o negocio do collar, que succedeu depois; mas este depoimento produziu ainda maior sensação no espirito publico. Maria Antonietta mostrou-se profundamente agastada, e com rasão. Se as historias do cardeal eram verdadeiras elle tornou-se culpado de uma traição covarde, se não eram, d'uma infame vilania; mas em ambos os casos a pobre rainha achou-se envolvida n'um deshonoroso escandalo. E ella tinha dispostos a acreditar no mal muitos inimigos, os quaes infelizmente a sua conhecida imprudencia não fazia senão augmentar.

Entretanto a policia de Breteuil andava na pista do collar, aquella magnifica collecção de pedras desaparecida. O cardeal, com respeito ao collar, informou ainda que realisada a compra a pedido da rainha e convencionada sempre, por intervenção da bella Valois de la Motte, trouxe o collar pelas suas proprias mãos para casa da condessa em Versailles, onde chegou um homem, que lhe pareceu ser um tal Leclos, criado da rainha, o qual levou a joia á sua vista.

Interrogado, Leclos negou o incidente. Conhecia a condessa, disse, mas nunca tinha estado em casa d'ella. A policia dirigiu as suas atencões sobre os membros da casa de la Motte, e descobriram que um d'elles, Retaux de la Villette, tinha feito uma tentativa infeliz de venda d'alguns brilhantes em Paris pouco tempo depois do collar ter sido entregue pelo cardeal. Subsequentemente o mesmo homem foi a Amsterdam, e allí desembaraçou-se d'um grande numero d'elles. O proprio conde de la Motte fez uma visita mysteriosa a Inglaterra pela mesma epoca. Os agentes de Breteuil seguiram-lhe os passos, e descobriram que elle vendera cerca de 250.000 francos em valor de brilhantes a um unico comprador em Londres.

Sem duvida o caso do roubo fraudulento do collar estava demonstrado. Faltava sómente determinar quaes eram os verdadeiros culpados. Houve quem acreditasse que Maria Antonietta partilhava do roubo. Outros, incluindo

de Breteuil, pretenderam deitar a culpa inteira sobre o cardeal, sendo os de la Motte apenas seus instrumentos. Esta foi a opinião da côrte. Os amigos de Rohan, pelo seu lado, asseguravam firmemente que elle tinha sido logrado ou sómente pela condessa ou conjuntamente pela rainha e pela condessa; qual das hypotheses é que não arriscaram decidir.

Inutil enumerar sequer a serie de historias desagradaveis contadas pela bastarda dos Valois, durante o seu encarceramento, e depois nas memorias que ella publicou no fim da sua vida. Umaz vezes ella exonerava de toda a responsabilidade a rainha, e declarava-se victima do cardeal; outras apontava a rainha como unica culpada, e grosseiramente accusava Maria Antonietta de ter ficado com os melhores brilhantes.

Um dos seus ultimos recursos foi diligenciar deitar a culpa toda sobre o celebre Cagliostro conhecido como criado do cardeal. Pretendeu inculcar que este homem tinha induzido seu amo a obter o collar, afim de poder fazer uso dos brilhantes nas suas magicas experiencias. Cagliostro, que pretendia ter vivido milhares de annos, foi preso, e interrogado se tinha alguma cousa de que se arrependesse, gravemente replicou:—De nada, senão da morte de Pompeo. O tenente de policia espirituosamente replicou que evitaria entrar em assumptos que tivessem occorrido no officio dos seus predecessores.

A solução do enigma foi encontrada pelo habil abbade Georgel, que trouxe para o debate uma mulher nova chamada Leguay d'Olive. Esta senhora confessou que tinha sido convidada pela de la Motte para se disfarçar em Maria Antonietta, com quem tinha a maior semelhança, na famosa noite dos jardins de Versailles. A condessa conseguiu fazer-lhe acreditar que a propria rainha sabia d'aquelle logro, e que estava vendo a scena e divertindo-se por detraz da sebe.

Esta explicação conciliadora favoreceu o julgamento de Rohan, que foi triumphalmente absolvido por um parlamento já então hostil á côrte. Joanna de Saint Rémi de la Motte Valois foi marcada com um ferro em braza nas costas pelo carrasco, com o seu braço hereditario em fórma de flôr de liz, e foi sentenciada á prisão perpetua na Salpêtrière.

Terminada aqui a historia do collar fôra facil proclamar a innocencia de Maria Antonietta; todavia déram-se factos que vieram, infelizmente para a reputação da desgraçada rainha, alimentar as duvidas no espirito de muitos que mal se convenceram da audaciosa concepção do roubo, urdido com rara habilidade por madame de la Motte; da credulidade simples dos joalheiros da corôa, os quaes tanto con-

fiaram na influencia palaciana da bella aventureira; da quasi inverosimil cegueira do cardeal de Rohan; da leviana inconsciencia com que Maria Antonietta queima a carta de Bohmer, emfim dos mil extranhos aspectos que offerece o exame attento d'este celebre processo, d'onde sahiu absolvida a *grisette* Leguay, cuja prodigiosa parecença com a rainha explicou o ardil da condessa de la Motte, e a quem esta ultima tinha elevado a baroneza d'Olive.

A Joanna, não decorridos dezoito mezes de prisão, foram mysteriosamente fornecidos meios de fuga da Salpêtrière; e, outra curiosa coincidencia, nenhuma diligencia foi empregada em obter a sua recaptura.

Pela mesma época a intima da rainha, a duqueza de Polignac, esteve em Inglaterra negociando com o sr. de la Motte a compra de certas cartas que se dizia serem do punho da rainha. Depois uma columna de fumo espesso, sahindo das chaminés da fabrica de Sèvres, denunciou que Luiz xvi comprára e estava destruindo secretamente uma edição das memorias do conde.

De sorte que a historia d'este roubo extraordinario conserva, apesar de todos os trabalhos de investigação que recentemente teem aclarado muitos incidentes e particularidades, um certo mysterio attrahente para os que gostam de procurar explicação dos actos humanos no estudo dos caracteres, sob a influencia do meio, vibrando ao impulso das paixões, n'um desordenado proceder, illogico, assombroso, fatal. Mysterios de psychologia huma-



...mandára destruir uma edição...

na, que a sciencia moderna reveste em roupagens de nomes barbaros, e que as antigas lendas transportavam para as regiões do sobrenatural.

NOVO SIGNAL SUBMARINO

HA pouco ainda, registámos nas paginas d'esta revista a invenção do *radiophone*, destinado a transmittir atravez d'um raio de luz a palavra, innovando uma nova fórma de telegraphia sem fio, e facilitando as communicações sobretudo, entre navios entre si e com as estações terrestres, onde hoje estão installados os pharoes ou os semaphoricos.

Agora noticiamos a primeira applicação d'um signal submarino, permittindo aos navios d'uma mesma esquadra communicar entre si, sem que a menor indicação visivel ou aparente dê alarme aos navios inimigos manobrando nas mesmas paragens.

Os inventores Munday e Gray, americanos, acabam de realizar, perante delegados do almirantado dos Estados-Unidos, numerosas experiencias que se affirmam terem sido concludentes e decisivas para o systema empregado, o qual receberá em breve consagração pratica e ainda alguns aperfeiçoamentos.

Construido um barco especial para o caso, foi-lhe adaptado o novo invento cuja discripção e funcionamento vamos resumir. A 6 metros de profundidade a partir da quilha do barco, e suspenso por dois cabos electricos, protegidos por um envolucro isolador, mergulha um sino, como representa a nossa gravura, munido interiormente d'um electro-iman destinado a levantar o badalo do sino e a deixal-o bater contra a parede interior. A corrente electrica foi produzida por um pequeno dynamo, e a força motriz por um motor de gazolina. Um diaphragma metallico, pouco espesso, guarnecia a bocca do sino para isolar da agua a sua capacidade interna.

Diversos navios surtos no porto de New-York receberam, para estas experiencias, re-

ceptadores apropriados, constituídos por uma especie de corneta acustica, cujo pavilhão estava fechado por um diaphragma semelhante ao do sino e mergulhava na agua, tendo a extremidade opposta ligada a um aparelho telephonico.

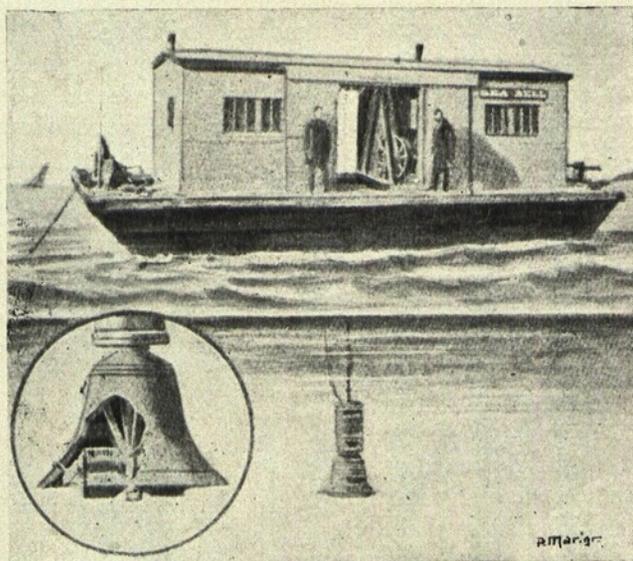
As ondas sonoras produzidas pelas vibrações do sino, quando o badalo ou martello feria a superficie interna, propagaram-se rapidamente atravez das aguas, e chegaram aos diversos receptores, os quaes transmittiram rigorosamente aos aparelhos telephonicos dos navios vizinhos as pancadas do martello.

As experiencias foram realizadas a diferentes distancias e direcções. Estando os navios

com receptadores a 2.000 metros, ouviram-se os choques do badalo do sino, sem que fosse necessario approximar o ouvido dos auscultadores. A 3.000 metros ainda a intensidade do som era sensivelmente a mesma. Depois, augmentando a distancia, verificaram a percepção das pancadas do martello a 7.000 metros, decrescendo successivamente a intensidade do

som até 14.000 metros e por ultimo até 21.000 metros, distancia extrema, onde ainda os delegados do almirantado americano podéram contar o numero de pancadas.

Como era natural prevêr, os inventores imaginaram um alphabeto, semelhante ao que se emprega nos aparelhos de Morse, em que cada letra é representada por um certo numero de pancadas distanciadas ou brevemente seguidas, como os traços e os pontos na fita do telegrapho, e com o qual se pôde transmittir despachos n'esta outra especie de telegraphia sem fio e submarina, destinada sem duvida a prestar valiosos serviços ás manobras das esquadras.



Em quinta feira da Ascensão

N'aquele dia, por esses campos fóra, nas hortas e nos quintaes em volta de Lisboa, sob o caniçado dos caramanchões ou á sombra das arvores, uma numerosa população alegre celebrou em quinta-feira da Ascensão a festa tradicional, pagã do pão, symbolisada no ramo da espiga.

Teem para mim encanto excepcional estas velhas usanças do povo, características da sua indole e do seu temperamento, como me entristece sempre registar o trabalho demolidor e inconscientemente cruel que sobre ellas exerce a transplatação amiudada e inoportuna das modas cosmopolitas que tudo nivelam e tudo esfumam n'uma penumbra indefinida.

Chamam-lhe progresso, polidez de costumes, requinte de civilisação. São na verdade, se as inovações civilisadas veem sobrepôr-se aos habitos antigos, desbastado-lhes as arestas, alindando-lhes os contornos, subtilisando-lhes o intuito e o sentimento; mas confrange-se-me o espirito em desespero de saudade, se vejo o cosmopolitismo invasor e impertinente querer apagar de todo um boa festa popular, toda feita de simpleza e de alegria, adoravel de poesia pantheista, verdadeiramente sentida e *vivida* na plenitude da natureza, sem refolhos de manto hypocrita.

Buscar a espiga, quando as cearas alouram, celebrar graças ao bom sol, alheio á critica acerba de Kropotkine, na conquista do pão de cada dia, compôr o ramo symbolico, e trazel-o alegremente para o lar domestico, é para mim festa quasi sagrada, tradição a respeitar, alta-

mente suggestiva. Por isso me alegre ao vêr partir, em quinta-feira da Ascensão, para o campo, os ranchos populares e burguezes

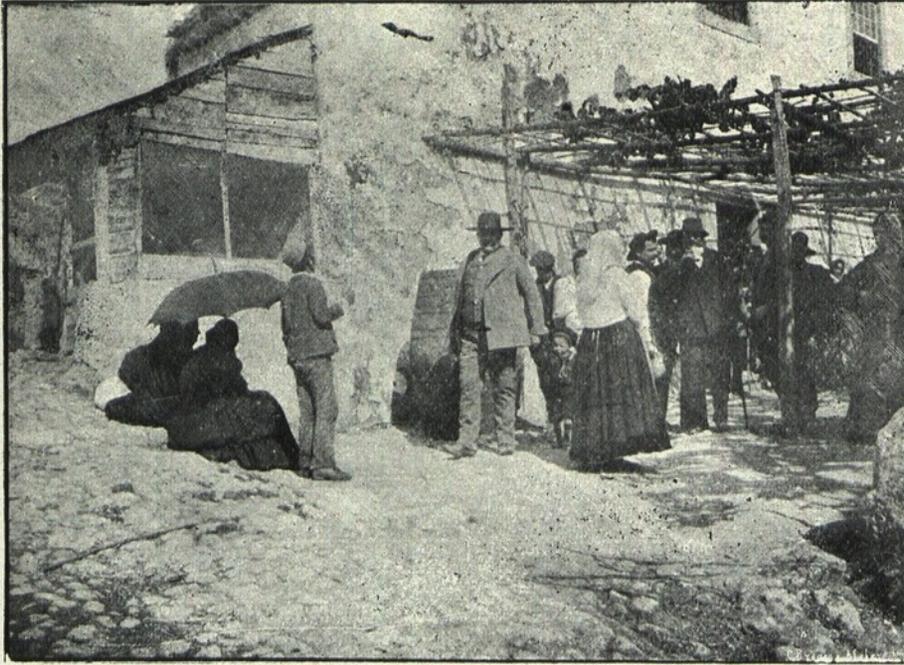
que não esquecem estas commemorações. De quando em quando, n'uma tregoa concedida ás batalhas da vida, atravez dos mil artificios defensivos que a civilisação vae dia a dia levantando, é bom, consolador e saudavel approximar-se da terra, conviver com a velha natura de quem não dizem os segredos os sabios de que falla o poeta, mas que prodigamente, generosamente concede sobejos beneficios, até para receber na queda suprema o despojo dos que partiram para a eterna illusão.

Depois, a estas festas sempre renovadas em cada anno prendem-se não raro as recordações felizes e as saudades das passadas venturas. Em tal epoca, as papoulas colhidas entre os trigaes figuravam no vermelho vivo o calor da mocidade, a florescencia sensual do amor simples, naturalista; os malmequeres brancos e amarellos, tinham apenas a significação d'um desejo que precisava consulta para se definir e confirmar; a espiga toda plena de bagos de trigo, loura como os cabelos de criança, representava então uma promessa de abundancia no futuro. Em tal outra epoca da vida, menos despreoccupada e mais



DEBAIXO DA RAMADA

positiva, a côr dos malmequeres, desdobrados em tapete pelas encostas, vem lembrar a prata e o ouro, custosamente ganho de parceria com



N'UM RETIRO

o bom sol vivificador; o ramo d'oliveira não symbolisa apenas a doce paz intima, a tranquillidade da consciencia, mas recorda o lagar do azeite, productivo agora com o fructo das arvores plantadas ha longos annos pelos que se afundaram no seio da terra sempre renovada e sempre constante.

Por vezes, melhor diria sempre, estas festas fortemente regadas do torreano folgasão, deixam documento da vivacidade do temperamento meridional, sempre violento na paixão, ciumento, do ciume dos sentidos, do que suggere a negra visão da traição sensual, bem nitida, physicamente realisada. De sorte que a alegria da festa transmuta-se na tristeza d'uma rixa por vezes sangrenta. Começam, porém, a rarear estes incidentes bulhentos que degeneravam em drama. A civilisação pacifica os costumes e refreia o impeto da paixões. Tudo isto é certo;

mas alliam-se em excellente consorcio a celebração da fecundidade abundante pelo symbolo da espiga de trigo e a glorificação do prazer sensual pela libação desmedida na horta afamada. Ceres e Baccho n'um só dia. Podem os regrados pela pauta das convenções, os disciplinados pela contrafacção permanente dos sentidos, censurar com acerba critica estes excessos da vida em pleno ar; em mim, encontro talvez sufficiente benevolencia para affrouxar o rispido juizo na alegria que me causa ver por esses arredores floridos os ranchos de raparigas gentis, sorriso nos labios, fogo no olhar, saltar ás devesas, repousar sobre a relva, prendendo na aba larga do chapéu do namorado o ramo viridente das flôres significativas, onde por vezes falta o bordão de S. José,



PARA MATAR O TEMPO

que symbolisa innocencia immaculada...

MODAS

N'ESTAS paginas de modas desejamos tão sómente fornecer ás leitoras uma indicação geral do gosto das *toilettes*, uma confirmação dos generos que lhes sejam propostos, uma rapida noticia das modificações que o variavel bom tom vae introduzindo dia a dia no vestuario. Reproduzimos modelos simples, de applicação generica, reunindo a elegancia á economia, e a distincção ao effeito modesto.

O uso corrente, constante, na sociedade estrangeira d'on-de nos veem as modas, é a simplicidade e o perfeito acabamento. *Toilettes* garridas, complicadas, exaggeradas de fórmulas excentricas, espantosas, usam-se em certas classes mundanas que por capricho phantastico ou por obrigação professional teem de ferir a attenção. *Toilettes* alegres na côr e na leveza de fórmula, seguindo rigorosamente um estylo, copiando muito o vestuario artistico que os grandes retratistas teem fixado nas télas, adaptando-os apenas á época actual, moderando as tendencias excessivas que os desenhistas traçam nas paginas de moldes, são mais distinctas e mais graves.

Entre os estylos que n'este momento obteem acceitação, o do primeiro imperio reúne as geraes predilecções. Porque? Difficil problema de psychologia, porque sem duvida deve tambem haver uma especial que explique as decisões da moda. Porque tenta agora as damas modernas aquelle genero, encantador com effeito, mas difficil de usar? Porque preferem aquellas linhas graciosas, similhando roupagens soltas de estatuas, ellas que ainda ha pouco apertavam, em adelga-

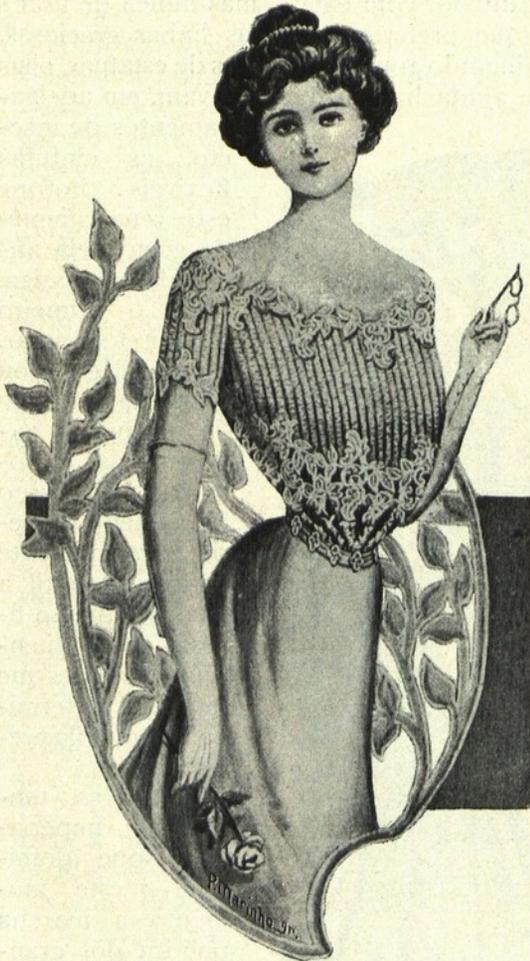
çamentos de insecto, as cinturas flexiveis? Porque este renascimento de gosto pela antiguidade classica, onde o primeiro imperio foi buscar, n'uma allegoria ou n'uma assimilação de conquistas napoleonicas e romanas o traço fundamental? Seria extremamente curiosa e subtil a analyse que se fizesse das influencias parcelares que reunidas determinaram aquella preferencia.

Serão as tendencias imperia-listas que dominam n'este momento a marcha politica dos grandes estados europeus? A Alemanha affirma-se ca-

da vez mais imperialista e progride extraordinariamente sobre a acção preponde-



rante do seu chefe supremo; a Inglaterra sacrifica a sua paz, o seu repouso de commerciante e de industrial na affirmação da sua politica imperialista, vae até modificar a sua tradicional governação para assegurar indiscutivel, a supremacia da corôa imperial. Será uma influencia litteraria que tomou a seu cargo esmiuçar a vida do grande Buonaparte? Será uma parte de interferencia devida á vulgarisação de trabalhos de reconstituição descriptiva e dramatica do antigo imperio romano, na sua vida intima e nos seus costumes? Será uma simples impressão artistica derivada da visão dos quadros, onde se desenhavam as elegancias do imperio, onde se destaca em alto relevo a attitude sensual de Josephina? Seja como fôr, e deixamos a resolução do problema á perspicacia finissima dos espiritos investigadores, certo é que o estylo imperio imprime n'este momento feições características ao vestuario feminino, de tal sorte que mesmo nos objectos de arte a fór-



ma imperio sobrepõe-se ás outras agora, como ha pouco, era preferida a assymetria do estylo Luiz xv, todo pleno de curvas graciosas. Não quer isto dizer que seja adoptado rigorosa-

mente, o genero imperio, mas influe no corte, no enfeite, e na escolha dos tecidos.

A grande moda ostenta-se nas exhibições theatraes, onde as actrizes em voga, constrangidas pelo character dos seus papeis, preoccupadas com a impressão a produzir sobre o publico curioso e avido de sensações, levadas mesmo pela corrente dos costumes modernos, se apresentam caprichosamente enroupadas, se prestam á vulgarisação das novas creações das modistas afamadas, e impõem-se ao mundo das elegancias.

Ha, entre estas, verdadeiras e excepcionaes interpretes do bom gosto, que sabem alliar os effeitos scenicos e a delicadeza de vestuario esmerado; todavia compõem quasi sempre, para satisfazer as exigencias do publico e a propria vaidade desculpavel, *toilettes* de preço elevado, destinadas a poucos orçamentos. Na sociedade, outro é o criterio que orienta a escolha; as exigencias concentram-se no acabamento escrupuloso, no corte aprimorado, no assentamento esmerado, para que não pareça a *toilette* comprada a esmo ou para que não pareça simplesmente armada para ver de longe. Para conseguir este fim, torna-se indispensavel preferir intelligentemente os materiaes empregados, as fazendas e os enfeites, que harmonisem com o destino da *toilette*, com a posição de quem a usa, e com o effeito moral que possam produzir. Escolher, por exemplo, um modelo baseado n'uma caprichosa decoraçao de rendas verdadeiras, e depois realisal-o empregando tules, crepes ou pseudo-rendas, é falsear o gosto e provocar uma impressão desagradavel de mentirosa ostentaçao.

A riqueza pode transparecer sempre que queira; temos visto *toilettes* em que os forros empregados tem duplo valor á fazenda exterior escolhida; mas nunca se falseia a apparencia. N'esta orientaçao de simplicidade elegante, se vê que o uso, ainda commum durante a estaçao calmosa que principia, é pela preferencia de *blouses*, em todos os generos, n'uma variedade infinita de modelos e de fazendas leves, adoptados á estatura, ao maior ou menor desenvolvimento do busto. As rendas continuam a ser extremamente procuradas; as applicaçoes recortadas são enfeites preferidos; as sedas cruas generalisam-se; os *foulards*, pela sua macieza e pela sua flexibilidade, alcançam numerosos empregos nas *toilettes*. Nas passemanterias, as perolas são mais procuradas; os vidrilhos reluzentes menos attendidos. Nos desenhos de ornato applicado, o gosto gothico é a decoraçao da moda, o motivo ornamental preferido; em seguida é o estylo imperio.

A primeira illustraçao mostra duas *toilettes*,

muito elegantes e muito simples, de passeio e de visita, feitas em fazendas leves proprias da estação, sendo mais modernos uns tecidos que imitam o linho ou as sedas leves. Os botões de phantasia, que enfeitam a frente d'um dos casacos ajustados e abertos, deixando vêr as *blouses* de finissima fazenda de côr, continuam a usar-se de esmalte. Empregam-se tambem para estes vestidos tanto as sarjas como os cheviotes finos. As saias são cortadas em pannos, sobre cujas costuras n'uma das *toilettes* se colloca como enfeite uma applicação apropriada aos enfeites escolhidos para os corpos. Usam-se muito as guarnições de passemateria, cujo desenho é accentuado por feiras de pequenas perolas.

A segunda illustração exemplifica um elegante vestuario de jantar, decotado; o corpo feito em tafete azul pallido todo em prégas, enfeitado no decote com applicações de renda,



bem como o colletinho que remata a cintura, e atravez do qual se vê a fazenda do corpo o qual fecha nas costas.

A ultima illustração representa um *negligé* de senhora em cambraia de linho enfeitada de fita de seda. As costas tem uma préga Watteau e a frente é franzida no pescoço, sendo apanhado o casaco na cintura por um laço de fita. A gola acompanha graciosamente a garganta e remata-se com um laço cahido de fita. As mangas são de duas costuras e cahem sobre a mão. Gracioso vestuario para quem, como a *photographada*, se entrega ao desenho e á pintura ou para quem tenha de empregar algumas horas da manhã em trabalho assiduo, durante a estação calmosa. Faz-se tam-

bem em fustão branco, liso ou lavrado, enfeitado de rendas, adebroando em volta e na gola.

O DIA DE VISITAS

A NECESSIDADE de marcar um dia para recepção de visitas proveio naturalmente dos modernos usos que permitem liberdade ás donas de casa, ainda as mais ciosas dos cuidados do seu lar e da educação de seus filhos, de sahir a compras, a visitas, a passeio. Ter relações, cultivar amizades, entreter conhecimentos indispensaveis apenas pela troca de bilhetes satisfaz a delicadeza mundana, mas não basta para a sociabilidade amena da vida. Uma dama póde dispensar-se de ter a *sua côrte*; não precisa sem duvida, como as dominadoras de salões ou de mundanismo, fazer-se acompanhar do *seu bando*; porém não deve prescindir do *seu circulo*, dentro do qual exerce a attracção da sympathia e da estima, onde se habitua a vêr respeitadas as suas virtudes e a sentir apreciados os seus talentos. Tem portanto o seu dia

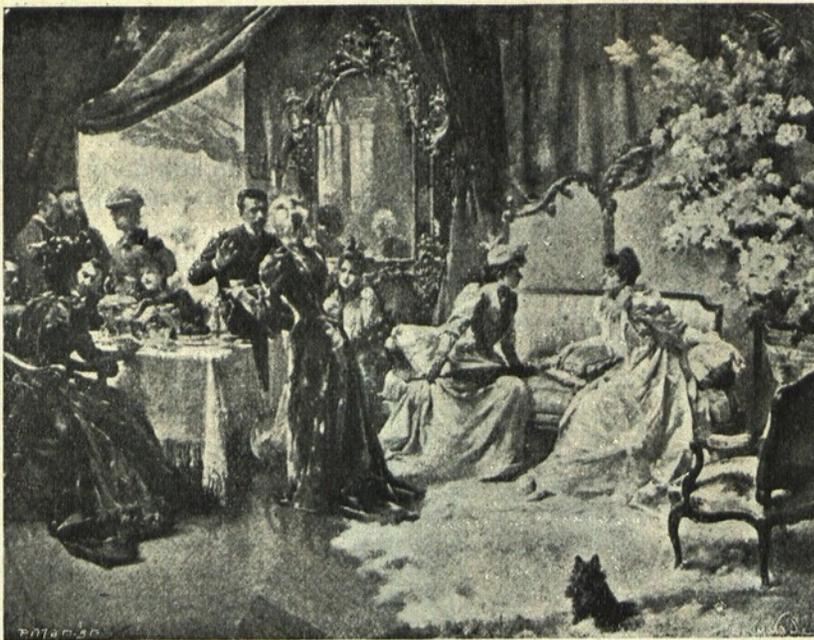
de recepção, em que fica em casa, no qual as suas amigas contam encontra-la seguramente. A moda cosmopolita dá a estas reuniões nomes varios que na sua propria intenção pretendem differenciar costumes; mas *five o'clock tea* ou simples *merenda* offercem o mesmo aspecto encantador e attrahente.

O salão, a casa do serão, o quarto de vestir, o *boudoir* intimo, o escriptorio, a bibliotheca, o *hall*, a casa de trabalho, emfim o ponto de reunião, consoante os meios de cada um, a sua situação social ou a sua profissão alinda-se com mais esmero n'estes dias, e na sua decoração luxuosa ou modesta, artistica sem pretensões, reside toda a superior intelligencia da dona de casa.

Reproduzindo n'esta pagina um delicioso quadro de Magdalena Lemaire, queremos tornar mais suggestiva a discripção d'estas bel-

las reuniões, onde a delicadeza se aprimora, onde a polidez de maneiras se distingue e se apura, onde as dependencias obrigadas e reciprocas da vida se esbatem e se adelgaçam

tisticos, de modico preço, a par de muito artigo feio e por isso caro. Tudo está na escolha, que para um espirito educado, ainda tão somente pela vista, facil é seleccionar. Tem o salão da Lemaire plantas ornamentaes em vasos de luxo; todo o salão pôde ser inundado de flôres campestres ou cultivadas. Sobre os canapés ou sobre os sophas, sobre as poltronas de couro da Russia aromatisado ou sobre simples cadeiras de verga, pôde haver uma profusão de almofadas, bordadas, pintadas, buriladas em applicções, em seda, em chita, em *peluche* e velludo ou em saragoça e ganga azul, destinadas a pousar mãos perfectas e cuidadas, quer preguicem por habito, quer trabalhem por dever, ou a suster cabecitas gentis.



FIVE O'CLOCK TEA

pela acção conciliadora das conversas em maior intimidade. Bem sabemos que ha salões onde estes ensejos de amenisar a crueza das luctas diarias são raros; onde a solemnidade fria apaga todo o calor de sinceridade; onde entre sorrisos se travam batalhas de invejas e de calumnias. Mas felizmente ha muitos onde se sente o supremo prazer da paz intima; onde se recebem impressões indeleveis de uma delicadeza subtil que illuminam a memoria, ainda volvidos muitos annos.

A celebre pintora franceza soube copiar do natural, compôr a scena na sua inteira verdade. Escolheu para motivo de arte decorativa um salão luxuoso; mas, em todos, a disposição dos moveis, a sua escolha, a elegancia de fórma, a ornamentação das paredes e das janellas é quasi tudo em relação aos materiaes empregados ou á sua qualidade de alto preço. Claro está que o verdadeiro objecto d'arte é sempre caro, ainda que apenas pelo tempo que levou a executar, sem fallar na originalidade da concepção ou no valor do talento que o fabrica; porém, tem a industria moderna, no progresso das artes applicadas, ao menos este merito relativo e bom: — pôr ao alcance de todos artefactos elegantes, ar-

A mesa do *lunch*, onde referve a chaleira, são dispostos os pratos dos bôlos seccos, a compoiteira do dôce, pôde estar sempre graciosamente servida. Quanto trabalho delicado não pôde haver alli, e abundantes exemplos temos visto, para a dona de casa e para as meninas! Pequeninos guardanapos bordados, maravilhas de pratos pintados, excellencias de doceria e de golodice, trabalhados por finissimas mãos patricias. Uma tarde, quem escreve estas linhas, atava bem desastradamente o nó d'um avental na cintura graciosamente d'uma menina aristocratica, de seculos de fidalguia com castello feudal, no interior da Allemanha, quando ella, auxiliada por um grupo de pequenas amigas se preparava para servir a merenda, e reparava na finura da renda larga que debruava a fita, toda aberta em bello desenho ornamental: — Foi picada por mim em bordado sobre uma almofada; muito simples; o desenho é copia d'um missal, me disse ella, reprehendendo-me com agradecimentos o meu desastrado trabalho de prender apenas um colchete.

Poderia descrever milhares de exemplos, que a proposito iremos reproduzindo n'estas paginas dedicadas ás leitoras.



VARIEDADES

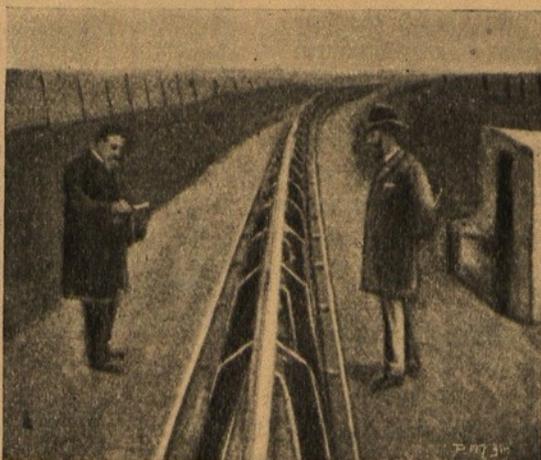
D'uma forma succinta, compativel com a indole e espaço d'esta revisia, continuamos a dar noticia, acompanhada quanto possivel de illustração, dos principaes acontecimentos que vão dia a dia prendendo a attenção publica, na politica de cada paiz, nas sciencias e nas artes, na vida mundana, e que reflectem as modalidades da opinião, constituem as tendencias d'um dado momento, attestam o trabalho investigador e progressivo da humanidade, e memoram a existencia dos que representaram um papel proeminente ou exerceram uma influencia util nos destinos da sociedade.

O EXPRESSO RELAMPAGO

Nos velhos contos de fadas, como symbolo da suprema aspiração humana, á formulação mental d'um desejo correspondia logo a sua realisação. Nos novos registos da invenção e das descobertas scientificas, applicadas aos meios de communicação e de transporte, a acceleração do movimento quasi realisa o prodigioso poder das varinhas de condão. Todo o superior esforço inventivo se concentra na diminuição do tempo gasto a percorrer um determinado espaço. Ganhar um dia, algumas horas, na travessia dos oceanos é compensação bastante para dispendios fabulosos na construcção naval; encurtar distancias, augmentar velocidades é preocupação constante nas viagens terrestres. Para o simples passeio de carruagem não basta o trote dos melhores cavallos de raça; precisa-se já da automovel a 70 kilometros por hora. O rapido em caminho de ferro impaciente, o expresso não satisfaz, deseja-se o Relampago.

PROPÕE-SE n'este momento a construcção d'um caminho de ferro Relampago, entre Liverpool e Manchester, cuja velocidade attingirá talvez 200 kilometros por hora, percorrendo portanto a actual distancia das duas cidades em 18 minutos.

Esta linha foi projectada pelo conhecido engenheiro o sr. F. B. Behr, e deverá ser construida pelo systema de um só *rail*, o qual consiste na suspensão da machina e das carruagens montadas sobre um unico *rail* elevado do chão. Olhan-



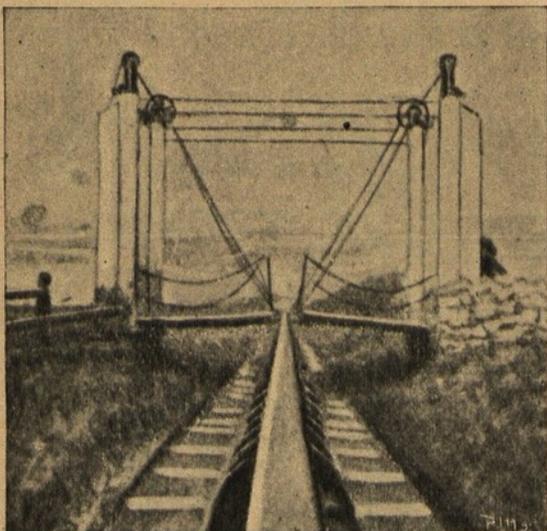
Aspecto geral da linha

do estas carruagens pela frente, na direcção do movimento, fazem lembrar dois fardos collocados no dorso de um animal, como se

fossem ceirões ou cangalhas. Os centros de gravidade de cada uma das duplas carruagens estão muito abaixo do nivel do *rail*, de fórma que possuem sobre a linha uma estabilidade assegurada.

A idéa foi originariamente trazida da Argelia onde Mr. Lartigne construiu uma linha *mono-rail*, ao longo da qual fardos e cestos de productos agricolas são puxados

por mulas. Mr. Behr resolveu dar extensão maior a este systema, e em 1886, construiu uma linha experimental em Westminster, no



Systema de passagem de nivel

logar que occupa agora a nova Cathedral Catholica Romana. Este caminho de ferro comquanto em miniatura, foi utilizado durante nove mezes, e ficou assim demonstrada a possibilidade do systema.

A pequena locomotiva percorria sem perigo velocidades notaveis, rodeando curvas que seriam sériamente perigosas para os comboios no orthodoxo feitio de via em duplo *rail*. Verificou-se que este systema fornecia maior adhesão aos *rails*. A machina puxava uma carruagem, pesando tonelada e meia sobre uma rampa de 10 por cento. Nas vias ordinarias a machina póde sómente subir na rampa de um por doze puxando apenas o seu proprio pezo.

No anno seguinte obteve licença por lei de côrtes para construir uma outra linha *mono-rail* na Irlanda, de Listowel até Ballybumon. Dez mezes depois, no 1.º de março de 1888, esta linha foi posta em exploração de pequeno trafico. Portantó o *mono-rail* não é um simples projecto, mas um factó. Esta linha irlandeza tem dez milhas de extensão e foi construída com curvas muito apertadas. E' facil verificar que durante treze annos de sua existencia nunca foi sujeita á investigação ou vistoria judicial por motivo de qualquer accidente, no paiz onde se definem e se tornam effectivas as responsabilidades.

Possue tres locomotivas, onze carruagens para passageiros, e dois guarda-freios que trabalham sem interrupção, ha doze annos.

Isto é muito apreciado, e a ausencia de desastres é tanto mais de admirar quanto é certo que a linha tem nada menos de qua-

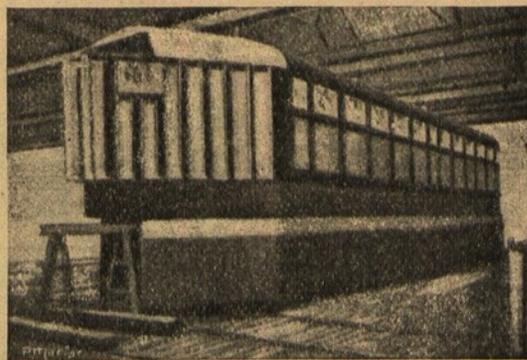
renta duas passagens de nivel. Sendo a via ferrea levantada do chão pouco mais ou menos um metro, estes cruzamentos tiveram de ser arrançados sob um novo plano. N'algumas occasiões uma porção de via permanente roda em torno de um eixo, e assim abre-se uma entrada que permite a passagem do trafego, n'outros pontos uma especie de ponte levadiça cae sobre a linha e faculta a comunicação. Uma das principaes vantagens d'esta linha é a sua absoluta segurança, sendo impossivel descarrilar as carruagens. A força motriz empregada é o vapor d'agua e no *mono-rail* de Irlanda não se aspira a uma grande velocidade.

Uma via semelhante de doze milhas de desenvolvimento, tem estado em construcção, ha alguns annos, em França. N'este caso, a linha corre ao longo de um dique quasi todo o caminho, como será esta tambem a construcção do novo relampago entre Liverpool e Manchester.

Ha cerca de sete annos, o sr. F. B. Behr publicou pela primeira vez os seus planos de um caminho de ferro de grande velocidade. A maior difficuldade a vencer tem sido sempre conseguir estabilidade, quando a velocidade attinga valores maximos, porque a tendencia a sahir do *rail* é tão grande que é quasi impossivel descrever uma curva. Esta difficuldade parece ser melhor resolvida no systema de *mono-rail*.

A primeira linha d'um expresso relampago foi construida em concordancia com a Exposição de Bruxellas de 1897, tendo n'essa época o governo belga bastante interesse no bom exito do projecto.

As difficuldades que teve o sr. Behr foram enormes. Quasi duzentos proprietarios e rendeiros de terras, tiveram de ser compensados, e pontes especiaes tiveram de ser construidas sobre dez estradas. A linha só tinha



Carruagem com o motor e para passageiros

tres milhas de desenvolvimento, e tres quartas partes d'ella consistia em curvas, mais ou menos apertadas. Comtudo todas estas diffi-

culdades foram superadas, e o trem rapido despertou grande e vivo interesse entre os visitantes da Exposição.

A estrutura d'este caminho de ferro era praticamente identico ao que está projectado em Lancashire, tanto que as nossas illustrações provenientes da linha belga dão uma muito boa idéa do que em poucos annos será caso vulgar, e generalisar-se-ha na Gran-Bretanha.

No novo projecto a linha de uma simples via elevada é sustentada sobre cavalletes de aço do feitio de um A grande. Os pés d'este cavallete são fixos em dormentes de aço descansando no lastro. N'um e n'outro lado dos cavallete existirão guias ou rails, que tem a dupla utilidade de fortalecer a construcção e de tornar firme o carro, prevenindo assim a oscillação. O motor será electrico e a corrente electrica será conduzida ao longo do rail de aço, e presa aos dormentes por isoladores de porcellana. A corrente transmissora passará ao longo do rail no alto.

A resistencia offerecida pelo ar deslocado no rapido andamento é muito consideravel, e augmenta com o comprimento do comboio.

Na linha da Belgica o trem consistia apenas d'um carro contendo simultaneamente o motor e os lugares para os passageiros. Carruagens semelhantes hão de percorrer a linha entre Liverpool e Manchester.

A frente do carro, será em fórma de cunha, com o fim de offerecer a menor resistencia possivel ao vento, e n'estes espaços triangulares se alojarão o conductor e o machinista. Os quatro motores electricos, ligados com os eixos das rodas conductoras, serão collocados d'um lado e d'outro d'aquella parte da carruagem que fica por debaixo do rail principal. Terá trinta e duas rodas horisontaes movendo-se sobre os rails conductores.

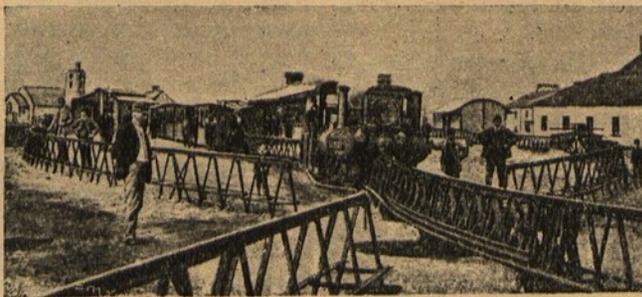
Quanto ás commodidades interiores d'estes carros, cada metade d'estes contém duas

longas fileiras de lugares confortaveis, dispostos uns defronte de outros no sentido do comprimento.

Poder-se-hia talvez julgar que uma velocidade de cento e vinte milhas por hora só poderia ser obtida á custa de grandes inconvenientes para os passageiros. Mas a experiencia demonstrou que não ha difficuldade sobre este ponto no novo systema de viação; sómente olhando para fóra das janellas o viajante poderá reconhecer que vae marchando com tão desusada rapidez.

Marchando ainda mesmo com esta extraordinaria velocidade, o comboio poderá parar com seiscentos metros de distancia; mas deve notar-se que uma paragem mais rapida e brusca daria de certo um violento choque aos passageiros.

Ha pouco mais de um anno esta proposta para a autorisação da linha foi rejeitada por uma commissão da camara dos deputados, allegando principalmente a opposição da corporação de Salford. O Mersey Dock Board tambem levantou n'aquella epoca cer-



Fórma do cruzamento ou agulha

tas difficuldades. No parecer de rejeição a commissão, ao mesmo tempo, affirmou que tinha tomado grande interesse pelo caso que lhe fôra apresentado, e que o systema monorail havia de contribuir sem duvida muito efficaçmente para o desenvolvimento da viação accelerada.

Os planos foram agora de novo depositados e modificados quanto possivel para irem de encontro ás objecções anteriormente expressas.

O plano agora proposto passa por Salford em côrtes convenientemente estudado para evitar extensos tuneis, e não toca agora nas terras de Mersey Dock Board; portanto ha todas as probabilidades para que a nova via ferrea do expresso relampago seja em breve um facto realisado entre Liverpool e Manchester.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

MARÇO — 17 *Russia* — A agitação popular aggrava-se e novas desordens rebentam em S. Petersburgo, realisando a policia 760 prisões, sendo 339 de estudantes, 377 de mulheres e

44 de operarios. No mesmo dia tambem em Moscou effectuam-se 70 prisões.

— *Filippinas* — E' proclamado o estado de sitio em todo o archipelago.

18 *França* — E' apresentado á camara dos deputados um projecto de lei sobre liberdade das associações, o qual depois de viva discussão é rejeitado por 274 votos contra 262.

— *Russia* — Continuam as manifestações em S. Petersburgo, fazendo-se mais 250 prisões. Alguns professores e escriptores conhecidos assignam um protesto contra o procedimento das auctoridades por occasião dos recentes conflictos.

19 *Inglaterra* — O governo communica ao parlamento britannico que o general Botha, do Transvaal, repelliu as propostas de paz feitas por lord Kitchener.

20 *França* — E' recebida pelo presidente da Republica, a embaixada ingleza, presidida por lord Carrington, encarregada de notificar o fallecimento da rainha Victoria e a ascensão do rei Eduardo VII ao throno de Inglaterra.

21 *China* — Os governos inglez e russo, reservando-se para mais tarde discutir os direitos de propriedade, retiram de commum accordo as suas tropas do terreno contestado em Tien-Tsin.

24 *França* — Os operarios das officinas da sociedade das *Forges et chantiers de la Méditerranée*, em Marselha, suspendem o trabalho. Deixam igualmente de trabalhar 240 caldeireiros da *Compagnie Transatlantique*, e 130 ajustadores, arrebitadores e caldeireiros das *Messageries Maritimes*.

— Entre a França e o imperio de Marrocos é estabelecido um accordo para o estabelecimento de linhas telegraphicas de Tanger a Oran e de Tanger a Marselha.

— *Brazil* — O almirante Custodio José de Mello, chefe da revolta de 1893 e o banqueiro Borlido, seu cumplice, são presos, como envolvidos em conspiração contra a vida do presidente.

— *Grecia* — As potencias recusam as propostas do rei da Grecia para unir ao seu paiz a ilha de Creta, que continuará governada pelo principe Jorge.

— *Hespanha* — O «espada» Saleri é colhido na corrida de touros em Madrid, recebendo um grande ferimento no pescoço.

— *Italia* — 300 estudantes em Napoles votam um accordo de solidariedade com os estudantes russos, ácerca da ex-communhão do escriptor conde Leon Tolstoi.

— *China* — Os salteadores trucidam uma missão ingleza a 14 milhas de Tien-Tsin. Os gabinetes de S. Petersburgo e de Londres accordam submitter o incidente de Tien-Tsin á arbitragem do general de Waldersee.

25 *Portugal* — Dão-se graves desordens em Setubal, provocadas por manifestações anticlericaes.

— *Estados-Unidos* — Um terrivel furacão desvasta a região de Birmingham, destruindo muitas casas e fazendo numerosas victimas.

— *Italia* — Em Napoles é prohibida a representação da peça *La Citta Morta*, de Gabriel d'Annunzio, em virtude dos protestos violentos do publico durante a scena em que a

actriz Duse, protogonista da peça, afoga a irmã para a purificar.

26 *Austria* — O ministerio da guerra ordena a construcção de automoveis de novo systema para transporte de tropas em tempo de guerra.

28 *Portugal* — Chegam a Lisboa a bordo do vapor *Benguella* 714 emigrados boers, seguindo parte para Peniche e parte para Alcobaca, e entre os quaes vem o general Pienaar.

— Chega a Lisboa a embaixada especial ingleza presidida por lord Carrington, que officialmente vem participar a Sua Magestade El-Rei a ascensão ao throno de Inglaterra de Sua Magestade o Rei Eduardo VII. E' recebida com todo o apparatus official da etiqueta.

— *Inglaterra* — O jurisconsulto Barclay advoga a conveniencia de se convencionar um tratado de commercio anglo-francez.

— *Filippinas* — O cabecilha Aguinaldo é aprisionado com todo o seu estado maior pelas forças do coronel americano Fuwston.

— *Italia* — Os trabalhadores do porto de Livorno deliberam não carregar nem descarregar nenhum navio, procedente de França ou que se dirija para este paiz.

— *Hespanha* — Os jornalistas de Saragoça declaram-se em greve, porque as emprezas não augmentaram os seus ordenados.

29 *Hespanha* — Os proprietarios de lojas e de estabelecimentos de Madrid reúnem-se em *meeting*, e deliberam por maioria de votos não acceder ao descanso dominical que pretendem obter os caixeiros e os empregados. — O general Weyler resolve que os seminaristas e individuos pertencentes a congregações religiosas fiquem sujeitos ao serviço militar remivel a dinheiro.

— *Turquia* — E' descoberta em Constantinopla uma conspiração contra a vida do sultão Abdul-Hamid, resolvendo este que o accesso ao *selamlik* fosse prohibido aos estrangeiros e mandando demolir o *kiosque* destinado a visitantes. Parece ter se provas de que a trama era tecida por emissarios estrangeiros.

30 *Uruguay* — O congresso scientifico latino-americano, reunido em Montevidéu, approva uma moção para o estabelecimento obrigatorio da arbitragem entre as republicas americanas. O governo chileno não adhere a esta resolução.

31 *Portugal* — Passa n'esta data o 80.º anniversario da extincção da Inquisição.

— *Hespanha* — Realisa-se em Barcelona, na praça de touros, um comicio anti-clerical, assistindo cêrca de cinco mil pessoas, dando-se alguns conflictos e realisando-se numerosas prisões. — Em Valencia realisa-se tambem um *meeting* com o mesmo fim. — D Tancredo Lopes, hypnotisador de touros, é horrivelmente colhido na praça de Madrid.

ABRIL — 1 *Venezuela* — E' nomeado presidente provisório da republica de Venezuela o general Castro.

— *Russia* — Um pavoroso incendio destroe um bairro inteiro dos arredores de S. Petersburgo.

— *China* — O governo aconselhado pelo vice-rei de Yang-Tsé e por algumas potencias européas recusa-se officialmente a assignar a convenção da Mandchouria.

1 *Filippinas* — Aguinaldo presta juramento de fidelidade aos Estados-Unidos.

2 *Portugal* — Recepção no paço das Necessidades da deputação do *Oxford-Schire Light Infantry* presidida pelo tenente-general Green Wilkinson, a qual em nome dos seus camaradas vem cumprimentar El-Rei o Senhor D. Carlos pela sua nomeação de coronel honorario d'aquelle regimento.

— *Servia* — O rei Alexandre elabora com os ministros e chefes dos partidos uma nova Constituição.

— *Africa do Sul* — O general French retoma as suas operações no oeste do Transvaal para repellir os boers até a Somasilândia. — O coronel Plummer apodera-se de Nylstrom ao norte.

3 *Italia* — 850 operarios da exploração das docas de querenagem declaram-se em greve em consequencia do director se recusar acolher as suas reclamações.

— *Chili* — E' constituido um novo gabinete liberal sob a presidencia do sr. Julio Seegers para dar satisfação á maioria da camara dos deputados.

4 *Hespanha* — As auctoridades prohibem as procissoes em Barcelona, Valencia, Granada e Castellon e n'outras capitães, afim de evitar desordens em vista da agitação popular contra o clericalismo.

Paizes-Baixos — O tenente general A. Kool é nomeado ministro da guerra, sustentando o projecto do seu predecessor sobre a reorganisação do exercito.

5 *Hespanha* — *O sud express*. Madrid-Irun descarrila entre as estações de Palacios e Ataquinos, ficando a maioria das carruagens voltadas, morrendo o fogueiro e um creado do *restaurant* e ficando feridos alguns viajantes.

França — Batem-se em duello á pistolla e depois á espada em Nice o conde de Tasnowskin e o tenente-coronel Tolstoi ficando o primeiro ferido no ante-braço.

Roumania — Realisa-se a abertura do parlamento.

6 *Bulgaria* — O gabinete Karavelof manda prender onze membros do *comité* revolucionario, macedonio bulgaro com o seu presidente Savafof.

7 *Allemanha* — Produz-se em Colonia uma grave crise na industria metallurgica. A fabrica Krupp, em rasão da falta de encomendas, despede milhares de operarios.

Suecia — As duas camaras do Rigsdad rejeitam a proposta do deputado Nystrenn, sobre a abolição da pena de morte.

8 *China* — Rebenta nova revolta na Mongolia e no Cham-Si.

Russia — O tzar encarrega o general Vannorski, ministro da instrucção publica, de reformar e melhorar os estudos, reorganizando as escolas do imperio.

Hungria — O partido socialista, no seu con-

gresso annual em Szentés, reclama uma separação mais completa entre a Hungria e a Austria, bem como o estabelecimento do suffragio universal.

8 *França* — Visita da esquadra italiana aos portos francezes do Mediterraneo, levando a bordo do navio almirante *Lepanto* o duque de Genova, encarregado de cumprimentar em nome do rei Victor Manuel II o presidente da Republica, pagando assim a visita que a esquadra franceza fez em abril de 1899 ao rei Humberto I.

10 *Inglaterra* — Um violento incendio destroe dezoito casas em Andover, lançando na miseria mais d'uma centena de pessoas.

China — O principe Tuan e Tung-Fuh-Siang descontentes com as penalidades que lhe foram impostas por imposição das potencias, fomentam uma revolta na Mongolia e no Chien-Si.

Mecklembourg-Schwerim — (Allemanha). O grão-duque Francisco IV completa dezenove annos de idade e toma a direcção do governo. Desde 10 de abril de 1897 que o duque Jean-Albert exercia a regencia.

11 *Portugal* — Inauguração do congresso dos nucleos da Liga Nacional contra a tuberculose, reunido na sala Algarve da Sociedade de Geographia de Lisboa. E' recebida por Sua Magestade El-Rei o sr. D. Carlos no paço das Necessidades uma numerosa commissão, presidida pelo Em.^{mo} Cardeal Patriarcha de Lisboa, pedindo a restauração das ordens religiosas. A resposta de Sua Magestade El-Rei impressiona agradavelmente a opinião liberal do paiz: «Como Rei d'um Paiz onde a Religião Catholica é a Religião do Estado, accetto a representação e a entrego ao meu governo, para que resolva o assumpto por fórma consentanea com as leis do Estado».

Estados-Unidos — É officialmente confirmado o rompimento diplomatico entre os Estados Unidos e a Venezuela.

14 *Italia* — O pessoal de bordo dos navios surtos no porto de Genova decidem fazer greve geral. Os vapores suspendem a sua partida desde 15.

15 *Italia* — O papa celebra consistorio secreto, nomeando cardeaes os arcebispos de Benevento, Carcovia, Praga, Pavia, Verona e Ferrara, monsenhor Triepi, substituto do secretario d'estado, monsenhor della Volpe, mordomo de S. S., monsenhor Gennari, assessor do Santo officio, monsenhor Martinelli, delegado apostolico nos Estados-Unidos e monsenhor Sanmintatelli-Zabarella, auditor da camara apostolica.

Hespanha — Reunem-se em Barcellona seiscentos operarios catholicos, protestando contra a perseguição religiosa e votando uma mensagem de adhesão ao Papa.

16 — *China* — Um violento incendio destroe o palacio da imperatriz, em Pekin, habitado actualmente pelo marechal conde de Waldersee e pelo estado maior, perecendo o general Schwarzhof em consequencia de ter voltado ao local do incendio para salvar o seu

ção predilecto. Attribute-se o incendio a malvadez.

17 — *Portugal* — Batem-se em duello á pistola trocando duas balas felizmente sem resultado os conselheiros Ferreira d'Almeida ministro de estado honorario e o contra almirante Guilherme de Brito Capello, motivado por discussão na imprensa.

— *Austria* — Cerca de 20.000 austriacos em Vienna dirigem ao tzar uma mensagem pedindo-lhe que conceda á Russia uma constituição liberal.

— *Allemanha* — Dá-se na egreja catholica de S. Miguel em Berlim uma enorme explosão durante o ensaio do cantochão, causando destroços e ferimentos. Julga-se ter sido propostada.

18 — *Canadá* — Declaram-se em greve 700 operarios da fabrica de papel de Gradmore.

— *Italia* — O Papa celebra consistorio publico para a imposição dos chapéus aos novos cardeaes.

— *Ilhas Canarias* — Declaram-se em greve 2:500 carregadores de carvão e de fructas em Teneriffe.

— *Inglaterra* — Sir Michael Hicks-Beach, ministro da fazenda apresenta ao parlamento

o orçamento geral cujo *deficit* avalia em 55 milhões esterlinos. Propõe augmentar a taxa do imposto de rendimento, crear um novo imposto sobre o assucar refinado e sobre o carvão exportado e emittir um emprestimo de 60 milhões. A imprensa mostra-se adversa ao direito de exportação sobre o carvão.

19 — *França* — Um violento incendio destroe duas grandes fabricas no bairro de Chartrons em Bordeus. Os prejuizos são avaliados em dois milhões de francos e ficando numerosas pessoas feridas.

— *Inglaterra* — Suspendem-se as transacções nas docas de Cardiff. Os negociantes de carvão recusam-se tomar a responsabilidade do novo imposto, que os productores tambem não querem aceitar.

20 — *Portugal* — E' publicado um novo decreto, regularisando a situação das associações religiosas no paiz.

— *Inglaterra* — A camara dos commons approva por 186 votos contra 117 o projecto do emprestimo de 60 milhões esterlinos.

— *Russia* — Rebutam desordens na fabrica metallurgica de Chkuta em S. Petersburgo, recusando-se os operarios a trabalhar e incendiando os escriptorios.



NECROLOGIA

ABRIL — 8 Gabriel Charles CALAMARD LA FAYETTE, em Puy, 85 annos, escriptor e homem politico, deixou varias obras entre outras: *Dante*, *Michel Ange*, *Machiavel* e *Poesie des champs*.

15 General GRAS, em Auxerre, inventor da espingarda do seu nome.

18 Sophie Alexandrine CROIZETTE, em Paris, 53 annos, actriz franceza de notavel belleza e intelligencia; debutou na Comédie em 7 de janeiro de 1870 no *Verre d'eau* e deixou o theatro em 1 de janeiro de 1883, casando em 1885 com o banqueiro americano Jacques Stern, dedicando-se por fim á familia.

23 Adolphe GUNKEL, em Dresden, compositor austriaco, deixou alem de outras operas a

Attila cantada em Dresden em 1895 e uma opera comica intitulada *Jean Bart*.

25 Charlotte YONGE, em Winchester, escriptora ingleza, notavel pelos seus contos escriptos para a mocidade, entre outros *O Herdeiro de Radchyffe* que lhe determinou o inicio da sua reputação.

25 Marie DRONSART, em Paris, escriptora franceza, deixou varias traducções de livros inglezes e italianos e alguns originaes, entre os quaes: *Portraits d'outrre Manche*, *Le Prince Bismark*, *Mr. Gladstone*, *Les grandes voyageurs*, etc.

27 Jules Duplessis KERGOMARD, em Morlaix, escriptor francez.



THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante o mez de Abril

MARÇO — 29 CASTELLO HISTORICO, comedia em 3 actos de Bisson e Turique, traducção do sr. Mello Barreto em beneficio do actor Augusto Rosa. (Theatro D. Amelia).

ABRIL — 1 A EMPENHOCA, comedia em 4 actos original do sr. Freitas Branco em beneficio do ensaiador Leopoldo de Carvalho (Theatro do Gymnasio).

5 VIAGEM DO TIO BARRIGA, peça do sr. Lopes Teixeira com musica do maestro Nicolino

Milano (Theatro do Principe Real do Porto).

6 O SEGREDO DA MORGADA, opereta original do sr. Campos Monteiro e musica do sr. Henrique Carneiro (Theatro do Principe Real).

19 BICO DE PAPAGAIO, magica original do sr. Eduardo Garrido com musica do maestro brasileiro Milanez (Theatro da Trindade).

20 OS DOIS BRAZÕES, comedia de Blumenthal e Kadelburg traduzida pelo sr. Lara Everard (Theatro de D. Maria).

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradável entretenimento, daremos com a regularidade possível n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Experiencias sobre os banhos servidos e seu aproveitamento

Raros são os amadores que se preocupam com o emprego e aproveitamento dos banhos servidos, e, todavia são interessantes e vantajosas as experiencias que se podem fazer e entre as quaes apontamos as seguintes do *Photogram* e que não exigem nem laboratorio especial nem profundos conhecimentos chimicos :

1.º—E' sabido que o banho fixador é composto de agua e hyposulfito de soda e quanto mais vezes tiver servido tanto maior é a sua concentração de partes de substancias não reduzidas pelos reveladores. Esta materia dissolvida é sobretudo um sal de prata.

Tome-se um pedaço de cobre, uma moeda de 20 réis, por exemplo, limpe-se escrupulosamente uma das faces, mergulhe-se depois a moeda no banho velho fixador, alguns minutos depois vêr-se-ha a face que se limpou tornar-se prateada. Deixando-a bastante tempo em contacto com o banho augmenta o deposito da prata e fórma-se um verdadeiro espelho se a limparmos levemente com um panno fino.

N'esta experiencia, o deposito da prata é produzido em virtude do phenomeno electrolyse, levando-nos a perguntar se não será possível extrahir do banho a prata n'elle contida.

2.º—Em lugar de inutilisar os banhos de hyposulfito após um emprego mais ou menos prolongado, guardem-se n'um frasco, sendo certo que estes banhos serão tanto mais ricos em prata quanto maior fôr o numero de chapas fixadas.

Tome-se então um boião bem limpo e deite-se n'elle o banho atravez um panno fino, afim de o separar das impurezas que possa conter, enchendo-o até dois ou tres centimetros da bocca.

Mergulhe-se em seguida no boião algumas varetas de cobre ou ainda de zinco, sendo preferivel este ultimo que dá melhor resultado, tendo o cuidado de as limpar muito bem. Demore-se a operação durante alguns dias, devendo-se de vez em quando agitar o liquido.

Deposita-se no fundo do boião um residuo de côr acastanhada ; decanta-se com precaução e deita-se sobre o residuo um pouco de acido azotico em quantidade sufficiente para o cobrir, depois deixa-se repousar em sitio quente, podendo ser perto de um fogão.

A dissolução do precipitado faz-se pouco a pouco com a elevação da temperatura, produzindo vapores nitrosos, devendo haver o cui-

dado de não se aspirar por serem nocivos á saude.

Quando todos os residuos tiverem desapparecido ficará uma solução que será o azotato de prata.

3.º—Enche-se um boião com agua distillada, deitando-lhe 20 ou 30 gottas de acido chlorydrico, e mistura-se bem com uma vareta de vidro.

Dilue-se a solução de azotato de prata, obtida na segunda experiencia, em agua de chuva ou fervida e filtra-se deixando cahir as gottas da filtração lentamente sobre a solução chlorydrica. Fórma-se então um esplendido precipitado branco que se assenta no fundo do recipiente.

Logo que esteja filtrada toda a solução agita-se o conteúdo do boião e deixa-se descansar o precipitado branco que não é mais que o *chloreto de prata*. Juntam-se ainda algumas gottas de acido chlorydrico diluido em seis vezes o seu volume d'agua e se apparecerem ainda novos precipitados deixe-se descansar.

Finalmente decanta-se com precaução e recolhemos então o chloreto de prata que tem sempre facil e util emprego na photographia.

Novo reforçador

A sociedade allemã *Anilin-Fabrikation*, recommenda esta nova formula: Em seguida á fixação do *cliché* e depois de lavado cuidadosamente, ou no caso de estar já secco, immergindo-o em agua fria durante alguns minutos, mette-se n'uma tina contendo o seguinte banho :

Sulfocyaneto de mercurio.....	10 gr.
Chloreto de sodium.....	10 gr.
Agua.....	500 gr.

Ao contrario do que succede com o banho de bichloreto de mercurio, a imagem não desapparece, e torna-se pouco a pouco mais visivel. Retira-se do banho o *cliché* logo que se reconheça ter attingido o resultado desejado, lavando-o em seguida em agua pura.

Querendo tornal-o ainda mais intenso passar-se-ha após a lavagem por um novo banho composto de :

Agua.....	100 cc.
Amoniaco.....	4 cc.

obtendo-se então um tom castanho que se póde tornar negro se em vez do banho de amoniaco fôr empregado um banho de 15 grammas de sulfito de soda anhydro para cada 100 grammas de agua.





— Oh! liberdade de imprensa!...

Resoluções dos problemas do numero anterior

N.º 1 — A carruagem, 54 horas; o comboio, 27 horas.

N.º 2 — Xadrez:

- | | |
|-----------------------|--------------|
| 1. R 7 R | 1. P 5 C R |
| 2. P 4 R | 2. R 2 C Ra. |
| 3. R 7 Ra. | 3. R 1 T Ra. |
| 4. P 5 R xeque | 4. R 1 C Ra. |
| 5. P 6 R xeque e mate | |

Recebemos de muitos dos nossos assignantes resoluções exactas dos problemas mathematicos e de xadrez que publicamos. Entre elles, especialisamos KEPLER, que nos envia uma variante na resolução do problema n.º 1 do mez de Abril, a qual gosiosamente publicamos: — Attendendo a que as velocidades de dois moveis que percorrem um mesmo espaço são inversamente proporcionaes aos tempos gastos a percorrel-o, e dizendo que t é o tempo que leva a carruagem e o comboio a encon-

trarem-se, v a velocidade d'aquella e v' a do comboio, temos:

$$\frac{v}{v'} = \frac{9}{T} \text{ e } \frac{v}{v'} = \frac{T}{36} \text{ ou } \frac{9}{T} = \frac{T}{36} \text{ d'onde } T^2 = 324$$

e portanto $T=18$ e $T+36=54$ e $T+9=27$ que na verdade simplifica a resolução.

Dos problemas de xadrez as resoluções que nos mandaram são todas accordes, como deviam ser.

PROBLEMAS

Num. 3

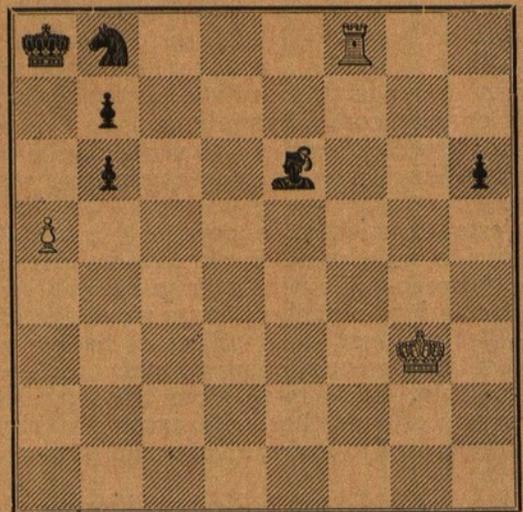
Um barril de vinho tinha 80 litros. Tiram-se-lhe um certo numero de litros e substituem-se por agua. D'esta mistura, tiram-se de novo o mesmo numero de litros que se substituem tambem por agua, depois do que o barril só contem 45 litros de vinho. Quantos litros se tiraram de cada vez?

Num. 4

Curiosidade. — Achar quando se queira juntas as cartas semelhantes d'um baralho. Como?

PROBLEMA DE XADREZ

Num. 5 NEGROS (6 peças)



BRANCOS (3 peças)

Os brancos jogam, e dão mate em sete lances



BONUS AOS NOSSOS LEITORES

Por combinação particular entre as casas em seguida mencionadas e esta empreza, os nossos leitores poderão obter, contra a apresentação do respectivo annuncio, publicado nos **SERÕES**, um bonus de **5 por cento** sobre a importancia das compras que effectuarem n'aquelles estabelecimentos:

MODAS — **Lopes de Sequeira** — Rua do Ouro, 285 a 293.

ALFAYATERIA — **Pinheiro, Sobrinho** — Rua de S. Julião, 83 a 87.

CAMISARIA — **Pitta** — Rua Augusta, 195 e 197.

ARTIGOS DE NOVIDADE — **A Phenix** — Rua do Principe, edificio do Avenida Palace.